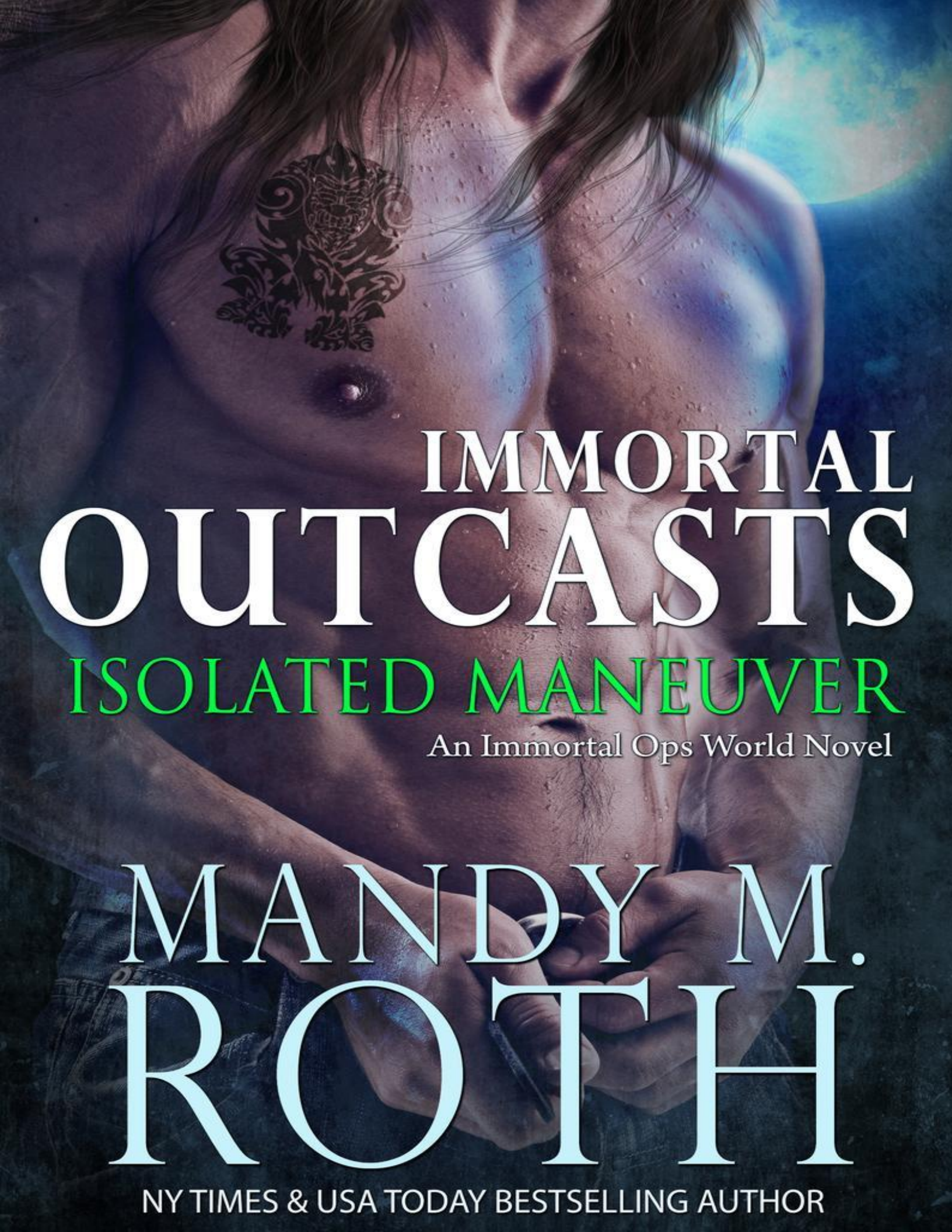

IMMORTAL
OUTCASTS
ISOLATED MANEUVER
An Immortal Ops World Novel
MANDY M.
ROTH
NY TIMES & USA TODAY BESTSELLING AUTHOR



AVISO 1

Essa tradução foi feita pelos grupos Shifter's Homeland e Flor de Lótus de forma a proporcionar ao leitor o acesso à obra, motivando-o a adquirir o livro físico ou no formato e-book.

Os grupos têm como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, os grupos, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros se destina, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.



AVISO 2

Nunca comente com o autor ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a tradução.

Se quer continuar a ter acesso aos livros que não tem nenhuma previsão de lançamento no Brasil, mantenha sua boca e dedos calados.

Respeite o nosso trabalho voluntário e se realmente quiser ajudar o autor, compre um livro dele para contribuir, os autores vivem disso e temos que a fazer nossa parte. Você pode adquirir no formato e-book em vários sites oficiais, assim vai ajudar o grupo e aos nossos amados autores.

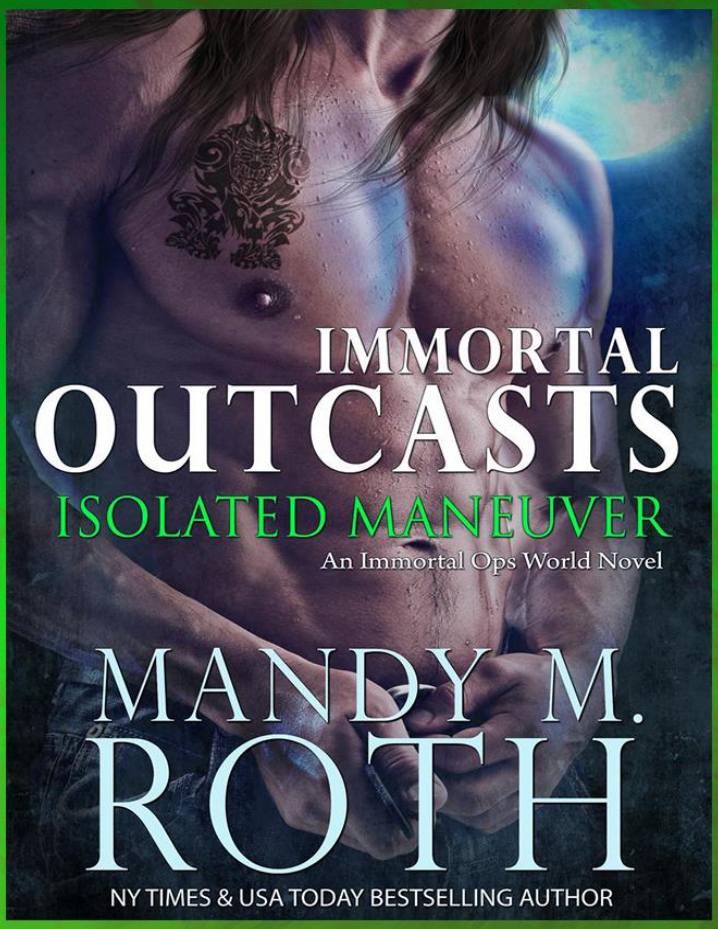
Não publique nossas traduções em Sites, Wattpad, Facebook, Blogger ou qualquer lugar público na internet.

Faça sua parte e terá leitura por muito tempo!

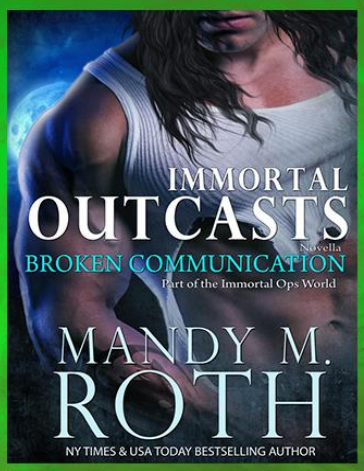
Série by Mandy M. Roth

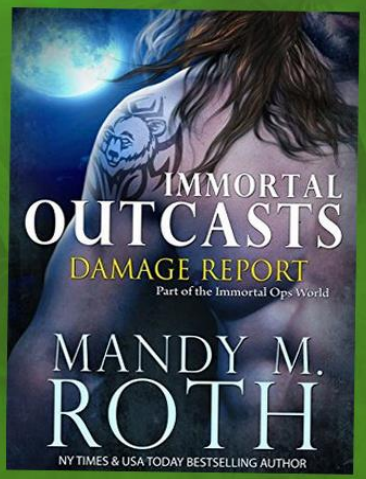
IMORTAL OUTCASTS

LANÇAMENTO



DISTRIBUÍDOS





Flor de Lótus Traduções

Shifter's Homeland

Parceria

Flor de Lótus Traduções

Shifter's Homeland

Equipe de Tradução

Tradução Mecânica: Bella

Tradução: Tateae

Revisão Inicial: Bec

Revisão Final: Violet

Leitura final: Anton Brac

Formatação: Bec Deveraux

Membros da Equipe Immortal OPS

Lukian Vlakhusha: Alpha-Dog-One. Capitão da equipe, shifter lobo, Rei dos Lycans. Livro: Immortal Ops (Immortal Ops).

Geoffroi (Roi) Majors: Alpha-Dog-Two. Segundo-em-comando, shifter lobo, como irmão para Lukian. Livro: Inteligência Crítica (Immortal Ops).

Doutor Thaddeus Green: Bravo-Dog-One. Cientista, tech guru, shifter pantera. Livro: Radar Decepção (Immortal Ops).

Jonathon (Jon) Reynell: Bravo-Dog-Two. Atirador, shifter tigre. Livro: Zona de Separação (Immortal Ops).

Wilson Rousseau: Bravo-Dog-Three. Residente inteligente, shifter rato. Livro: Vulnerabilidade estratégica (Immortal Ops).

Eadan Daly: Alpha-Dog-Three. PSI-Op e manipulador em empréstimo ao I-Ops para completar a equipe, Fae. Livro: Tactical Magik (Immortal Ops).

Lance Toov: Shifter pantera, o status atual é desconhecido.

Coronel Asher Brooks: Chefe das Operações e pessoa do ponto para a equipe Immortal Ops. Livro: Controle Administrativo (Immortal Ops).



Operadores Paranormais de Segurança e Inteligência (PSI)

General Jack C. Newman: Diretor de Operações da Divisão norte-americana PSI, shifter leão. Pai adotivo de Missy Carter-Majors.

Duke Marlow: PSI-Operative, shifter lobo. Livro: Ato da Misericórdia (PSI-Ops).

Doutor James (Jimmy) Hagen: PSI-Operative, shifter lobo. Tomou um hiato de dez anos da PSI. Livro: Act of Surrender (PSI-Ops).

Atacante (Dougal) McCracken: PSI-Operative, shifter lobo

Miles (Boomer) Walsh: PSI-Operative, shifter pantera. Livro: Ato de apresentação (PSI-Ops).

Capitão Corbin Jones: Coordenador de operações e capitão da PSI-Ops Team Five, shifter leão. Livro: Ato de comando (PSI-Ops).

Malik (Tut) Nasser: PSI-Operative, (PSI-Ops).

Coronel Ulric Lovett: Diretor de Operações, Divisão PSI-Londres.

Dr. Sambora: PSI- Operativo, (PSI- Ops).



Imortais desaparecidos

Casey Black: Assunto de teste de I-Ops, shifter lobo. Livro: comunicação quebrada.

Weston Carol: Assunto de teste I-Ops, shifter urso. Livro: relatório de danos.

Bane Antonov: Assunto de teste I-Ops, shifter gorila. Livro: Manobra isolada.

Agentes de sombra

Bradley Durant: PSI-Ops: Agente da Divisão das sombras, shifter lobo. Livro: Wolf's Surrender

Ezra: PSI-Ops: Agente da Divisão das sombras, shifter dragão.

César: PSI-Ops: Agente da Divisão das sombras, shifter lobo.

Crimson Sentinel Ops Division

Bhaltair: Crimson-Ops: Fang Gang, vampiro. Livro: Midnight Echoes.

Labrainn: Crimson-Ops: Fang Gang, vampiro.

Auberi Bouchard: Crimson-Ops: Fang Gang, vampiro.

Reguladores Paranormais

Stamatis Emathia: Regulador paranormal, vampiro.

Whitney: Regulador paranormal, shifter lobo.

Diversos



Culann do Conselho: Pai para Kimberly; fodão Fae.

Pierre Molyneux: Mestre vampiro inclinado a criar uma raça de super-soldados. Esconde-se atrás de ser um comerciante de arte famoso para lavar dinheiro.

Gisbert Krauss: Cientista louco que quer criar uma raça mestre de sobrenaturais.

Walter Helmuth: Chefe do subterrâneo paranormal de Seattle. Em liga com Molyneux e Krauss.

Dr. Lakeland Matthews: Cientista, papel vital na criação de uma equipe bem sucedida de Immortal Ops. Pai para Peren Matthews.

Dr. Bertrand: Cientista louco com Donavon Dynamics Corporation (The Corporation).



Sumário

Sinopse 11
Capítulo Um 12
Capítulo Dois 30
Capítulo Três 41
Capítulo Quatro 52
Capítulo Cinco 63
Capítulo Seis 75
Capítulo Sete 87
Capítulo Oito 113
Capítulo Nove 124
Capítulo Dez 133
Capítulo Onze 147
Capítulo Doze 156
Capítulo Treze 166
Capítulo Quatorze 179
Capítulo Quinze 189
Capítulo Dezesseis 200
Capítulo Dezessete 211
Fim 222



Sinopse

Isolated Maneuver
Livro Três na Série de Outcasts Imortais

Alpha Gorila shifter e ex-Immortal Operative, Bane Antonov, passou anos aprendendo a dominar seu lado da besta. Mas seu temperamento é testado quando duas pessoas do passado não tão distante se apresentam, alegando querer ajudá-lo a encontrar sua companheira. Ele nunca acreditou no destino, ou que o destino tenha algo de bom planejado para ele. Tudo o que sabe é que seu controle arduamente construído quebrar no momento em que atravessa os caminhos com Galiena, uma pequena succubus que faz o alfa nele querer gritar minha. Ela tem a capacidade de quebrar seu exterior calmo e o coração que ele passou décadas endurecendo. Caçada por um homem louco que quer possuir seu corpo, seus poderes e sua alma, Galiena precisa de sua proteção. Bane tem que aprender a libertar sua besta se quiser manter sua companheira segura.



Capítulo Um

Galiena Korsakov movia-se pela sala ornamentada, memorizando-a inteiramente. Ela teve ampla oportunidade de decorar cada seção, cada centímetro. Parou na frente de um armário volumoso e colocou a mão na porta. O armário era feito de madeira, cereja manchada e tinha espelhos atrás das incrustações. A peça era linda e de tirar o fôlego, assim como todos os itens da sala. Nenhuma despesa foi poupada.

Ela abriu uma das portas para revelar uma cômoda, completa com um espelho com iluminação no estilo Hollywood e um banco de puxar. Vários recipientes de maquiagem foram organizados perfeitamente no lado esquerdo de tudo, e à direita estavam diferentes loções e perfumes. Todos eram de alta qualidade, todas eram cores que a complementavam, e cada um tinham sido preparados para ela, como se dar itens para deixá-la bonita faria desaparecer todo mal causado.

Seu lábio enrolou com o espetáculo. Ela odiava, odiava o homem que a prendia.



Torcendo, abriu uma gaveta na mobília superdimensionada e customizada. Dentro da gaveta havia caixas de joias. Mais presentes desde sua chegada.

Mais pagamentos.

Tentativas de suborná-la em obediência e submissão.

Tudo falhou.

Galiena se afastou do espelho, incapaz de suportar a visão de seu reflexo olhando para ela. Ela não mais se reconhecia, e cada dia se tornava mais estranha. Odiava que tivesse sido tão tola de ter caído nas mãos de um louco para começar. Era como se não fosse uma pessoa inteligente. Como se não tivesse tido que fazer seu próprio caminho desde uma idade precoce. Mais do que isso, odiava que seu tempo de resistência estivesse chegando ao fim. Ela não podia negar a seu súcubo interno uma alimentação por muito mais tempo. Fazer isso significaria que perderia o controle. Pior ainda, ela morreria.

Tinha ouvido falar de outros como ela que tentaram lutar contra a natureza. Tentou aguentar contra o maremoto da luxúria e anseio que ser um súcubo trazia. Suas tentativas de manter sua posição acabariam tragicamente.

Logo, ela também.

— Apenas um pouco mais, — sussurrou, sem saber se alguém iria vir por ela. Não sabia com certeza quanto tempo havia passado desde que havia sido sequestrada. Estava prestes a entrar no apartamento que compartilhou com sua melhor amiga, assim que alguém a agarrou por trás. Ela tinha sido subjugada rapidamente, e quando viu, estava em um quarto luxuoso.



Uma gaiola dourada, pensou.

A preocupação com sua melhor amiga pesava sobre ela. Paisley também foi levada? Em caso afirmativo, ela estava presa em um quarto como o que Galiena estava? Perguntou ao captor mais de

uma vez, mas ele lhe deu uma resposta diferente a cada vez. Ele não era confiável.

Ela estava procurando uma fraqueza dentro do quarto desde que acordou lá. O banheiro adjacente era quase tão grande quanto o quarto, mas também não tinha nenhuma saída. Enquanto o mobiliário do quarto era extraordinário e valia mais do que ganharia em sua vida inteira, o quarto não era mais do que uma cela de prisão embelezada.

Tudo no quarto representava o pagamento pelo sexo. Ou, pelo menos, um adiantamento sobre o sexo, já que ela ainda não havia cedido às exigências do homem que a mantinha refém. Logo ela não teria escolha. Logo teria que ceder aos seus avanços ou arriscar-se a sofrer a ira de sua escuridão e sua fome.

A cama de dossel estava adornada com lençóis de cetim vermelho. O mesmo vermelho estava refletido nas cortinas que cobriam as janelas com barras. Mesmo que conseguisse atravessar o corpo pelas barras, estava vários andares acima do nível do solo. E não podia voar.

Ela se encontrou na frente da cama, o olhar fixo nos lençóis de cetim. Sabia o que o homem que a prendia queria. Ele queria levá-la para esses lençóis. Queria que ela se rendesse totalmente a ele. Ela nunca cederia a Walter Helmuth.



Ele era o chefe do subterrâneo paranormal em Seattle, e tinha feito um nome para si fora da área também. Ele passou de dirigir os clubes de luta paranormais para mergulhar no tráfico de sobrenaturais.

Galiena sempre soube que Helmuth não era bom, mas nunca tinha percebido o quanto era maligno até encontrar-se à sua mercê.

Ela tinha trabalhado em um clube de sexo que atendia os sobrenaturais por alguns anos, e ela sempre decidiu quem e o que fazia enquanto trabalhava. Jinx, sua amiga e dona do bordel, dirigia um clube limpo, nunca forçando seus funcionários a fazer algo ou a alguém que não queriam atender.

A maioria de seus funcionários era como Galiena. Eles eram totalmente súcubo ou incubo ou eram parte disso. Toda a energia sexual requerida até certo ponto e todos queriam estar lá. E nenhum deles tinha sido fã de Helmuth quando frequentava o estabelecimento. Sempre houve algo não confiável sobre ele. Algo que afastava os outros dele.

E agora ela sabia o que.

Ele era malvado, doente e torcido.

Jinx sempre atendia Helmuth quando ele entrava exigindo sexo com um súcubo. Ela nunca pediu a Galiena nem a nenhuma das outras súcubo que trabalhavam para ela para atender o homem, mas isso não impediu Helmuth de tentar ganhar tempo com Galiena.



Desde o momento em que se cruzaram logo após o primeiro mês de trabalho no clube de Jinx, Helmuth tentou comprá-la. Tentou adorná-la com joias elegantes, artigos de roupa caros e perfumes. Ela recusou todo avanço.

Não importa o quanto Helmuth tenha oferecido a Jinx para ter um tempo com Galiena, Jinx não cedeu. Nunca tinha sido por dinheiro para ela. Ela, como Galiena, precisava de sexo e energia

sexual para sobreviver. O clube sempre foi sobre fornecer o que eles precisavam para viver enquanto ajudava os sobrenaturais com suas necessidades sexuais.

Nunca houve problemas como os clubes de sexo humanos. Se um sobrenatural fosse acasalado, era para a vida toda, e a maioria dos tipos de machos sobrenaturais não podiam ter relações sexuais com ninguém mais uma vez que conheciam seu companheiro. Havia exceções, como se o imortal conhecesse seu companheiro enquanto era menor de idade. Mas isso era raro, e esses homens não costumavam frequentar clubes sexuais.

Galiena tinha trabalhado brevemente em um estabelecimento humano, e seus dons naturalmente nascidos permitiram que ela sentisse as mentiras masculinas com facilidade. Ela perdeu o controle do número de homens que entraram, alegando que não eram casados, que queriam comprar sexo. Ela dispensou cada um deles. Mesmo que precisasse de sexo para viver, ela também tinha que viver consigo de manhã, e não era uma destruidora de casamentos.

Felizmente, seu tipo era imune a qualquer tipo de doença humana, e ela não podia conceber uma criança com ninguém além de seu companheiro. Pelo menos essa era a maneira que Jinx tinha explicado quando tinha começado a trabalhar para ela. Antes de Jinx, Galiena não sabia muito sobre si mesma ou sobre suas habilidades. Tudo o que ela sabia era, precisava de sexo para viver e para o inferno com as consequências.



Galiena esperava que Jinx estivesse certa sobre ser incapaz de se reproduzir com alguém além de seu companheiro. Ela não seria capaz de rejeitar os avanços de Helmuth por muito mais tempo, e se ela cedesse a ele, não queria ousar pensar em trazer uma criança para o mundo com ele.

Ao pensar em carregar uma criança, sua mente vagou, e ela fechou os olhos, imagens de um homem alto e bem musculoso com um longo cabelo escuro encheu sua cabeça. Não era a primeira vez que ela fantasiava sobre o pedaço de homem que a sua maldita mente se recusava a deixar ver o rosto. Tudo o que sabia era que seu cérebro havia inventado um homem tão perfeito para realmente existir. Queria que esse homem imaginário fosse pai de seus filhos que algum dia pudesse ser abençoada.

Não Helmuth.

Helmuth não era o homem que sua mente havia conjurado. Suas formas de corpo não eram as mesmas. Nenhum homem tinha um corpo tão poderoso quanto o inventado. Provavelmente por isso que sua mente o inventou. Seu lado súcubo sempre se baseou nas imagens dele quando precisava se masturbar para tentar afastar a fome. Ela se agarrou ao seu homem imaginário ao longo do tempo em que estava cativa. Era a forma dele que imaginava enquanto se tocava. E enquanto isso tinha ajudado até certo ponto, já não era suficiente.

Ela olhou ao redor da sala, seu corpo doendo por libertação. Precisava se alimentar e rapidamente. A masturbação não era suficiente. Logo, não tinha certeza se o sexo iria lidar com a luxúria ardente que ela teria que saciar. Galiena não podia envolver sua mente em torno da necessidade de sexo com Helmuth e ceder aos seus avanços.



Ela não o queria em seu corpo.

Não queria o seu toque.

A porta atrás dela se abriu, e ela permaneceu no lugar, observando o homem que começou a detestar. Helmuth usava um terno sob medida, e não

havia um cabelo fora do lugar. Nunca houve. Ele parecia um executivo que talvez pudesse modelar. Se não soubesse quão escuro era sua alma, ela teria pensado que ele era um homem bonito.

Muito bonito.

— Gale, — ele disse, chamando-a pela versão abreviada de seu nome. Somente sua melhor amiga, Paisley, tinha o direito de fazer isso, exatamente por isso ela não respondeu.

Ele respirou fundo. — Tudo bem, Galiena.

Ela se virou para encará-lo, impetuosa na camisola que ele tinha deixado para ela vestir. Os únicos artigos de roupa que tinha no quarto para ela eram todos lingeries ou camisolas. Ela havia pedido outra coisa, vestidos, mesmo que preferisse, e suéteres, pois o quarto era frio.

— Me deixar ir.

Ele deslizou o casaco e colocou-o na parte de trás da cadeira perto da cômoda. — Nós já passamos por isso. Dê-me o que eu quero e podemos discutir outras liberdades.

O homem tinha pedido que transferisse seus poderes súcubos para ele; presenteá-lo com o desejo que rolava nela em ondas, o poder de fazer os outros se curvar aos seus caprichos sexuais, tudo enquanto fazia seu jogo até o orgasmo. Além disso, seu tipo poderia dar a outros maior resistência na cama, também.



Helmuth queria tudo.

Ela não sabia como dar a ele.

— Eu lhe disse que não sei como transferir minha essência sexual para você. Não acho que isso seja possível para meu tipo fazer, — ela criticou, a necessidade de se alimentar a apertando. — Me deixar ir. Por favor.

Ele caminhou até a espreguiçadeira e sentou-se, levantando os pés e cruzando um tornozelo sobre o outro, antes de colocar as mãos atrás da cabeça. Parecia que ele não se importasse com o mundo, e que não era grande coisa, ele estava mantendo presa uma mulher contra sua vontade.

Para ele, mais do que provavelmente não era um problema.

Galiena desejava que ela fosse uma lutadora. Que fosse capaz de exercer seu poder como uma arma, ao invés de apenas como algo para fazer uma pessoa ter um orgasmo.

— E eu lhe disse que já fiz isso, — disse ele de forma uniforme. — Jinx conseguiu fazê-lo.

Ela conseguiu? Isso era novidade para ela.

Galiena virou-se para encará-lo. — Ela fez isso para você?

Ele assentiu. — Frequentemente. O que você acha que ela e eu fazemos?

— Eu não quero considerar isso.

Ele riu, mas não foi amigável. — Ela me deu pequenos gostos do poder que seu tipo detém, e isso durava algumas semanas. Eu preciso de mais. Quero tudo o que você tem. Quero você.



— Eu não sou tão forte como ela é.

— Você é.

Ela olhou para ele. — Você está brincando comigo? Não chego nem perto de ser uma poderosa súcubo como Jinx.

— Tão jovem, — ele sibilou.

Ela baixou o olhar. — Por que me sequestrar? Por que não pedir a Jinx mais uma dose de seu poder? Por que recorrer a isso?

Ela tinha que acreditar que Jinx e seus amigos estavam procurando por ela. Ela não tinha certeza exatamente quanto tempo havia passado desde que havia sido sequestrada, mas deveria ser suficiente para levantar bandeiras vermelhas e para que outros a buscassem. Por que ainda não apareceu ninguém?

Helmuth riu, o som raspando em seus nervos. — Você está nos seus vinte e poucos anos, certo?

Inclinando a cabeça, ela encontrou seu olhar.

— Jinx tem séculos a mais que você.

Jinx era tão velha? Ela não parecia, e certamente não anunciaria o fato.

— Ela vai me procurar, — disse Galiena, levantando o queixo com rebeldia. — Ela descobrirá que você está comigo. As pessoas sussurravam no clube sobre o seu fetiche com o meu tipo. E eles sabem que você tentava comprar tempo comigo. Eles descobrirão isso. Eles virão.



Ele bufou. — Fetiche. Eu gosto dessa palavra.

Ela não se moveu.

Ele permaneceu no lugar, mas sua expressão era fria e mortal. — Ninguém está vindo por você. Jinx

já se foi. Ela limpou tudo aqui e fechou a loja há um mês.

— Você mente, — disse ela, enquanto percebia a verdade de suas palavras.

Jinx e seus amigos do clube realmente a deixaram para trás?

O que os levou a irem embora? Jinx adorava o clube. Ela não deixaria isso de bom grado.

Ela deu um passo para trás, suas emoções transbordando. Sua escuridão escolheu esse momento para avançar, querendo ser alimentada. Fazia muito tempo desde a última vez, e resistir aos avanços de Helmuth estava cada vez mais difícil. Para o tanto que odiava o homem, ela precisava do que ele estava oferecendo.

Sexo.

E se ela estivesse certa, ele precisava que ela fosse capaz de realizar. Sem o seu consentimento, seus poderes súcubo manteriam seu pênis duro.

Ela já tinha visto homens como ele antes. Homens que, mesmo sobrenaturais e muitas vezes imortais, não conseguiram salvar suas vidas. Eles muitas vezes procuraram seu tipo. Súcubo naturalmente libera energia sexual em um grau que muitas vezes aumentava a resistência. Mas, sem o seu consentimento, a escuridão permaneceu bloqueada o suficiente para que Helmuth não começasse a endurecer literalmente.



Não, a menos que ela o tivesse aprovado.

O problema era que ela não poderia aguentar muito mais tempo entre as refeições completas. Já estava cansada o tempo todo e começara a perder peso. Todos os sinais de que ela não estava cuidando

de seu lado súcubo corretamente. Se ela empurrasse muito mais, iria cair, e não gostaria do resultado.

Aconteceu no passado, quando ela entrou pela primeira vez em seus poderes. Ela colocou um jovem homem no hospital por causa de sua escuridão e deixando isso sair do controle. Ela não queria ser responsável por prejudicar os outros novamente.

Helmuth esfregou a virilha através das calças. — Posso ver que você está com fome, Galiena. Nós podemos obter o que precisamos deste acordo.

— Deixe-me ir e eu vou ajudá-lo, — disse ela, desesperada pela liberdade.

Ele riu. — Agora, quem é o mentiroso? Você mesmo, disse que não sabe como me ajudar. Que você não é poderosa o suficiente para fazê-lo.

Ela deu um passo para trás e apertou os punhos, lutando contra a escuridão. As lágrimas brotaram, e ela odiava a fraqueza que estava mostrando na frente dele. Ele era o tipo de homem que respeitava a força, só entendia essa característica.

Ele se levantou rapidamente e aproximou-se, parando a centímetros dela. Ele a olhou de uma altura imponente. — Pare de lutar contra isso. Dê-me o que quero.



— Você não é um bom homem, — disse ela, antes de pensar melhor.

Ele bufou. — O que ser um bom homem tem a ver com você me dando o que eu desejo? Você é uma prostituta. Eu poderia levar o que eu quero de você.

Prostituta.

Ela sempre desprezou a palavra.

— Você não pode e sabe disso, — ela disse, encontrando coragem no pior momento possível. Ela já estava empurrando os limites de sua paciência. Ela o viu atacando homens que trabalhavam para ele, exatamente fora da porta do quarto em que estava sendo mantida. Ele tinha sido brutal e não tinha nada perto de misericórdia. Ele bateu em um dos homens até a morte, e então olhou para Galiena e sorriu.

Ele era mau.

E se ela estivesse certa, ele se alinhara com os homens ainda pior do que ele.

— Eu tenho maneiras de fazer você me dar o que preciso, — ele disse tranquilamente. — Não me faça usar, Gale.

Ela endureceu. — Por que você está assim? Quando eu conheci você, não era assim. Pelo menos não achei que você fosse.

— Talvez eu sempre tenha sido assim, mas você era muito ingênua para notar, — ele retornou, levantando a mão e correndo as costas de seus dedos sobre a sua bochecha.

— Walter? — Ela perguntou, usando seu primeiro nome, esperando atravessar seu exterior duro.



Ele olhou para ela. — Meu coração é de pedra, Gale. Como o resto de mim, em breve. Mas vou admitir que é um pouco menos em relação a você. Não me empurre. Submeta-se totalmente e não force minha mão.

Ela não tinha certeza do que ele queria dizer com seu comentário sobre pedra, e ela não se

importava. Ela só queria ser solta. As lágrimas voltaram. — Não sei como dar-lhe os meus poderes. Se eu soubesse, faria.

— Eu acredito em você, — ele disse, ainda a tocando. — Até descobrirmos como fazer você uma súcubo mais forte, me dê algo mais. Me dê o que você precisa também.

Sexo.

Ela endureceu.

Ele pressionou os nódulos em sua bochecha mais duro. — Eu poderia tomar o que quero. Você deu a quantos outros homens? Por que não eu?

— Você tem gosto de escuridão, — disse com toda a honestidade. — E esse meu lado não anseia a escuridão.

— Posso fazer que você implore qualquer coisa que quero, — disse ele, recuando dela, sua expressão endurecendo rapidamente. — Lembre-se, você escolheu isso.

— Não pedi para ser sequestrada.

Ele lambeu o lábio inferior. — Se você tivesse aceitado meus avanços há muito tempo, não teria chegado a isso.



Galiena sacudiu a cabeça. — Você não pode apenas manter presa as pessoas contra sua vontade. Existem leis, mesmo para sobrenaturais.

— Eu estou acima da lei. Você deve ter percebido isso agora. Ninguém está vindo para ajudá-la. Eles acham que você está morta. Esse é o boato que espalhamos e confie em mim quando digo, deixamos provas convincentes.

Antes que ela pudesse responder, ele já estava fora do quarto, batendo e trancando a porta atrás dele. O baque ecoou pelo quarto, lembrando-lhe que esta era a sua nova realidade. Isso era mais do que provável o quarto em que morreria.

Ela caiu de joelhos, o tapete de pelúcia a amorteceu quando o fez, sentindo-se derrotada. As lágrimas fluíram livremente, e ela inclinou a cabeça, os ombros agitados enquanto chorava.

Depois de apenas alguns minutos, a porta se abriu de novo.

Pensando que era Helmuth, vindo para dar-lhe outra chance de mudar de ideia, Galiena não se incomodou em limpar as lágrimas. Quando ela olhou para cima e viu um homem com um jaleco de laboratório com uma bolsa de médico antiquado, ela ficou tensa. Quatro guardas entraram atrás dele, cada um sorrindo como se soubessem um segredo que ela não sabia.

O homem com o jaleco era velho, mas havia algo sobre ele que dizia que era muito mais velho do que parecia ser. Havia também algo desconcertante com ele. O desejo de manter a distância entre eles era grande. Ele tinha um ar sobre si que dizia que era capaz de uma crueldade incrível, e ele tirava um grande prazer disso.

Quando ele falou, as dicas de um sotaque alemão eram evidentes. — Srta. Korsakov, vejamos toda a grandeza que você escondeu dentro de si, não é?



Ela tentou se afastar de seu alcance, mas os guardas a apreenderam. Eles a puxaram do chão e a levantaram no ar como se ela não fosse mais do que uma boneca de pano.

— Solte-me! — Ela gritou, mas caiu em ouvidos surdos.

— Onde você a quer, Dr. Krauss? — Perguntou um, satisfação em sua voz, como se esperasse que ela lutasse mais.

Krauss, o homem com o jaleco, fez sinal para a cama. — Segure-a lá e descubra o braço para mim. É hora da súcubos tomar seus remédios.

Os guardas compartilharam uma risada às suas custas enquanto eles fizeram como o homem ordenou. Galiena pulou e saltou da cama com a força que os homens usaram. Ela caiu com força no chão e estremeceu quando algo fundo dentro de si pareceu como se tivesse quebrado. Os homens a agarraram, levantando-a parcialmente do chão, segurando-a lá suspensa quando Krauss mergulhou uma agulha no braço dela, injetando-a com algo que queimava. Ela podia sentir isso enquanto se movia através de seu corpo, aquecendo seu interior até o ponto que ela pensou que poderia explodir em chamas.

Krauss riu enquanto ela se contorceu de dor. Os homens a soltaram e ela ficou mole no chão. Krauss então curvou-se e afastou seus longos cabelos de seu rosto, tocando sua bochecha com ternura. — Veja como você cresceu.

Ela deitou-se ali, olhando para ele com olhos cheios de umidade, seu corpo com tanta dor que ela não podia falar ou se mover.



O homem enlouquecido continuou a tocar seu rosto. — Você sabe, eu criei você.

O que?

A pergunta deve ter mostrado em seu rosto quando ele tocou entre as sobrancelhas. — Você é um dos meus filhos. Uma das minhas criações. Ajudei a fazer tantos de vocês. Todos especiais, todos talentosos, todos milagres.

Ela ofegou. O velho doente era seu pai biológico?

Ele riu novamente. — Eu vejo as rodas girando, Galiena. Embora não tenha sido seu pai, sou o homem que aperfeiçoou a técnica que levou à sua criação. Isso levou ao seu nascimento. Eu e meus colegas reunimos mulheres viáveis para levar cada um de vocês. Embora agora, apenas usamos mulheres para incubar nossos jovens em raras ocasiões. Ou oportunidades especiais, como criações de acasalamento. — Ele olhou para longe e bufou. — Não tenho ideia de por que a PSI continua a se referir a todos vocês como parte do Projeto Ásia quando seu alcance estava em todos os lugares, não limitado a Ásia. Nós possuímos laboratórios em todos os países, em todos os cantos do globo. Nós acumulamos amostras de tantos sobrenaturais que nossos testes foram destinados a grandeza.

Ela foi criada em um laboratório por esse bastardo doente diante dela?

Não.

Ele não poderia estar dizendo a verdade, poderia?

Ele tocou seus lábios. — Você é tão especial. Você tomou tantos fios diferentes de DNA sobrenatural, com apenas as misturas certas, para lhe dar um poder extraordinário. Você já deve ter amadurecido todos eles. E sua mente não quebrou quando desenvolveu os dons súcubos, como muitos dos meus outros filhos fizeram.



Parecia ir longe por um momento antes de suspirar. — Muitos se perderam para a loucura ou se suicidaram. Outros tiveram de ser abatidos como animais raivosos. Mas muitos sobreviveram. A Corporação ajuda a localizar todos eles agora, ajudando-me a reunir minha família mais uma vez.

Quero tornar todos vocês ainda mais fortes. Melhores ainda.

Ela gritou silenciosamente enquanto seu corpo continuava queimando com aquilo que ele tinha dado a ela.

— Se você viver depois disso, — ele disse, curvando-se mais e plantando um casto beijo em sua cabeça. — Você será uma força a ser contada. Você será imparável. E você pode então ajudar a gerar a próxima geração de super-soldados. Você pode nos ajudar a criar nosso exército, pois uma guerra está chegando. Em breve, vamos assumir o controle do mundo. Não mais viveremos nas sombras. Não vamos esconder quem somos e o que podemos fazer. Os seres humanos são gado e devem ser tratados de acordo.

Ela tentou balançar a cabeça, tentou resistir.

Ele não parecia notar ou se importar. — Estamos tão perto de aperfeiçoar nossos híbridos. Tão perto de obter a fórmula certa. Estamos perdendo menos durante o processo de conversão agora. Costumava ser cem por cento. Agora, só perdemos cerca de setenta e cinco por cento.

Ela chorou com mais força. Ela só tinha uma chance de vinte e cinco por cento de sobreviver o que ele estava fazendo com ela?

— Oh, Galiena, as coisas que poderei te ensinar. Aguarde até ver tudo pelo qual trabalhamos tanto. Nós somos o futuro, e o futuro está quase aqui. Nós estamos no auge de uma nova era.



Entre seu sotaque e sua retórica, tudo o que Galiena poderia pensar era em Hitler e o que tinha aprendido na escola sobre a Alemanha nazista e a busca do homem por uma raça pura. Seu estômago apertou e as lágrimas chegaram mais rápido.

Ela não ajudaria Krauss com seu plano. Ela faria o que fosse necessário para libertar-se dele e seu plano.



Capítulo Dois

Semanas Depois...

Bane Antonov ficou com os braços cruzados sobre o peito e o olhar fixo no estacionamento escuro diante dele. Enquanto ele estava imóvel e tinha um exterior calmo, sua besta tinha ficado inquieta até tarde, como se percebendo que algo estava no horizonte. A meditação e a reflexão não ajudaram a aliviar o mal-estar. Nada havia reprimido a agitação. Já podia ouvir o sangue correndo por suas veias, batendo nas orelhas. Suas palmas coçavam por uma mudança, querendo ir à forma de besta, em preparação para algo, mas o que?

Ele não tinha certeza.

O cheiro da cidade bateu-o com força, aliviando sua mudança pendente. Tão sensível quanto os sentidos de mudança, ele teve que tomar um momento para acalmar seu estômago quando o fedor da cidade o lavou. Ele estava vencido por causa de sua estadia prolongada no Congo. Seu lado besta estava em necessidade desesperada por seu habitat natural, mas o dever o chamava.



As sirenes da polícia perfuraram a noite, suas luzes se espalhando pelo prédio mais próximo dele enquanto eles seguiam a rua à sua direita. Parte dele se perguntou sobre o que a polícia poderia estar respondendo, mas ele aprendeu muito em sua longa vida, e a maior lição que tirou de tudo isso foi que os humanos eram capazes de uma crueldade incrível.

Então, eram sobrenaturais.

Ele sabia.

Ele sofreu por atos horríveis nas mãos de ambos.

Como um imortal, ele tinha estado por aí tempo o suficiente para ver todos os tipos de mal. E muitas vezes, veio dos lugares mais inesperados - às vezes de dentro.

Ele olhou para a direção que os policiais tinham ido e pensou nos anos setenta, quando passou uma década trabalhando como detetive para a agência de aplicação da lei humana como membro do Departamento de Polícia da Cidade de Nova York. Manter sua verdadeira identidade escondida tinha sido muito mais fácil naquela época, antes dos smartphones e da internet. Ainda era possível. Apenas dava mais trabalho.

Ao longo de sua longa vida, ele assumiu muitas ocupações e identidades diferentes. Gravitar em direção a profissões que tinham vínculos com seu treinamento militar parecia ser algo que ele fazia com frequência. Foi onde se sentiu mais confortável. Ele tinha sido um excelente detetive e muitas vezes considerava escolher a profissão mais uma vez. Precisaria colocar mais tempo entre agora e depois, no entanto. Seria muito fácil colidir acidentalmente com alguém que tinha estado ao mesmo tempo em que teve essa identidade.



Uma pequena parte dele puxou profundamente, querendo que ele dirigisse na direção em que a polícia tinha ido investigar o que aconteceu. Sua ocupação atual correu mais ao longo das linhas de mercenário, embora ele detestasse o rótulo. Receber para usar seu conjunto de habilidades o tornou inteligente,

não um cara ruim -como tantas pessoas gostavam de associar à palavra. Além disso, o que ele estava fazendo agora era importante.

Vidas estavam em jogo.

Um pequeno comichão na parte de trás de sua mente começou e a preocupação o puxava. Sua mão foi para o bolso de trás, onde ele manteve sua carteira. Nela havia uma foto que ele havia recebido da companheira de um amigo. Paisley queria ajudar a encontrar sua melhor amiga e ex colega de quarto, Gale, então ela pediu a seu companheiro, Weston, que investigasse. Claro, Weston pediu a ajuda de seus amigos. Bane fazia parte do grupo que havia procurado a jovem súcubo desaparecida, apenas para encontrar o rastro frio. O pouco de informação que tinha sugeriu que Gale estava morta, mas Paisley se recusou a acreditar nisso.

Bane também, mas ele não expressou isso.

Não há como ignorar as esperanças de Paisley.

Ele manteve sua mão em seu bolso por um momento, pensando na foto em preto e branco em sua carteira. Era a única de Gale que existia. Ela, como muitos sobrenaturais, fez o possível para evitar câmeras e gravadores de vídeo. Pela foto, Bane já sabia que ela era impressionante. No entanto, a foto estava muito embaçada e mostrava que ela e Paisley riam, segurando-se em uma cabine fotográfica e fazendo caretas para a câmera. Aparentemente, elas beberam muito naquela noite e pensaram que seria uma boa ideia entrar no estande.



Bane não deixou que a foto saísse de seu lado desde que lhe fora entregue. Mais de uma vez, ele olhou para ela enquanto tratava suas próprias necessidades. Ele a dobrou para que Paisley não

estivesse aparecendo, porque se masturbar para uma foto, incluindo uma da esposa de seu melhor amigo, pareceu errado. Mas a outra mulher na foto manteve sua atenção e o deixou ligado de uma forma que o confundiu.

Foco, ele lembrou a si mesmo. Menos atenção a uma garota que é mais do que provável que esteja morta e mais na missão atual.

Bane voltou sua atenção para o antigo prédio industrial do outro lado do lote escuro. A informação fornecida por um de seus informantes o levou à área, com a esperança de encontrar mais pistas que poderia transmitir às equipes de Ops ou agir sobre si mesmo. O último era mais do que provável como as coisas iriam jogar fora. Bane tendia a tomar as coisas em suas próprias mãos.

Mais do que qualquer homem deveria.

Até agora, tudo o que ele tinha visto era um monte de nada acontecendo no caminho do prédio. Ele prometeu a um amigo íntimo que esperaria no local para que chegassem os contatos que pudessem ajudar a esclarecer o surto dos desaparecimentos dentro do subterrâneo sobrenatural. Bane estava olhando para eles desde que chamaram sua atenção não muito tempo atrás. Ele ajudou Weston e, no processo, abriu os olhos para o fato de que seu tipo enfrentava uma nova ameaça.

Como se seu próprio governo não fosse suficiente.

Agora os idiotas queriam capturá-los, torturar e testá-los, e, em alguns casos, vendê-los aos melhores concorrentes.



— Por que não, certo? — Ele perguntou em voz alta, apesar de estar sozinho no estacionamento.

Preferiu manter sua própria companhia. Ficar perto de outros nunca tinha terminado bem para ele. As únicas pessoas com quem poderia chamar de próximos, eram os homens com os quais ele havia servido, os homens com quem passara nos testes, pensando que eles iriam para o outro lado, super-soldados, e não os monstros que eles realmente haviam feito deles. Quando ele se ofereceu para o teste, foi com a ideia de que ele sairia de lá como um homem melhor, um soldado melhor. Eles nunca lhe disseram a verdade. Que eles estavam manipulando o DNA. Que estavam alterando o código genético para super-soldados.

E eles nunca foram honestos sobre os efeitos colaterais. Os homens com quem tinha servido morreram durante os testes. Outros tinham acabado por se tornar como conchas quebradas. Todos tinham sofrido os mesmos horrores que ele.

Inferno, alguns até tiveram pior do que ele.

Bane tinha aprendido tudo sobre o que lhes foi feito após o fato. Depois que encontrou a liberdade. Embora não fosse um cientista, ele entendeu que a realidade era que os testes e manipulações de DNA, a clonagem, a alteração genética e a eugenia começaram muito antes de o público ser informado. Muito antes de Hitler e o Partido nazista se tornarem infames por seus testes. Muito antes de Dolly, a ovelha. Mas os humanos e o público em geral não queriam conhecer os detalhes sangrentos. Não queriam saber a verdade. Não queriam conhecer as mortes acumuladas em nome da ciência.



E eles com certeza não queriam conhecer homens e mulheres que poderiam se transformar em animais que caminhavam entre eles.

A verdade era que shifters sempre houve e sempre haveria. A maioria era natural, mas alguns,

como ele, tinham sido feitos pelo homem. Criado em laboratórios. No entanto, pelo seu entendimento, o único motivo pelo qual o teste tinha funcionado nele foi porque ele possuía genes recessivos e DNA sobrenatural para começar. Em algum lugar da linhagem da família tinha um sobrenatural. Possivelmente mais do que um. Isso fez o seu corpo aceitar o teste feito sobre ele. Mas nada era infalível ou perfeito. Ele era um testemunho disso.

Ele era falho.

Seriamente falho.

Seu temperamento e seu autocontrole sempre foram questionados. Isso lhe deixara mais uma responsabilidade para o governo do que um bem, e eles tinham feito com ele o que fizeram com tantos outros como ele, eles primeiro o abrigaram em uma prisão que chamavam de instalação de tratamento, e então eles tentaram matá-lo.

Tentando encobrir seu erro.

— Foda-se, — ele disse severamente. — Ainda estou de pé. Precisa de muito mais do que isso para me derrubar.

Levou tudo o que ele tinha para evitar cair em um poço de desespero mais uma vez. Levou-o ao longo de uma década para meditar seu caminho a partir do desolador esquecimento que tinha sido sua realidade há tantas décadas antes. Retornar aos antigos processos de pensamento e a auto aversão não o aproximaria de seu objetivo atual.



Ele precisava de novas informações sobre os chefões que estavam raptando sobrenaturais, e ele precisava disso agora, e não mais tarde. Vidas estavam em jogo. Uma vez que Bane tinha descoberto sobre os acontecimentos subterrâneos,

ele alcançou a rede dos outcasts e ficou surpreso ao perceber quantos homens tinham ficado fora de contato. Isso não era normal deles. Todos eles tinham maneiras de se certificar para ficar fora da grade, mas alguns não tinham feito isso.

Essa foi uma das principais causas de preocupação.

Especialmente porque os que não tinham verificado eram conhecidos por ser confiáveis e não tinham o hábito de desaparecer. Ele teve dificuldades entre aqueles de quem confiava, mas até agora, não havia muita informação retornada.

Ele esperava que os contatos que conhecia pudessem esclarecer tudo. Tomaria qualquer momento que pudesse. Ao verificar o relógio novamente, Bane tomou nota do atraso nos contatos.

Seu instinto lhe disse que algo estava errado.

Para abortar e limpar a área.

Mas ele não fez isso.

Ele se recostou contra seu SUV, cruzou um tornozelo sobre o outro e cruzou os braços sobre o peito. A possível informação que ele ganharia se os contatos realmente se mostrassem seria muito valiosa para desistir. E ele estava com uma merda antes, então correr porque ficou assustado não estava nele. Seu shifter era o tipo que tomava as ameaças de frente. Ele não se encolheu. Nem a sua besta.



Sua mente se afastou quando mais sirenes soaram na distância.

A cidade nunca dormia.

Isso fazia parte do que ele gostava e não gostava. O lado shifter dele desejava a região selvagem e livre na natureza. O lado humano, que ele sentia como se estivesse diminuindo diariamente, desejava pessoas e companheirismo.

Mas isso não era para ser.

Ele não conseguiu chegar muito perto dos outros.

O governo havia mudado ele, e fazendo um monstro - algo que nunca poderia conhecer o amor. Ele era um perigo para qualquer um que deixasse chegar muito perto. Recordou a dor que arraigou nele, e fechou os olhos, desejando isso. Relembrar o passado não o levaria a lugar nenhum. Ele sabia. Tinha feito o suficiente na sua longa vida. Inferno, passou algum tempo no Oriente, estudando técnicas de meditação e controle de temperamento com um grupo de monges. Durante seu tempo com eles, ele olhou para si mesmo, e não gostou da imagem olhando para ele.

Ele se tornaria um homem amargo e irritado que andava em uma corda bamba emocional diariamente. Mais de uma vez, ele caiu e caiu forte, cada vez que as pessoas morreram. Ele queria culpar o governo; pelo que eles fizeram, pelo que eles o transformaram. Mas na realidade, ele tinha sido uma bola de fúria ardente antes de ser testado. O teste apenas exacerbou tudo. Isso lhe dava a desculpa que estava procurando desesperadamente permissão para deixar sua raiva solta aos outros. E ele tinha feito exatamente isso. Não estava orgulhoso do fato, e não havia nada que pudesse fazer para compensar completamente seus pecados passados.



O melhor que poderia fazer agora era diminuir os efeitos ondulantes do teste que ele já esteve tão interessado em participar.

Os outros homens que sofreram os testes e acabaram menos do que perfeitos aos olhos do governo também foram forçados a viver escondidos.

Muita merda louca estava aparecendo na comunidade sobrenatural. O que quer que estivesse acontecendo tinha os insetos que dispersavam a luz do dia, deixando bandidos saindo de todos os ângulos. Agora, seu povo, os Immortal Outcasts, como eles haviam sido chamados, estavam sendo caçados não apenas pelo próprio governo que eles juraram servir e proteger, mas também por esses caras ruins.

Claro. Por que não?

Seu contato agora estava seriamente atrasado. Quando Bane colocou sensores no subterrâneo paranormal em busca de informações sobre os homens com quem ele já serviu, poderia ter sido vítima de um colecionador de sobrenaturais, ele não estava certo do que voltaria. Durante as primeiras semanas, a informação vazando era sombria, para dizer o mínimo. Os poucos pedaços que haviam chegado a ele que não estavam cheios de escuridão e desgraça provou ser de trabalhos loucos, e a informação falsa.

Bane passou anos cultivando contatos que a maioria terminaria como semente. No inferno, a maioria o chamaria de mercenário e também questionaria sua moral. Não dava a mínima para o que disseram sobre ele. Sabia que não era perfeito. Ele era o que o governo o havia feito - defeituoso e cerca de cinquenta por cento fodido.



— Cinquenta? Tente cem.

Ele girou a cabeça, fazendo o pescoço estalar alto. Seu corpo estava tenso com a necessidade. Faz meses que ele não fazia sexo. Ele se aproximou de completar o ato há pouco tempo, quando ele e um

amigo tinham ido a um clube sexual local, mas os bandidos decidiram interromper sua transa, foi uma má ideia. Isso tinha terminado mal para eles, então essa lição espero que tenham aprendido.

Provavelmente não.

Ele nunca teve relações sexuais com ninguém com quem se importasse. Nem uma vez na sua longa vida. Quando ele estava na adolescência, teve relações sexuais com a primeira garota que dissera que queria isso como uma forma de perder sua virgindade. Ele não estava orgulhoso do fato. Deveria ter sabido que algo era diferente sobre si mesmo. Ele tinha ficado selvagem na cama, mais do que outros já haviam sussurrado. A menina pareceu atordoada, mas satisfeita. Ela também tinha sido muito experiente em relação a ele na época. Durante esse encontro, teve que lutar para não ser muito áspero com ela. À medida que envelheceu, sua perda de controle durante o sexo piorou, e então, quando passou pelos testes para ser transformado em um super-soldado, foi para o inferno num carrinho de mão.

Ele não gostava de pensar sobre tudo isso. Os efeitos do teste o deixaram danificado emocionalmente em mais do que um jeito. O ser maior, ele não confiava mais em si mesmo durante o sexo. Ele procurou ativamente as prostitutas sobrenaturais, onde ele poderia ter sexo com sobrenaturais que desejavam o sexo da maneira que ele tinha que ter.



Duro e sujo.

E ele odiava cada segundo, mas negar suas necessidades masculinas só deixava seu lado fera mais imprevisível. Era algo que ele não podia permitir que acontecesse. As pessoas acabavam morrendo.

— Termine isso, e então você pode se aliviar, — disse ele enquanto continuava a pesquisar a área. Ele usou o tempo sozinho para se acalmar. A capacidade de centrar seu foco e manter seu temperamento já notório sob controle até certo ponto, havia passado inúmeras horas com os monges em um templo escondido em um canto distante do Oriente. Ele sabia que sempre teria que trabalhar para manter o seu lado animal sob controle, mas que outra escolha ele tinha?



Capítulo Três

Pensando em desistir e sair, Bane descruzou seus tornozelos, se arrumou e retirou as chaves do bolso do jeans dianteiro. Quando ele fez, faróis salpicaram o estacionamento, temporariamente o cegando. Ele amaldiçoou suavemente, mas se manteve ali quando o veículo puxou para uma parada repentina a uma boa distância a quinze metros dele. Quem estava dirigindo tinha pés de chumbo e precisava de lições de condução. Eles também tinham um gosto interessante para música, já que rap dos anos noventa surgiu do carro.

Ele fez uma dupla avaliação quando pisaram dois homens que tinham a habilidade de deixá-lo cansado por nada mais do que a simples sugestão de seus nomes.

Gus e Bill.

Sua dura luta por controle desfiado instantaneamente ao ver os dois homens. Quando ele notou que eles estavam viajando sozinhos, olhou para cima, de uma maneira como se estivesse pedindo a um poder maior para lhe dar paciência, e então ele fechou os olhos no pequeno homem de cabelos longos que tinha saído do lado do motorista do veículo.



Bill mal batia no peito de Bane e estava vestindo um terno que claramente não era dele. As calças foram enroladas várias vezes nas pernas, indicando que o dono do terno era consideravelmente mais alto do que o homem. O casaco não dava para abotoar e mal encaixava a barriga do homem. A

gravata foi feita ao acaso, como se estivesse com pressa e no escuro, e a camisa tinha ondas. Um par de óculos escuro completou o visual.

— O que diabos você está vestindo, Bill? — Perguntou Bane.

Bill olhou por cima do ombro e baixou os óculos de sol. — Meu codinome é zero-zero-seis-nove. Eu não sou apenas legal e disfarçado. Também sou bom na cama.

— Você parece ridículo, — disse Bane.

Bill olhou para ele. — Sim, bem, pelo menos eu não tenho cabelo de garota.

Sem pensar, Bane estendeu a mão e tocou seus longos cabelos escuros, que atualmente estavam puxados para o que ele havia ouvido algum termo como coque de homem. Ele não se importou muito com o nome e não gostava de machos humanos criticando seu visual. Ele tinha usado o cabelo dessa maneira há décadas, já que ele desistiu de parecer atraente e acessível, não porque tivesse retornado como uma declaração de moda.

— Garotinha, — sussurrou Bill, mas a audição sobrenatural de Bane pegou isso imediatamente.

— Abaixe a música, — Bane disse, seus ouvidos sensíveis não gostam do volume alto com o estado de espírito em que estava.



Bill balançou a cabeça. — De jeito nenhum. Sou barra pesada O paraíso 'Gangsta' me representa totalmente.

Bane murmurou. — Claro que sim.

Bill dançou em um círculo e depois puxou as mangas do casaco.

— Você está com ciúmes que eu sou tão hardcore.

— Deve ser isso. O que diabos você está fazendo aqui?

Bill olhou-o cautelosamente. — Você está realmente matando meu zumbido.

A exaustão de lidar com Bill correu por Bane. — Por favor, me diga que você não estava dirigindo enquanto está viajando em drogas.

— Eu vivo minha vida viajando, irmão.

Irritado, Bane teve que se forçar a permanecer no lugar. — Casey sabe que você está aqui? E se eu tiver razão, vestindo seu terno?

Bill puxou os lados do casaco, tentando fazê-los se encontrar no meio, mas a tentativa era inútil. Nenhuma quantidade de puxar seria possível fazer o botão se encontrar na casa sobre o estômago arredondado de Bill. — Nós pedimos emprestado um de seus carros, e ele não estava usando este terno. A camisa é minha, no entanto. Senhoras gostam de um homem que trabalha duro para ficar bem.



Bane apertou a ponte do nariz e depois retirou o celular, encontrando o número de contato de Casey ao mesmo tempo. Ele apertou o botão e esperou que seu amigo de longa data atendesse. Quando ele fez, Bane falou. — Você não está sentindo falta de dois idiotas?

Bill usou o momento para ajudar Gus, um homem alto, magro e pálido, do lado do passageiro do veículo. O homem tinha uma camiseta que era feita para parecer que era um smoking, que tinha vários tamanhos a mais que ele e um capacete de

futebol. As calças de xadrez verdes brilhantes que ele tinha emparelhado com o conjunto fizeram com que os olhos de Bane se machucassem. Para completar, Gus tinha em um par de óculos de voo antiquados.

— Você está com Bill e Gus? —Perguntou Casey, alívio evidente em sua voz.

— Tenho os olhos sobre eles. E deixe-me dizer-lhe, eles parecem que fugiram do maldito circo, cara. Isso ou uma instituição mental. Ah, e você sabia que Bill se deu um codinome?

— Onde você está? — Perguntou Casey.

— Seattle.

Casey soltou uma série de palavrões e, em seguida, cobriu o telefone, soando abafado quando falou com outra pessoa na sala com ele. Quando Bane percebeu que Casey estava conversando com sua amiga, Harmony, ele quase riu. Pobre Casey soava como se Harmony mantinha suas bolas em um frasco na cornija de sua lareira. Inferno, a mulher provavelmente os tinha montado acima da entrada da sua casa para que todos vejam quando cruzaram o limiar.

Estou feliz que não tenho que responder a nenhuma mulher.



— Eu não sei como eles conseguiram chegar até Seattle, — Casey disse, sua voz fora. — Querida, por favor. Eles estão com Bane. Tenho certeza de que estão bem.

Bane estava prestes a comentar, mas não conseguiu falar uma palavra.

— O que? Não, ele não vai comê-los como Weston ameaça. Espere. Bane, você vai comê-los?

Bane bufou. — Não, o pequeno cara sempre cheira a erva, e essa merda me dá indigestão.

Casey pareceu aliviado. — Você pode ficar de olho neles? Preciso de um tempo para preparar o jato para a decolagem.

— Por que eles estão aqui? — Ele perguntou.

— Seu palpite é tão bom quanto o meu. Estavam de férias com Weston e Paisley, no Tennessee, na cabana de Weston, e depois estavam de volta algumas horas e roubarem um dos meus carros e algumas das minhas roupas. Estive procurando por eles desde então. Isso foi quase uma semana atrás.

— Foda-se, eles foram deixados sozinhos por muito tempo? — Perguntou Bane, lembrando muito bem o problema que o par poderia entrar quando deixados sozinhos. Ele os conheceu quando foi ajudar Weston. Bill e Gus se inseriram nessa situação também, e enquanto eram bons para alívio cômico, eles eram uma responsabilidade. Uma que ele não tinha tempo agora.



Apesar disto, ele não podia apenas permitir que eles vagassem livremente. Eles precisavam de cuidados, e Casey, um colega Immortal Outcast e amigo íntimo, não o perdoaria se algo acontecesse a qualquer homem. Os homens estavam aos cuidados de Casey e, enquanto estavam com problemas, Casey se importava muito com eles.

— Harmony e eu estávamos procurando por eles em todos os cantos. Eu até usei as antenas da Rede de Outcast, mas não havia nada. Quando Bill

quer sair da grade, ele faz isso. Estou feliz por terem encontrado você - alguém em quem eu confio.

Bane suspirou. — Claro, culpe-me em não comê-los.

Casey soltou uma risada nervosa. — Tudo o que for preciso, irmão. Eu preciso ligar para Weston e deixá-lo saber que eles estão com você. Ele e Paisley também estiveram preocupados.

— Claro que sim. Acasalamento fez vocês dois muito suaves.

Casey bufou. — Espere até encontrar a sua companheira. A mesma coisa acontecerá.

— Duvido, eu sou um dos homens abençoados. Eu vou ter que ficar com técnicas calmantes que aprendi no Oriente.

— Então, todos estamos ferrados.

— Foda-se, — disse Bane.

— Se você deseja.

Bane limpou a garganta. — Então, como está indo Paisley? Ela ainda pensa que a sua amiga está viva? — Sua voz parecia indiferente, mas, na realidade, ele teve dificuldade em sacudir a súcubo de sua mente. Sua mão foi para o bolso, a mão com a carteira e a foto de Gale. Ele não a retirou, mas tocou a área antes de retirar a mão.



— A súcubo que sumiu semanas atrás? — Perguntou Casey, sua voz aumentando.

— Sim.

— Eu não consegui falar ao telefone com Weston ainda, mas se fosse minha companheira, e ela pensasse que uma de suas amigas ainda estava viva e precisava de ajuda, ela não deixaria o assunto.

— Paisley não está deixando morrer. Ela me pediu para continuar olhando tudo. Nenhum corpo foi encontrado e até que haja um, Paisley não vai acreditar que sua amiga está morta. Eu também não vou, — disse Bane, sem saber por que ele se preocupava tanto com uma mulher que nunca conheceu.

— Você está bem? — Perguntou Casey.

— Tudo bem, vou agora. Vou levar esses dois de volta ao meu lugar comigo, e não os deixarei entrar em mais problemas.

Casey bufou. — Boa sorte com isso.

— Não deve ser tão difícil, certo? Quero dizer, eles são apenas humanos, — disse Bane, desligando e olhando para os homens. Ele não acreditava nas suas palavras. Eles tinham problemas com certeza. — Alguém tem alguma explicação a dar e, como o cabeça de capacete não fala, é com você, Wild[1] Bill.

O orgulho brotou no rosto do homem de cabelos escuros ao usar seu apelido. Foi bem merecido. Durante a Guerra do Vietnã, a DARPA decidiu que seria uma ótima ideia construir elefantes mecânicos para uso nas selvas para ajudar nos esforços de guerra. As máquinas haviam sido um problema, e se o boletim tivesse razão, um tinha passado por uma fúria esmagadora, e Bill escalara isso e o montou antes de conseguir subjugá-lo. Ele usou o apelido Wild Bill desde então



[1] Selvagem

e, é claro, o DARPA negou ter implementado os elefantes mecânicos em primeiro lugar.

O Ops sabia tudo.

DARPA colocou muita merda em vigor ao longo dos anos e possuía muito pouco disso. Bane não podia culpá-los. Ele não gostaria de ter crédito pela maior parte dessa merda louca também.

Gus girou em torno de um círculo e depois bateu no capacete na cabeça várias vezes seguidas. Bane apenas deixou o homem fazer o que faz, já sabendo que era imprudente tentar tocá-lo.

Bill tinha um relacionamento diferente com o cara. Ele seguramente agarrou o braço de Gus, não provocando reações dramáticas. — Se acalme. Chegamos aqui em uma só peça.

Gus desviou o olhar em outra direção.

Bill continuava como se o homem tivesse falado. — Ei, minha condução é excelente. Na maioria dos dias. E fizemos um ótimo time. Mesmo ultrapassando alguns policiais no caminho. Pesos leves.

Bane deixou os dois continuarem antes de perceber que eles nunca parariam com suas idas e vindas. Ele limpou a garganta.



— Alguém me diga o que é que vocês estão fazendo aqui. E diga-me que vocês não são meus contatos.

Bill ergueu uma testa espinhosa. — Seus contatos? Oh não. Nós não somos eles. Mas estamos aqui para você. Bem, não você, mas sua companheira.

Bane não conseguiu esconder sua risada. — Eu não tenho uma companheira.

Gus bateu no capacete mais, mostrando sua agitação. Bane não tinha certeza se o cara passaria mal ou se estava bem.

Demorou vários minutos para que Bill o controlasse. Quando ele finalmente fez, Bill observou Bane por um bom tempo, como se ele tivesse sido a razão pela qual Gus tinha perdido sua merda. — Você tem uma companheira. Todos têm. Alguns de vocês são apenas mais inteligentes sobre isso, só isso. Realmente não posso culpar você. Os machos alfas tendem a serem idiotas completos no departamento mulheres. Se você precisar de algumas dicas sobre a melhor forma de lidar com as senhoras, avise-me. Eu sou muito bom com elas. Elas tendem a se apegar e querem casamento, mas eu sou um agente livre e não quero ser amarrado.

Bane estava parado, sua paciência diminuindo. — Me dê as chaves do carro e entre no SUV, gigolo.

— Casey ficará louco se deixarmos o carro aqui, — protestou Bill.

— Ele ficará bem com isso. Eu mandarei alguém pegá-lo dentro de uma hora ou assim. Entre no maldito SUV.



Gus surpreendeu Bane apressando-se para a parte de trás do SUV e se entregando. Aparentemente, o cara tinha tido o suficiente da condução de Bill. Do jeito que Bill tinha feito sua entrada, Bane não podia culpar Gus.

Ele fez um gesto com a mão para que Bill se juntasse a Gus. Bill balançou a cabeça, segurando as chaves do carro atrás dele, como se isso de alguma forma impedisse Bane de obtê-las. Com um

resmungo, Bane deu alguns passos e alcançou Bill e as chaves sem nenhum esforço. Ele arrancou as chaves das mãos do homem e olhou para ele. — Entre no maldito SUV.

— Você é mau, garoto-macaco, — disse Bill, com os olhos arregalados.

— Garoto-macaco? — Perguntou Bane, recusando-se a se mexer.

Bill engoliu. — Você é um shifter macaco, não é?

O temperamento de Bane tentou atrapalhar, mas ele conseguiu segurá-lo. — Eu sou um shifter gorila.

Com um encolher de ombros, Bill caminhou ao redor dele na direção do SUV. Ele parou e voltou para o carro de Casey, puxando um grande saco preto. Ele olhou para a mochila e saltou o queixo, como se não tivesse nenhuma intenção de permitir que Bane tocasse. — Mesma coisa. Aposto que você brinca de arremessar merda quando se sente frustrado.

— Não, mas estou disposto a arremessar você para algum lugar distante.

Bill levou a mochila para a parte de trás do veículo de Bane, jogou-a lá e depois se apressou para entrar no SUV. Ele estendeu a língua enquanto também lhe mostrava o dedo.

— Pequeno homem, eu vou te quebrar e vou apreciar isso.

Bill adicionou seu outro dedo do meio à mistura.



Decidindo que não valia a pena perder o temperamento, Bane ignorou o homem, baixando o sistema de som no carro antes de desligá-lo. Ele começou a reunir quaisquer itens pessoais que os dois tivessem no carro de Casey e depois travou o

veículo. Ele dirigiu-se ao SUV com um braço cheio do que parecia mais com trajes de Halloween do que roupa de viagem. Se Casey não estivesse tão malditamente preso ao homem, Bane teria dado pelo menos uma chave de braço em Bill e teria fechado sua boca. Por enquanto, ele apenas olhava para o homem.

Por agora.



Capítulo Quatro

Galiena tentou dar outro passo, mas a fome a deixou cair de joelhos no asfalto implacável do beco. Estava longe do quarto luxuoso que tinha sido obrigada a chamar de lar por tanto tempo. Dito isto, foi maravilhoso ficar livre. Se apenas a dor parasse.

— Continue, — disse ela para si mesma, precisando de encorajamento.

Ela ainda não podia acreditar que sua fuga realmente funcionou. Não era como se ela tivesse formulado um plano ou qualquer coisa. Não. Ela simplesmente aproveitou uma oportunidade quando apresentada e a explorou por tudo o que valia. Isso fazia quase uma semana, embora os dias começassem a correr juntos para ela.

Os homens de Helmuth não estariam tão longes, mas, por enquanto, estava livre. E ela resistiu, mesmo com os experimentos com os quais ele a submeteu.

Seu ódio por ele cresceu enquanto pensava em seu tempo em cativeiro. Sobre o que ele e Krauss tinham feito com outros o que fez com ela.



Ela puxou as mangas da camisola que tirou do guarda-roupa que Helmuth lhe forneceu. Agora era muito grande. A roupa que ela usava era muito fina para os elementos e também era muito grande agora. Outro sinal de quão longe ela havia caído fisicamente. Até onde ele permitiria que ela caísse no abismo, negando suas necessidades básicas. Se ele

tivesse deixado de dominar seu poder e controle sobre sua cabeça, ela teria cedido e se alimentado com ele. Mas ele tinha ido longe demais, e permitiu que Krauss fizesse coisas horríveis para ela.

Ela morreria antes que alimentasse seu lado súcubo com Helmuth.

A dor irradiava por todo o corpo, com a fome agarrando-a de dentro para fora. Ela precisava se alimentar novamente em breve. Se alguém lhe dissesse há meses que se tornaria uma assassina, uma máquina de matar, ela teria zombado do absurdo da ideia. Enquanto seus dons nascidos de natureza natural sempre foram poderosos, eles não haviam sido algo que fosse motivo de preocupação real.

Não, a menos que você considere ter um orgasmo algo para se alarmar. Ela nunca teve nenhuma queixa antes. De qualquer forma, todos costumavam deixar sua cama vivos.

Muito mudou.

Ela era uma estranha para si mesma.

As injeções de Krauss a haviam alterado até o ponto em que não reconheceu sua escuridão interna, ou ela mesma no caso. As mudanças não foram apenas físicas; também tinham sido mentais. Foi-se seu comportamento feliz, substituído por tristeza profunda até os ossos. Ela não era mais o que os deuses pretendiam que fosse. Era agora uma monstruosidade e assassina feita pelo homem. Eles tomaram o que ela nasceu para fazer e torceram em algo horrível e tóxico.



Algo que não tinha controle.

Vidas haviam sido perdidas em sua mão. Não havia como pintar isso com uma forma positiva. Nenhuma quantidade de rotação poderia fazê-lo soar como qualquer coisa além do que era. Ela tentou o suficiente. Toda a racionalização no mundo não a fez sentir à vontade com o que ela se tornara.

Um monstro.

— Eu costumava me amar, — ela refletiu suavemente, lembrando o que a fase de transição tinha sido para ela quando entrou em seus dons naturais. Estava na adolescência quando as mudanças realmente começaram. Sempre soube que era diferente, mais do que humana, mas foi então que entendeu o quão diferente.

— Não diferente, — lembrou a si mesma. — Única.

Única era como ela gostava de chamar sua estranheza antes que Krauss alterasse quem e o que era. Seus dons não eram o que são agora. Eles não eram a morte, como são agora. O que quer que as pessoas que a prenderam fizeram, deixaram uma concha vazia de seu antigo eu. Ela teve um grande controle sobre seu lado súcubo desde o início dos anos vinte, mas não mais.

Enquanto ela sempre precisava completar o ato sexual para alimentar esse lado de si mesma, suas refeições haviam deixado seus parceiros de cama totalmente saciados, não mortos. Agora ela matou qualquer pessoa que tocava em um elevado estado de excitação, ou enquanto tentava se alimentar, que era muitas vezes o mesmo. Ela também foi capaz de matar quando assustada. Não importa o motivo, o resultado final foi o mesmo. Tudo o que eles tinham dado a ela tinha feito seu controle de seu lado súcubo quase inexistente. Além disso, as drogas causaram mais mudanças.



A brincadeira tinha sido sobre eles no final.

Ela abaixou a cabeça e soltou as lágrimas que tinha segurado durante semanas. Mesmo chorando de dor. Seu corpo estava tão desgastado, tão emaciado, que negava o sustento necessário.

Sexo e comida real.

Ela tinha sido incapaz de comer enquanto a fome seu súcubo estava fora de controle. Sempre foi assim, mas nunca foi tão grave.

As lágrimas continuaram, e fechou os olhos, esperando que a morte finalmente chegasse para ela. Havia batido em sua porta mais de uma vez desde que os testes começaram, mas até agora ninguém respondeu. A morte seria bem-vinda neste momento. Isso significaria um fim para o sofrimento. Um fim de sua série de matança.

Quando ela se libertou da sala em que tinha sido mantida, ela assumiu que sem as injeções de Krauss, seu corpo e seu lado súcubo voltariam ao normal.

Ela estava errada.

Muito errada.

Nada era o mesmo.

Seus poderes ficaram cada vez mais fatais.

O sexo era uma arma mortal para ela agora.



Costumava ser algo que gostava muito. Inferno, ela ganhou a vida com isso, atendendo machos sobrenaturais que precisavam de liberação, enquanto alimentava sua própria escuridão. Não era

a mesma mulher. Ela temia o sexo agora. Temia o que aconteceria se ela se envolvesse nisso.

Ela matou um dos homens que a prendia com nada mais que um toque sensual na bochecha, e sua morte havia levado alguns segundos. Ele tinha caído no chão, uma concha de si mesmo, antes de virar uma pilha de cinzas aos seus pés. A visão ainda estava gravada em seu cérebro. Ela nunca se livraria das imagens. Nunca se livraria da mancha do que fez da sua cabeça. E ele não tinha sido a única causalidade de sua mão.

Os machos híbridos sobrenaturais que seus captores tinham enviado para a sala de espera também tiveram mortes horríveis. Ela estava com tanta fome, tão desesperada por algo além de comida que ela havia dado e tinha a intenção de usar os guardas para sexo, apenas para descobrir que ela era tóxica agora. Que ela nem mesmo conseguia se alimentar, como normalmente faria. Qualquer contato pele a pele com ela deixava a outra pessoa em uma pilha de cinzas.

Tudo sobre ela era letal.

Seu toque.

Seu beijo.

Seu sexo.



Ela estava passando pelo pecado, mergulhada na morte.

Ela teve pouco remorso sobre a morte dos homens híbridos ou os guardas que a tinham prendido ao comando de Helmuth. Eles tinham sido homens maldosos que tinham saboreado o mal tanto como ela se alimentou deles durante sua fuga.

Eles fizeram coisas horríveis com as ordens de seu chefe. Suas mortes foram muito rápidas.

Tudo o que ela sabia era que sua fome ainda estava lá, mais forte do que nunca, exigindo mais. Ela deu uma bofetada na mão contra o chão e chorou mais forte, sua vontade de continuar lutando contra o que estava acontecendo, desapareceu.

O cheiro do mal, não longe de sua localização atual, fez com que ela se mexesse, o monstro deu vida a ela, curioso para saber mais. Enquanto ela sempre tinha sido repelida pelo mal antes, agora ela tinha certo fascínio para isso. Galiena empurrou o chão lentamente, quase caindo de novo. Deu algum trabalho, mas ela permaneceu em posição vertical. Caminhar machucava, mas fez isso, seguindo o cheiro do mal.

Ela caminhou com as mãos erguidas em seu peito, em parte pelos tremores e o resto da fome roendo-a. Sentia-se como se estivesse sendo rasgada de dentro para fora como se algo estivesse dentro dela, rasgando a unha sobre os órgãos, tentando libertar-se.

De certa forma havia.

Já não tinha certeza de nada.



Ela estremeceu mais, o peso das últimas semanas caindo sobre ela como uma tonelada de tijolos. Conseguiu ficar de pé, o cheiro do mal crescendo a cada passo que dava. Enquanto passava por várias vitrines, fez uma pausa, olhando seu reflexo. Ele a pegou desprevenido. Onde ela já havia sido voluptuosa e curvilínea, agora era pele e ossos. Sua pele, normalmente corada em tons suaves, estava branca pálida, tanto assim, ela parecia doente.

E seus olhos, uma vez um verde vibrante, agora eram roxos. Eles nunca pareceram nada do tipo antes. Ao levantar as mãos pálidas, examinou-as, observando o peso que tinha perdido. Não era saudável.

Nada sobre sua situação era.

Ela não mais estava com fome de sexo. Agora, seus desejos incluíam sangue.

Ela nunca teve um problema em servir os vampiros do sexo masculino que precisava de sua ajuda e permitiu que um número se alimentasse dela durante a relação sexual ao longo dos anos. Mas agora que estava lutando com a mesma fome, ela não tinha certeza se tinha sido sábia para lhes permitir tais liberdades. No entanto, os homens que estivera tinham séculos e tinham um controle imenso sobre seus lados demônio.

Ela não tinha mais controle sobre nada.

Seu lado súcubo nunca estava cheio agora, e parte disso era porque não podia realmente fazer sexo mais. Apenas tocar outros os deixou mortos. E enquanto ela costumava absorver a energia deles estando sexualmente excitados, ela não poderia nem fazer isso. Ela nunca matou ninguém com quem havia alimentado antes das experiências de Krauss. No máximo, ela os deixara pesados e sonolentos por um dia depois do tempo juntos, mas não agora.



E a sede de sangue que ela estava sujeita apenas piorou a situação.

Ela levantou o lábio superior, com medo de que brotaria presas ali. Não tinha, mas isso não a surpreenderia.

Nada faria.

Ela não estava segura ao redor, e voltar para o apartamento que ela tinha compartilhado com sua melhor amiga por anos não era uma opção. Se Paisley estivesse lá, e não fosse mantido em um local secreto, Galiena não podia arriscar prejudicá-la. Paisley era boa, doce e inocente, nunca tendo tomado completamente o lado súcubo. Sua amiga pode alimentar simplesmente a energia sexual. Para Galiena nunca foi oferecido esse luxo. A partir do momento em que seu lado súcubo se mostrou em sua adolescência, ela precisava ter relações sexuais completas para saciar a fome.

Isso foi antes de Helmuth e seus médicos aparecerem.

Ela nunca estava satisfeita agora.

A fome batia, sempre lá, sempre querendo que alguém a alimentasse.

No início, ela não ouviu o homem atrás dela, e quando fez ofegou e girou para encará-lo, com medo de ser um dos homens de Helmuth. Respirando fundo, Galiena segurou o medo, procurando o aroma de carne apodrecendo. Muitos dos homens de Helmuth tinham cheiro disso agora.

Ela tinha ouvido Helmuth e Krauss usar a palavra híbrido ao falar sobre eles. Vários dos homens que conhecia antes de serem levados, e nem sempre tinham o cheiro da morte sobre eles. Era novo, avassalador e distintamente ausente do homem que estava atrás dela.



Ele era alto, mas, de qualquer forma, a maioria era comparada com ela. Ele era magro e não cheirava ao sobrenatural, mas ele cheirava mal. O cheiro dele virou seu estômago.

Ele olhou para ela e depois olhou para a esquerda e para a direita. Quando ficou claro que ele estava olhando para ter certeza de que estavam sozinhos, Galiena não tentou correr. Ela não podia

sequer tentar nem se quisesse. Não tinha força. Ela também não tinha medo do homem, apesar do cheiro do mal que veio dele. O que os médicos de Helmuth a transformaram era muito pior do que um humano com uma raia do mal.

— Você está perdida? — Ele perguntou, lambendo o lábio inferior, uma expressão sinistra sobre o rosto.

Galiena permaneceu no lugar, sabendo que ele viria até ela e não precisaria gastar mais energia. Ela não teve que esperar muito. Cada passo que deu para ela provocou uma onda de maldade que derramava. Não entendeu completamente o novo dom que havia desenvolvido durante seu tempo, mas sabia o suficiente para compreender que o homem a sua frente havia tirado vidas.

Muitas vidas.

Vidas inocentes.

Seu poder se construiu rapidamente, não perdeu tempo ao chegar à superfície. Foi uma construção lenta. Isso surgiu, fazendo com que ela oscilasse. Sentia como se tivesse passado horas passando por carpetes em um par de meias, e no momento em que entrasse em contato com alguém, um arco de eletricidade dispararia dela para eles.



Mas ela sabia melhor. Tinha um vislumbre de primeira mão sobre o que se tornara. Isso não terminaria com algo tão simples como a expulsão de uma carga estática. Isso terminaria com a essência do homem enchendo-a enquanto a força da vida escorria completamente.

Ela não poderia ter parado isso se quisesse. Não com o quão longe ela já havia ido quando o homem

chegou a ela. Além disso, a ondulação do mal que veio do homem lhe dizia que, se ela não o impedisse, continuaria a machucar os outros. Ela também sabia, no fundo, que deveria ser sua próxima vítima - pelo menos em sua mente. Era matar ou ser morto.

Justificar não é melhor.

Ainda assim, era tudo o que tinha para mantê-la sã.

No momento em que ele entrou em contato com ela, seu poder estourou. Não houve beijos, nenhum sexo brutal, ou falar. Um segundo, ele estava lá, o mal que escorria, a ameaça de violência no ar e, a seguir, ele era uma casca seca de um homem.

Ela deu um passo para trás para tirar sua mão mumificada de seu ombro, e a ação deixou sua casca quebrando em nada mais do que uma pilha de poeira que pousou no chão.

Ela olhou para ele, horrorizada. Nenhum grito veio. Nem poderia. A corrida da morte estava derramando sobre ela, sua força de vida mergulhando por ela por todos os poros.

Inclinando a cabeça, ela fechou os olhos por um momento, a força da energia fazendo-a sentir-se revigorada. As pontas de seu cabelo se elevaram, se sentindo mais forte. Abrindo os olhos, olhou para fora do olhar de um monstro. A noite era mais vibrante do que apenas alguns segundos antes.



Ela era uma amante.

Ela podia ouvir os batimentos cardíacos das pessoas ao virar da esquina. Além disso, ela sentia energia sexual não muito longe de sua localização. Chamava-a como um farol na noite. Um sorriso

calculado veio sobre ela, e tão difícil quanto lutou para recuperar o controle, ela não era suficientemente forte para lutar contra a sua escuridão mais. Reconheceu o som e os aromas do poder, do sexo sobrenatural em grandes quantidades, e não iria descansar até que estivesse lá no meio disso.



Capítulo Cinco

Bane olhou fugazmente no espelho retrovisor para encontrar Gus olhando para ele ainda usando o capacete e os óculos. O homem empurrou seus lábios de forma semelhante a um peixe e os franziu. O próprio fato de o cara estar fazendo algo perto do contato visual era perturbador. Tanto assim, ele empurrou Bane o suficiente para que virasse o volante, fazendo o SUV balançar de um lado para outro rapidamente.

— Eu sou meio que um motorista melhor, — disse Bill, voltando a colocar os óculos de sol. Ele balançou a cabeça algumas vezes e depois tocou na parte de trás do assento de Bane.

— Já estamos chegando?

— Você nem sabe para onde estamos indo, — disse Bane, ainda irritado por ter tido que lidar com eles. Eles eram o problema de Casey, e o fato de que Casey deixara esses dois vagarem de novo, fez Bane se perguntar se Casey deveria ser deixado a cargo de qualquer um. Esta não foi a primeira vez que as duas dores na bunda apareceram do nada, inserindo-se em uma missão. Eles marcaram junto com Weston quando ele havia ido em busca de sua companheira.



E pelo que mais tarde descobriu, eles tinham o hábito de tentar ajudar. Eles também tinham o hábito de entrar em problemas.

Provavelmente não seria a última vez que eles conseguiram um golpe tão tolo quanto roubar um carro e dirigir pelo país.

— Eu sei para onde estamos indo! — Gritou Bill, soando como uma criança. — Gus me disse que chegaríamos aqui, você estaria aqui e elaboraria nosso plano super secreto para salvar sua mulher de certo perigo.

Certo perigo? Minha mulher?

Oh homem era difícil de evitar rir. Bane não tinha certeza do que era mais divertido, a ideia de que ele tinha uma mulher ou que esses dois ajudariam de alguma forma no caso de certo perigo.

— Eu não estou dizendo a ele que temos que ir lá, — disse Bill, sua atenção em Gus. — Não. Você quer que ele saiba, então você diz a ele. Ele vai pensar que estou sendo um pervertido querendo ele. Você não percebeu seu cabelo de menina? Ele provavelmente pensa que sou quente ou alguma coisa assim.

Bane sabia muito bem que Gus era capaz de falar telepaticamente com os agentes, e aparentemente Bill. Uma parte dele se perguntou se talvez o teste em Gus tivesse tornado ele um walkie-talkie humano para as equipes dos ops.



Eu acredito que você está correto. Isso foi mais do que provável um resultado que eles esperavam, veio a voz de Gus na cabeça de Bane. Ele sabia que era a voz do homem porque já havia ouvido isso quando ele ajudou Weston a encontrar Paisley. — *Nasci com a habilidade de falar com seu tipo mentalmente. Eles tornaram esse dom mais forte.*

Bane empurrou novamente o volante.

Bill resmungou. — Sou muito melhor motorista.

— Cala a boa, pequeno homem, — Criticou Bane, seu controle tão árduo escorregando.

Bill soprou uma chuva de saliva[2] sobre ele e depois olhou pela janela, soprando e soprando enquanto caminhavam em frente. Bane virou uma rua lateral, na direção em que viu a polícia e os agentes de emergência se dirigirem, e ignorou Bill enquanto o homem balançava no banco de trás.

—*Vire à esquerda*, — disse Gus na cabeça de Bane, surpreendendo Bane uma vez mais. Ele conseguiu manter o controle do SUV.

— Por quê? — Perguntou Bane, olhando para o espelho retrovisor para Gus. Por um instante breve, o homem com o capacete lembrou-o de um Paranormal and Security Intelligence Operative (PSI-Op) que ele conheceu. Ironicamente, o apelido do homem era Gus, mas seu verdadeiro nome havia sido Christopher Gustavo. O homem pálido e magro no banco de trás tinha características que lembravam a Bane de seu velho amigo um homem que havia sido morto na linha do dever. Um colega PSI-Op foi injustamente acusado de matá-lo, mas depois foi exonerado.

— *Porque nosso destino é à esquerda*, — respondeu Gus, como se fosse autoexplicativo e Bane estava desperdiçando seu tempo.

Um desejo estranho de perguntar a Gus sobre Christopher veio sobre ele. Ele abriu a boca para fazer a pergunta quando o homem pálido o interrompeu.



[2] Sinceramente não sei o nome disso em português. Tipo quando o bebê faz aquele, pruuuuu com os lábios, jogando baba pra todo lado... huhahahahahahahahahah

— *Eu fui criado e, em seguida, melhorado a partir de amostras de agentes que o governo guardou,* — disse Gus, deixando a declaração pendurada ali, como se isso explicasse tudo.

Bane ofegou. Gus estava relacionado a Christopher?

Bill inclinou-se para frente, quebrando a tensão no carro e agarrando a batida de proteínas que Bane tinha no seu porta-copos. Antes que Bane pudesse alertar o pequeno cara sobre a bebida, Bill abriu e estava tomando um enorme gole. O rosto do homem franziu antes de engolir. — Menino-macaco, seu leite está ruim. Malditamente ruim.

— É uma batida de proteína, — disse Bane, enquanto continuava a dirigir pela rua lateral que Gus lhe havia dito para ir.

— Tem gosto de merda.

— Eu gosto do gosto.

Bill resmungou. — Sim, você totalmente arremessa merda, menino-macaco.

Bane rosnou. — Não me faça parar este carro para lidar com você.

Bill voltou a sentar no assento e virou-se para o outro lado mais uma vez.



— Escute, eu preciso colocar gasolina, — disse Bane. — Você quer alguma coisa quando parar? Se me lembro bem, vocês dois gostam de comer. Muito.

— Não podemos parar. Gus diz que temos que colocar você deitado logo. Imediatamente.

Bane quase empurrou o volante mais uma vez. — Ele disse que você precisava fazer o quê?

Bill pareceu agitado enquanto se inclinava para frente uma vez mais. — Colocar você para fazer sexo, cara. Mesmo. Você não é virgem, é? Diga-me que você sabe o que fazer com seu pau geneticamente alterado que esses cientistas lhe deram. E não, eu não vou até você. Você não faz meu tipo.

— Não fale sobre meu pau, — disse Bane, agarrando o volante mais apertado.

Bill puxou o braço. — É grande? Eu olhei o de Weston, e cara-oh-cara os cientistas lhe deram um pinto enorme. O de Casey também é grande. Eu acho que todos vocês podem estar pendurados como cavalos. Casey disse que um de vocês é realmente um shifter cavalo.

— Sente-se e pelo amor de tudo o que é santo, não fale sobre os pênis dos meus amigos para mim.

— Por quê? Não é seguro em sua masculinidade? É por isso que você tem cabelo feminino? — Perguntou Bill. — Eu sou. E eu quero o mesmo tamanho de pênis que vocês saíram dos testes. Tudo o que recebi foi o teste de LSD. Exijo um upgrade.

Sente-se. Vamos colocar gasolina, e então vamos para o lugar onde vou ficar aqui na cidade, — disse Bane.

Bill balançou a cabeça. — De jeito nenhum, cara. Nós temos que te colocar para fazer sexo. Rápido. Gus disse.



— Precisamos de gasolina ou vamos ter que ir caminhando para este suposto lugar do sexo, — Retornou Bane, lutando para manter seu temperamento.

Bill gemeu. — Bem. Pegue-nos algumas dessas coisas de bolo redondo rosa de posto de gasolina. — Ele sentou-se ansiosamente. — E bebidas geladas. Eu gosto da vermelha. Gus gosta do azul.

— Promete se comportar se eu trouxer?

Bill levantou a mão e deu um sinal de Honra do Escoteiro.

— Prometo.

Bane não acreditou no pequeno nem por um minuto.

Eu vou matar Casey por me deixar com dois homens-criança.

Ele puxou para o primeiro posto de gasolina que encontrou e debatia se permitia os dois homens permanecerem no SUV sozinhos. Finalmente, ele achou melhor baixar as janelas para eles e pegar as chaves por segurança. Ele saiu e começou a encher o tanque. Bill saltou e se juntou a ele, aproximando-se mais perto do que Bane gostava.

Bill olhou para ele. — Quão alto você é?

— Alto, — respondeu bane bruscamente.

— Você é encantador de verdade, não é? — Perguntou Bill, balançando a cabeça. — Não é de admirar que Gus insistisse para que viéssemos ajudá-lo com sua companheira. Aposto que você não pode pegar mulheres por conta própria. Você nunca me respondeu. Você é virgem? Ah, e quão grande é seu pau? Grande? Quer ver o meu?



— Não! Eu não sou! Volte para o SUV, — disse Bane, seu aborrecimento com o homem crescendo aos trancos e barrancos. Nenhuma quantidade de

técnicas calmantes iria salvar a vida de Bill, na medida em que ele estava empurrando.

— Isso foi, uh, quero dizer, — Bill forneceu, envolvendo seus braços em torno da cintura de Bane e abraçando-o com força. — Desculpa.

Bane teve que tirar o homem. Quando o fez, ele o olhou. — Certo, ótimo. Tudo está perdoado. Entre no SUV. Eu preciso entrar e pegar suas coisas geladas.

— E bolos cor de rosa, — lembrou Bill.

— Certo. Bolos cor de rosa, — disse Bane, indo para a loja. Demorou um minuto para encontrar o que eles queriam, mas ele conseguiu. Um rápido olhar sobre os ingredientes fez o lábio se enrolar. Se Bill comesse esse tipo de merda regularmente, Bane não tinha certeza de como o homem ainda estava vivo. Talvez o LSD tivesse algo que dissolvesse o interior de Bill. Bane gostava de comer coisas saudáveis e malhar. Ele acreditava firmemente que seu corpo era um templo.

Dirigindo-se ao balcão para pagar, ele alcançou o bolso de trás para pegar sua carteira.

Não estava lá.

Foi então que ele notou que outra coisa estava faltando também.

Suas chaves.

Ele pensou sobre o abraço aleatório que Bill lhe havia dado e grunhiu. O pequeno merda alcançou seus bolsos. — Filho da puta!



Bane deixou os itens no balcão e saiu da loja apenas a tempo de ver seu SUV indo em direção à estrada.

As luzes de freio apareceram, e por uma fração de segundo, ele assumiu que Bill teve uma mudança de coração sobre roubar o veículo.

Quando Bill jogou a proteína de Bane sacudindo pela janela, Bane soube que não.

— Tem gosto de merda! — Gritou Bill antes de acelerar, deixando Bane de pé ali, à beira de uma mudança completa, querendo rasgar a cabeça do homem de seus ombros.

Ele realmente não se importava com o dinheiro ou o SUV. Bane queria que a pequena foto, borrada, em preto e branco da súcubo. Não era algo que ele pudesse substituir. Ele gostava de ter aquele pedaço de Gale por perto. Tornou-se um item de conforto, e sem isso, Bane estava nervoso.

Ele tirou o celular e pressionou o botão para Casey com tanta agressão que abriu a tela de seu telefone.

Casey atendeu no segundo toque. — O que aconteceu?

— Como você sabe que algo aconteceu? — Perguntou Bane, ainda chateado.



— Principalmente porque conheço esses dois.

— Esse pequeno idiota roubou meu SUV, — disse Bane de forma uniforme. — E minha carteira.

Casey bufou. — Você se acostuma com isso.

— Há algo na minha carteira que não posso substituir, Casey. Algo que quero de volta. Não me importo com o resto.

Casey ficou em silêncio momentaneamente. — Quer discutir isso?

— É uma foto.

— De quem?

— Uma mulher que nem conheço, — admitiu Bane, sentindo-se pequeno. — Inferno, ela provavelmente está morta, mas quero a foto de volta.

— Não seria por acaso da súcubo que você me perguntou anteriormente, não é?

A esperança surgiu nele. — Você ouviu algo mais sobre ela? Eles a encontraram?

— Não, — respondeu Casey suavemente. — Nada novo entrou. Você será a primeira pessoa que eu contatarei se ouvir algo, Bane.

Ele engoliu em seco. — Eu? Por que eu?

— Mesmo? É assim que você vai jogar?

— Merda, — murmurou Bane, fazendo um pequeno círculo no centro da estrada. — Eu acho que estou quebrado.



— Junte-se ao clube.

— Você é uma grande ajuda.

— Você quer abraços e beijos, ligue para Weston. Tenho certeza de que ele está cheio deles.

Bane bufou. — Oh sim. Até a borda.

Casey grunhiu. — Espere. Estou recebendo outra ligação. Número desconhecido.

Bane ficou ali, no meio da rua, olhando para a distância. Seu animal queria sair e logo. Ele já negou uma mudança completa por muito tempo, e ele não teve sexo real em meses. Ele precisaria se masturbar mais tarde para sair da margem, e então ele teria que meditar, ou havia uma chance muito real de fazer uma mudança e matar os amigos de Casey.

Claro, Bill tinha a foto que Bane estava usando para masturbar-se.

— Foda-se a meditação. Preciso de um saco de pancada com a foto de Bill colada nisso.

Casey voltou na linha. — Bill acabou de me ligar de um telefone descartável que encontrou no seu porta luva. Ele diz que estão a apenas dez quarteirões de distância e que se você se apressar, chegará a tempo.

— Chegar a tempo para o quê?

— Para, uh, fazer sexo, — disse Casey. — Ele também me perguntou sobre o tamanho do seu pau. Algo que eu deveria saber?

— Quando eu colocar minhas mãos sobre eles, vou trancá-los em uma cela acolchoada da casa segura e jogar fora as chaves.

— Provavelmente será o melhor. Basta jogar comida para eles e dar uma televisão, e eles vão pensar que é uma festa. Oh, Bill diz que sua carteira está segura com ele. Além disso, pelo que Bill me transmitiu, Harmony e eu teremos que parar e pegar algumas pessoas no nosso caminho para você. Estaremos lá assim que pudermos. Merda, espere. Outra chamada. Pode ser Bill novamente.



Casey se foi por alguns minutos e depois voltou na linha, soando cansado. — Nós vamos chegar mais tarde do que eu pensava.

— Oh, não, você não vai. Traga seu traseiro aqui e pegue seus amigos lunáticos, — criticou Bane, não querendo atuar de babá de Bill e Gus mais do que ele tinha que fazer.

— Mais fácil dizer do que fazer, — voltou Casey com um gemido. — A ligação era do lugar onde eu mantenho meu jato. Eles estavam o preparando e descobriram que alguém o adulterou. Levará pelo menos um dia antes que possamos chegar aí, se a parte que eles precisam for apressada. Não estou arriscando ir em um voo comercial com tudo isso acontecendo.

Bane endureceu. — Porra. Você acha que foi a Corporação?

A Corporação era um conglomerado gigante e maligno que estava fazendo um enorme movimento pelo poder. Eles eram implacáveis, e a adulteração de jatos parecia algo que eles fariam.

Casey suspirou. — Somente se eles colocaram manteiga de amendoim e sacos de ervas besuntado de geleia e uma nota dizendo 'eu te devo uma' no motor de arranque do meu avião.

Bane rosnou, sabendo instantaneamente quem causou o problema. — Bill adulterou seu jato? Mas por quê?



— O meu palpite é para ganhar-lhes tempo no que quer que estejam fazendo. Ele me conhece bem o suficiente para saber que no minuto que você ligou, me dizendo que ele está com você, eu largaria tudo e voaria para aí.

— Eu tomo isso de volta. Não consigo fazer uma promessa a Harmony de não matá-los. Eu vou comer seus amigos, — advertiu Bane antes de desligar o telefone.



Capítulo Seis

Bane procurou em volta de seu SUV estacionado e trancado, amaldiçoando alto quando fez. Bill e Gus estavam longe de ser encontrados. O SUV parecia intacto, não que importasse uma merda para Bane. Sempre em movimento, sempre ficando vários passos à frente daqueles que o caçavam, ele tinha muitos veículos escondidos em todo o mundo. Ele tinha sido caçado há muito tempo para não estar preparado para praticamente qualquer coisa.

Dito isto, Bill e Gus eram algo que ele nunca sonhara que precisaria se preparar. Ele sabia melhor agora. Eles eram ameaças.

Olhando ao redor, ele tentou descobrir onde o par poderia ter ido. Não era como se eles se misturassem ou qualquer coisa. Um cara vestido como um cantor de casamento desprezível e um com um capacete deveria ter sido fácil de detectar.

— Sério, vou matá-los. Assim que os encontrar.



Sorte para eles, ele estava em grande forma, mas ele não gostava de correr tão longe quando não precisava e não estava vestido para se exercitar. Ele não tinha percebido que precisava de sapatos de corrida, no caso de dois caras loucos da vida de Casey aparecerem na sua porta.

Ele estava prestes a ligar de volta para Casey, esperando que Bill tivesse entrado em contato novamente, quando pegou o cheiro de shifters e se

acalmou. Os sobrenaturais eram mais comuns do que se pensaria, mas grupos deles sempre chamavam sua atenção. Seu olhar foi atraído para o outro lado da rua. Uma série de shifters machos estava caminhando para um clube que parecia ser um lugar muito badalado.

Um sentimento apreensivo veio sobre Bane.

— Diga-me que eles não decidiram ficar bêbados, — ele disse mais para si mesmo do que qualquer outra pessoa.

A partir do nível de volume da música hip-hop que bombeava no lugar, havia uma festa lá dentro. Ele tinha uma suspeita sorrateira que encontraria as duas dores em seu traseiro no bar.

Ele se chegou rapidamente e aproximou-se do segurança na porta. Ele cheirava a um vampiro, não muito velho, mas velho o suficiente para provavelmente poder segurar um deles como a maioria. Bane não era mais.

— Cover de cinquenta dólares, — disse o homem, usando óculos escuros à noite, como se isso aumentasse seu fator legal. Não aumentava. Tudo o que fez foi fazer com que ele parecesse com um babaca.

A carteira de Bane estava com Bill. Ele estava prestes a abrir caminho quando duas mulheres, dentro da porta, se aproximaram do segurança. Elas olharam para Bane com expressões que diziam que estavam fazendo algo. Ele respirou profundamente, tentando descobrir o que eram, porque não eram humanas. Levou um minuto para pegar que tipo de sobrenaturais as mulheres eram.



Quando o fez, o queixo dele caiu. — Ninfas?

As mulheres compartilharam um olhar coquete e então concentraram suas seduções em Bane,

chegando direto para ele. Colocando as mãos, Bane deu um pequeno passo para trás, envergonhado de si mesmo como um homem. Qualquer outra vez, se ele tivesse a sorte de se encontrar com ninfas e elas vieram em pares, ele teria saltado com a chance de fodê-las, especialmente com o tempo que ele se negou a prazeres carnais. Mas agora não era a hora. Ele tinha que encontrar Bill e Gus e tirá-los de lá, onde eles não poderiam causar mais problemas.

A quem ele estava enganando? Não havia lugar na terra que aqueles dois estariam a salvo de causar problemas.

Eles eram simplesmente muito bons para mexer na merda.

As mulheres ofereceram sorrisos sexys, e a loira da esquerda riu.

— Nós estávamos esperando você.

— Vocês estavam? — Perguntou, sem saber o que estava acontecendo. A última vez em que se aventurou em um estabelecimento que oferecia sexo para sobrenaturais, ele acabou em uma luta até a morte com um número razoável de bandidos híbridos. Ele teria tropeçado em outro dos clubes de sexo de Helmuth? Estava cheio de pessoas que o queriam morto também, ou pior ainda, capturado?



Bane olhou ao redor, tentando obter uma leitura. A vibração no clube era neutra no momento, mas ele estava vivo tempo o suficiente para saber que isso poderia mudar em um segundo. Ele nunca soube que as ninfas se juntassem com o mal, mas sabia que poderia esperar o inesperado.

A ruiva à direita empurrou seu mais ainda seus seios, como se ele já não pudesse dizer que ela tinha um ótimo corpo. Ela era alta, com grandes seios, do

jeito que gostava de uma mulher. Ele era um grande cara e nunca tinha se sentido atraído por mulheres que não estavam acima da média em altura. E ele sempre preferia mais as loiras e ruivas que as morenas.

Demorou a Bane um momento para perceber que seu pênis não estava respondendo como normalmente estaria em torno de mulheres como as que estavam perto dele agora.

Algo estava errado.

A sua capacidade de sentir o perigo também?

Se assim for, todo o clube poderia ser uma armadilha bem posta, e ele estava caminhando diretamente para a cova do leão. Ele hesitou uma fração de segundo antes de perceber que não era sua primeira vez fazendo isso, e o inferno com certeza que não seria seu último.

Sem tempo como o presente para viver um pouco, pensou.

A ruiva deslizou seus dedos sobre o braço exposto, e ele sentiu o poder apressar-se sobre sua pele. Bane endureceu, esperando perder o controle e possivelmente mudar de forma e atacar as mulheres. Sua besta era imprevisível quando se tratava de impulsos sexuais. Tinha levado vidas antes em um estado de excitação elevado, e ele não queria seguir esse caminho de novo.



Ele não podia.

A ruiva aproximou-se dele. — Relaxe, grande homem. Seus amigos estão aqui.

Confuso, balançou a cabeça. — O que?

A loira riu mais uma vez. — O pequeno humano estava correto. Este parece ter pouco de inteligência.

Isso tirou Bane de seu estupor. Ele tirou suavemente a mão da ruiva de seu braço. — Senhoras, se vocês puderem me levar até o pequeno ser humano em questão, eu apreciaria isso.

— Você não precisa de nós? — Perguntou a ruiva.

Sim, mas precisava tirar Bill e Gus do público em geral antes que eles fizessem algo que ele não conseguisse consertar. — Não.

Elas riram. A ruiva inclinou-se mais perto. — E notícias de sua companheira? Deseja que compartilhemos isso?

Ele fez uma pausa. Elas realmente tinham informações para compartilhar com ele sobre sua companheira?

Quando ele pensou mais, percebeu o quão ridículo ele estava sendo. Ele não era um dos agentes de sorte. Não tinha uma companheira.

— Nós sempre desfrutamos de observar seu tipo ser presenteado com seus verdadeiros amores, — disse a ruiva. — Quer que compartilhemos o que sabemos dela? O que prevemos?

— Oh não. Eu estou bem.

A loira sorriu largo. — Ele irradia negação e dúvida.

A ruiva suspirou. — Alfas sempre fazem.

— Estúpido, — disse a loira mais uma vez.

Bane grunhiu em frustração. — Senhoras.



A ruiva encolheu os ombros. — Bem. Siga-nos.

O segurança recuou, permitindo-lhe a entrada.

Movendo-se para o palco central, a ruiva inclinou-se contra ele e depois acariciou sua parte superior do corpo. — Seus amigos estão esperando por você.

— O quê? — Ele perguntou, antes de detectar a quem a mulher estava falando.

Bane ficou de pé dentro da entrada do clube e teve que ter um momento para deixar a visão diante dele se acostumar. Bill estava perto do palco com duas mulheres de topless no colo, observando como uma das dançarinas no palco terminava sua dança. Ele parecia um magnata cheio de grana tendo o tratamento VIP.

Gus estava sentado em uma mesa sozinho, inclinando-se para frente, a boca no final de um grande canudo que estava em um copo grande de margarita. Tinha que ter pelo menos vinte guarda-chuvas pequenos em sua bebida. E o homem ainda tinha o capacete e os óculos.

Bane olhou para cima. — Você tem que estar brincando comigo. Não fui testado e torturado o suficiente? Você também tinha que me colocar com esses dois?



— Ah, você estava certa, — disse a loira à ruiva. — Ele é um dos guerreiros feitos. Eles são sempre nossos favoritos.

Bane deu uma segunda olhada, perguntando-se o que as mulheres realmente eram.

Elas deram um passo atrás dele e depois pararam, compartilhando um olhar. Era a ruiva que

falava. — Este santuário é suposto ser um refúgio seguro. A trégua será violada muito em breve. Devemos ir, mas você deve ficar.

Era oficial. As ninfas estavam fora de suas mentes. Não que fossem conhecidas por sua sanidade ou qualquer coisa. — Senhoras, vocês mergulharam no estoque de Bill de boa merda, ele sempre está tentando fazer com que as pessoas compartilhem.

As mulheres entraram na multidão e em segundos, Bane as perdeu de vista. O seu aroma já havia desaparecido. Todo o evento foi enervante. Com um suspiro, ele procurou Bill, sua intenção de quebrar o homem pequeno em dois.

Ele estava prestes a entrar em contato com Bill quando pegou o aroma de jasmim e baunilha. A combinação interrompeu seu progresso de atacar Bill e fez com que ele recuasse em um estado de perplexidade. Seu cérebro parou de pensar claramente, já que todo ao norte sumiu. Tudo ao sul estava em alerta, seu pau notou instantaneamente a fragrância magnífica, lembrando-lhe que ele se negava a fazer sexo por muito tempo. Sua reação ao cheiro não era normal. Era desproporcionado de forma colossal.

Também estava mexendo com a habilidade de manter seu gorila à distância. Sua besta interior fez um movimento para a superfície a uma taxa que ele não estava seguro de poder suportar. De alguma forma, ele conseguiu, mas era apenas por pura sorte, não habilidade ou décadas de prática.



Sua mão foi para o bolso de trás onde sua carteira normalmente estava. Por algum motivo estranho, ele queria a foto da súcubo na mão. Queria ver, segurar e saborear sua proximidade.

Percebendo que Bill ainda tinha sua carteira, Bane passou o olhar para o pequeno homem. Ele não conseguiu encontrar sua voz para exigir a foto. Sua besta estava tão próxima à superfície. Havia um perigo muito real de que ele realmente machucaria Bill se ele tentasse tirar a carteira dele. Tão irritante quanto o humano era, Bane não queria machucá-lo. Ele poderia matá-lo se não fosse cuidadoso.

Isso nunca faria.

Seus dedos queimaram com a necessidade de mudar. Suas costas começaram a arder, um sinal que uma mudança estava pendendo. Seus pensamentos confusos continuaram a ter pouco sentido para ele. Tudo o que podia se agarrar era o cheiro de jasmim e baunilha. Seu dono, quem quer que ela fosse – porque o aroma decididamente feminino o destruíra. Ela iria reduzi-lo para um alfa sem mente, trancado em forma deslocada, incapaz de pensar ou controlar suas ações. Foi o que aconteceu com os machos shifters quando a luxúria de sangue assumiu o controle.

Tropeçando para trás, ele balançou a cabeça, com medo de perder o controle e fazer uma mudança total no meio do bar. Ele estava bastante seguro de que o lugar estava cheio de nada além de sobrenaturais, mas isso não importava. Quando Bane perdesse o controle, ninguém estaria seguro. Nem mesmo aqueles como ele. Eles nunca poderiam contê-lo ou manter o público em geral seguro.



Vagamente, ele ouviu alguém dizendo o nome dele. Ele não conseguiu se concentrar em nada além de seu arredor.

— Menino-macaco, o que há de errado com você? — A voz de Bill cortou o que estava acontecendo com ele.

Bane tremia, seu corpo estava tenso, seu coração correndo enquanto olhava para o homem. — O-o quê?

Bill recostou-se na cadeira, os olhos sem pestanejar. — Essas batidas de proteínas fizeram com que seu cérebro virasse merda. Total e completa merda. Tome uma cerveja e solte-se. Você está mais apertado do que um saca-rolhas.

Com uma respiração irritada, Bane disse: — Me dê minha carteira e minhas chaves. Nós estamos saindo.

Com arrogância teimosa, Bill permaneceu no lugar, sorrindo para uma das mulheres que estava esfregando-se contra o seu lado. Se o lugar tivesse uma política de não contato, a garota estava violando o grande momento. Assim como Bill.

— *Seja paciente*,— veio a voz de Gus na cabeça de Bane. — *E esteja pronto.*

— Pronto para o quê? — Ele perguntou, virando-se para encarar Gus enquanto o homem tomava os últimos goles de sua bebida.

Bill riu, parecendo bem divertido. — Gus está bem a caminho de se tornar folhas ao vento.



— Ótimo. Apenas o que precisamos. Gus bêbado, — criticou Bane, com certeza ele não poderia estar fazendo um trabalho pior de manter os dois homens fora de problema do que estava fazendo agora. — Vamos embora.

— Você não escuta bem, — disse Bill com um golpe. — Estamos aqui para você fazer sexo.

— Dispensei as ofertas quando cheguei aqui. Preciso levar vocês dois em algum lugar com menos

pessoas. Vocês são acidentes esperando por acontecer. Me dê minha carteira. Eu quero uma foto daí - agora.

O rosto de Bill esmoreceu. — Dispensou as ofertas? Gus não me disse que sua companheira já estava aqui.

— Sério, pare com esse negócio de companheira. Senhoras, — ele disse para as bailarinas em topless, que ainda estavam acariciando Bill como se ele fosse uma possessão apreciada. — Ele acabou agora.

Elas fizeram beicinho, jogando-se em Bill. Passou as mãos pelos cabelos já loucos, fazendo-o ficar em todas as direções. — Diga-lhe não, Wild Bill. Queremos que você fique. Nós sempre adoramos ver você. Você passou muito tempo entre as visitas.

Elas o conheciam?

Claro que sim.

Erguendo as mulheres dele, Bill levantou devagar. — Senhoras, relaxem. Eu não vou a lugar nenhum. Vocês me têm por mais um tempo.

Elas se aproximaram mais dele.

Bill sorriu e assentiu com a cabeça para Bane. — Meu amigo, tem um pau geneticamente melhorado. Eu vi outros que o governo fez. Eles são enormes. Vocês deveriam perguntar se podem ver o dele.



Aturdido, Bane ficou ali um momento antes de agarrar Bill e puxá-lo para perto. Ele levantou o pequeno homem do chão. Quando estava nariz a nariz com ele, baixou a voz. — Como é que você pode espalhar sobre isso, eu sou um Outcast, e não

falo sobre meu pau. O governo não fez nada para isso. Sou assim. E me dê minha carteira.

Bill bateu no ombro dele. — Para registro, você é o único que lhes disse que é um Outcast, vindo todo alfa em mim agora. E de verdade? Você nasceu com essa coisa?

— Eu vou comer você, — advertiu Bane.

— Gus diz que você realmente não vai. Eu acredito em Gus. Quer provar uma das minhas meninas antes que a sua chegue aqui? Último gosto da liberdade antes que a bola e a corrente cheguem.

Ele deixou cair o homem e deu um passo atrás. — Não há acordo com você.

Bill pousou com facilidade em seus pés, sorriu e ajustou os punhos na jaqueta. — Obrigado. Agora, senhoras, onde estávamos antes de sermos tão grosseiramente interrompidos?

— Minha carteira, agora! — disse Bane, suas emoções por um fio. Ele ainda podia cheirar a insinuação mais fraca de jasmim e baunilha. Ele não confiava em si mesmo, em seu temperamento ou em seu controle.

Um sorriso de conhecimento veio sobre o rosto de Bill. — Por quê? Quer a foto da companheira de Weston? Isso é um grande não-não, ter uma coisa pela menina do seu melhor amigo.



— O quê? — Perguntou Bane, atordoado. — Eu não tenho nada com a Paisley.

— Ela está na foto que você quer tanto.

Rosnando, as narinas de Bane se inflamaram. — Você olhou isso?

— Claro. — Bill lambeu os lábios. — Então, você quer a outra garota então? Eu tenho que te dizer, nenhuma dessas garotas parecem ter idade na foto. Ladrão de berço.

Bane grunhiu. — É uma foto antiga!

— Não vai negar que você tem uma coisa para a outra garota na foto? — Perguntou Bill, parecendo muito satisfeito com seus palavrões pelo gosto de Bane.

— Gus está errado. Eu vou comer você!



Capítulo Sete

Galiena percorreu o clube que entrou através de uma porta dos fundos. Tendo rastreado o cheiro de poder e sexo até a localização, ela agora estava sentindo a energia carnal residual. Isso cobria o interior do estabelecimento e foi bem-vindo em seu estado atual de necessidade. Isso foi embebido através de seus poros. Ela deveria ter estado mais do que saciada com o que tinha feito com o homem no beco, mas isso nem sequer tinha afugentado sua fome.

Só a intensificou.

Ela sentiu como se estivesse explodindo se não alimentasse a fome novamente e logo. Esfomeada, olhou ao redor, tentando encontrar um indivíduo adequado. Havia o suficiente em sua consciência para não permitir que a sua escuridão se alimentasse de alguém que fosse bom ou puro de coração.

Sua escuridão a empurrou, exigindo que ela se alimentasse sem pensar. Levou tudo para manter o controle.



— Não! — Ela gritou, chamando a atenção de várias pessoas no final de um longo salão.

Um homem alto que era apenas músculos demais se aproximou. Seu longo cabelo loiro estava puxado para trás na nuca. Ele usava uma camisa de banda vintage e uma calça jeans desbotada, parecendo casual e distante quando ela suspeitava que ele realmente passasse muito tempo selecionando a

roupa. Como se precisasse que os outros o vissem como nada especial, quando normalmente, ele chamaria atenção com sua presença.

Havia certa qualidade nórdica nele. Normalmente, ele era exatamente o tipo de homem que ela gostaria de alimentar seu lado súcubo. Ele era bom ou ruim?

Ela esperou, deixando a escuridão fazer o que quer que fosse, agora que tinha sido alterada. De repente, sua escuridão sabia que ela estava lidando com um shifter com uma quantidade razoável de vampiros nele - um híbrido. Ela quase deu um suspiro de alívio, assumindo que ele seria um candidato para ela se alimentar.

Quando sua escuridão detectou que ele não era mau, Galiena começou a tremer, segurando a escuridão, como uma criança tentando lutar contra um jacaré. Ela não se permitia alimentar-se dele.

— Você está bem? — Perguntou o homem, seu olhar preocupado se aproximando dela. Não havia sugestão de desejo em sua expressão, meramente preocupação. Ele era muito mais alto do que ela, e quando ele alcançou a mão para entrar em contato, ela se afastou de seu toque.

— Eu não vou machucá-la, — ele disse, uma nota de tristeza se mostrando.



Terror assumiu a liderança. Ela não podia matar um inocente. — Não! Não sou segura para tocar.

A confusão cobriu o rosto dele brevemente, e então desmarcou. Parecia que ele entendeu por que ela havia dito uma coisa dessas. Dando um passo atrás, ele evitou com sabedoria o contato direto com ela. — OK. Não vou te tocar, mas você precisa de ajuda.

— Você não pode me ajudar. Ninguém pode, — disse ela, passando por ele, seu corpo doendo, sentindo como se tivesse explodido em chamas se não se aproximasse da energia sexual no lugar. Ela sabia sem verificar que o loiro a estava seguindo, mas não se importava. Simplesmente não queria que ele a tocasse.

Não queria que ninguém a tocasse. O que Krauss tinha feito com ela estava piorando. Logo, ela não conseguiria se impedir de fazer uma série de matanças sem fim.

Você precisa acabar com a sua vida para proteger os outros, pensou ela, a realização atingindo sua força. Sua escuridão berrou. Ela lutou para mantê-la na baía o suficiente para funcionar enquanto se aproximava da porção principal do bar.

Toda vez que ela respirava, sua escuridão pegava o perfume de sobrenaturais. O clube estava em parceria com eles. O lugar era grande e tinha um palco no centro. Quando viu as dançarinas que usavam apenas pequenos biquínis seguindo para o palco, ela percebeu que o tipo de clube em que ela vagara – era um de sexo. Ela não precisa saber mais. Este era um lugar que, mais do que provavelmente, dispunha de guardas para manter os seres humanos afastados, de modo que pudesse atender ao sobrenatural. O lugar de Jinx também era assim, mas tinha sido alto e elegante, ao contrário do clube em que estava atualmente.



Ela tinha visto e estado em lugares muito pior, então não estava prestes a julgar. Galiena precisava da energia sexual que o estabelecimento estava oferecendo e os mendigos não podiam escolher.

Várias outras mulheres escassamente vestidas estavam fazendo pole dance a vários homens ao

redor do clube. Jinx nunca teria defendido isso na área principal do clube. Ela teria insistido que esse tipo de comportamento acontecesse a portas fechadas. Galiena quase riu da ironia de que ela vagava em um clube de sexo... quando uma estranha urgência para parar e olhar em volta bateu nela.

Ela fez e por um momento, sentia como se todo o resto à sua volta desaparecera.

Tudo o que restava era ela e o brutamontes de pé do outro lado do clube – o palco os separava.

Ele estava vestindo preto da cabeça aos pés, e tinha mais de dois metros de altura. Seu cabelo escuro estava puxado em um coque. Uma barba escura e fechada cobria sua mandíbula quadrada, escondendo parcialmente sua beleza selvagem. Não havia como negar a dominância que rolava sobre ele. Ele virou sobre o bar, correndo como uma onda diretamente para ela. Ela quase podia sentir isso quando se movia sobre ela. Isso fez com que seu corpo respondesse ainda mais a ele.

Tudo sobre o homem gritava poderoso e alfa.

Ele era incrivelmente sexy.

E familiar.

Tão familiar.

Era como se a versão de sua mente do homem perfeito tivesse ganhado vida. Ela estava morta? Sonhando? Ela ainda estava presa por Helmuth, mas sob a influência das drogas de Krauss? Isso era uma alucinação?



Ela esfregou os olhos e depois olhou para o outro lado do clube. Ele ainda estava lá. Ela beliscou seu braço e ele ainda estava lá.

— Caramba, — ela murmurou, apertando o corpo.

A pele dele era bronzeada e, enquanto as luzes estavam concentradas no palco mais do que qualquer coisa, ela tinha certeza de que avistara cicatrizes nos antebraços. Seus olhos estavam tão escuros que eram quase negros - e eles estavam atualmente trancados nela.

Sua respiração parou em sua garganta.

Sua escuridão a atingiu por dentro, exigindo que ela fosse na direção do homem. Galiena permaneceu congelada no lugar, temendo sua reação a ele. Temendo o que ela faria se realmente fizesse contato pele a pele com ele. Será que ela drenaria a vida de todos no maldito bar?

Sentia-se como se pudesse.

Mover.

Correr.

Faça alguma coisa.

Sua mente e seu corpo não estavam sincronizados.

O homem tinha uma mão no ombro de um macho menor, este mais velho, com cabelos grisalhos que se esticavam em todas as direções. O homem sentado estava e duas mulheres ao mesmo tempo dançando ao seu redor.



— Respire fundo.

Assustada, Galiena se virou para encontrar o lindo loiro lá, parado muito perto para seu conforto. Ela não queria acidentalmente transformá-lo em algo que um aspirador de mão pudesse limpar. O pânico começou a enraizar-se, e deve ter se mostrado em seu rosto.

Ele levantou as mãos para sugerir que não era uma ameaça. Ela sabia disso. Havia algo sobre ele que dizia que poderia mais do que lidar sozinho em uma briga.

— Se você perder o controle, as pessoas leais a Helmuth aqui vão perceber quem você é.

Ela ficou tensa. Ele sabia que ela estava fugindo de Helmuth?

— Ouça, não sei por que, mas não vou devolver você a ele, — disse ele, parecendo confuso com a proclamação. — Helmuth quer muito que você volte. Tanto que está soltando rumores que ele pessoalmente está a sua procura.

— Como você sabe sobre Helmuth e eu?

Havia folhetos ou algo espalhado pelo mundo sobrenatural? Havia um alerta com telefones para entrar em contato? Como o homem já sabia? Não era como se ela estivesse livre por tanto tempo.



O homem suspirou. — Isso não vai fazer você confiar em mim, mas estou trabalhando para ele neste momento. Estou emprestado, por assim dizer.

O gelo correu por suas veias enquanto o terror a atingiu forte. Ela não podia voltar para a gaiola. Não era possível voltar aos testes.

— Não entre em pânico, — ele disse suavemente, as mãos para os lados. — Eu disse que

não estou aqui para levá-la de volta para ele. E não quero vê-la sozinha, perdendo o controle total. Então, respire fundo.

Ela fez, e estranhamente, ajudou até certo ponto. — O-obrigada.

Com uma inclinação de cabeça, ele conseguiu acalmar seus nervos mais. — Que tal nós pegarmos água e um pouco de comida. O tipo não masculino. Você sabe, como um hambúrguer e batatas fritas ou algo assim? Parece que você não come já há algum tempo.

— Por que você está sendo tão gentil comigo? — Ela quase esqueceu o que era ter alguém preocupado com ela. Durante semanas, ela foi submetida a Helmuth e suas necessidades e desejos egoístas. Ele não se importava com o que as injeções de Krauss estavam fazendo com ela. Ele parecia bem com a dor e tortura. Tudo bem com tudo.

Com um propósito lento, o homem loiro observou visualmente a sala e depois ergueu os ombros, deixando-os subir e cair rapidamente. — Eu não sei. Eu só... bem, posso me relacionar de alguma forma.

Ela não tinha certeza de como poderia relacionar-se, mas apreciava o ato de bondade. — Tem um nome?

— Thor, — ele disse, soando com nojo do próprio nome.



Galiena murmurou uma risada. Ela não achou muita coisa engraçado em semanas, mas ouvir o homem de aparência nórdica ser chamado de Thor era simplesmente divertido demais para resistir. — Seu nome é realmente Thor?—

Ele encolheu os ombros novamente. — Talvez. Talvez não.

— Você é realmente estranho.

— E você é uma fabricante de múmia ambulante. Todos nós temos problemas, criança. — Ele piscou, melhorando a tensão que tinha pendurado no ar entre eles.

Ela sorriu, sua escuridão recuando ainda mais. Ela quase se sentia normal. Como ela mesma, mas sabia que não era real, e ser atraído por uma falsa sensação de segurança não levaria a nada bom.

Ele olhou por ela, a curiosidade picando em seu olhar, e então a alegria enrugou as bordas de seus olhos. — E essa é a minha sugestão para sair do palco certo.

— Huh? — Perplexa, ela olhou por cima do ombro e teve que engolir de volta um nó na garganta.

O gostoso do outro lado do palco estava diretamente atrás dela, seu corpo poderoso quase eclipsando o dela, fazendo-a sentir-se muito pequena em comparação a ele. Não havia como negar sua masculinidade flagrante, ou o fato dele ser enorme. Seu tamanho e robustez apelaram para ela, chamando seus desejos femininos mais baixos. Sua buceta umedeceu em um instante com a proximidade dele.

Seu cérebro e seu corpo gritavam para ela que esse homem era - um extremo caçador e coletor. Sua dominância alfa a chamava e seus ovários foram deixados ansiosos e com desejos, prontos para responder. Ela nunca teve vontade de se reproduzir antes. A própria ideia de ter um filho tinha vacilado no passado. Ela nunca teve um desejo materno.



Mas esse homem fez seu útero doer. Fez-lhe pensar em como poderia ser segurar um bebê em

seus braços, sabendo que era parte de ambos. Sabendo que sua união lhe deu um presente tão precioso.

Ela soprou uma respiração para cima, tentando que seus hormônios se acalmassem.

Na verdade, não funcionou.

O homem não era o primeiro macho alfa que tinha estado por aí, mas seu corpo estava agindo como se nunca tivesse visto tal coisa. Como se inúmeros homens não a tivessem levado ao orgasmo no passado. Nenhum deles parecia ter mais importância. Tudo o que era importante neste segundo, era esse homem. Ela queria devorá-lo, lambê-lo como se fosse um pirulito um doce criado apenas para ela.

Infelizmente, ele parecia indiferente a ela, sua atenção em algo atrás dela.

Seu ego machucou, Galiena olhou para trás, esperando ainda encontrar Thor, mas ele se foi.

Uma mão forte caiu gentilmente em seu ombro enquanto o gostoso falava. — Aquele era o Lance?

O medo agarrou Galiena enquanto ela girava lentamente a cabeça, preocupada com o fato de que qualquer movimento repentino faria que a escuridão denteasse e incinerasse o homem. Agitando, ela moveu o olhar para a mão em seu ombro. Um grito estava em seus lábios, mas ela conseguiu segurá-lo, percebendo que não estava o prejudicando se aproximando dela rapidamente.



Talvez fosse porque ele não estava fazendo um verdadeiro contato pele a pele com ela. Ao fazer uma pequena tentativa de libertar-se do seu toque,

para ter certeza de que ela não entrou em contato com a pele, ele moveu a mão, os dedos dele escorrendo por seu pescoço nu.

Horrorizada, ela ficou rígida, esperando que ele desaparecesse para nada além de cinzas.

Ele não fez. Na verdade, ele não pareceu nem um pouco perturbado ao tocá-la.

— Senhorita? — Ele perguntou, sua voz cortando a névoa de sua mente. — Você está bem? Você me ouviu? Você estava falando com Lance Toov?

Ele queria que ela se concentrasse em perguntas em um momento como este? Ele estava a tocando, a fabricante de múmias ambulantes, e ele queria que ela pensasse além do fato de que não o tinha convertido em poeira?

Ele estava louco?

Claramente.

Afinal, ele a estava tocando.

Ele não sentiu que, se ela não o transformasse em cinza, iria pular sobre ele e ter seu caminho com ele até ter seus bebês?

— Você está bem? — Sua voz era tão profunda que parecia reverberar através dela. Isso abriu caminho para suas regiões inferiores, e sua escuridão pegou isso para retornar. Ela o queria. Queria o que ele poderia dar a ela, sexo. Ela não confiava em sua escuridão no mínimo, e quase parecia zombar dela quando começou a libertar um feromônio para o qual os súcubos eram conhecidos. Um que era sedutor para o sexo oposto. Um que os deixava num estado sexual ardente e fácil de manipular.



O homem inalou profundamente, mas não se empurrou instantaneamente contra ela, como outros já tinham feito. Ele estava imune a seus encantos de súcubo?

Ele se curvou e inalou mais. — Você cheira como baunilha e jasmim. É... uh, bom. Realmente bom.

Obviamente incômoda o encorajou ainda mais, como se ser capaz de tocá-la sem morrer não fosse suficiente. Ela não queria machucá-lo. Não queria que a sua escuridão conseguisse libertar-se e fazer o impensável para ele. Havia certa coisa sobre ele que ela gostava.

Galiena tentou romper o domínio do homem sobre ela. Para ficar livre e correr. Queria gritar com ele para parar de tocá-la, mas nada aconteceu. Ela simplesmente ficou ali, cativada pelo seu toque e seu cheiro. Quanto mais ela respirava seu cheiro masculino, mais pensava em correr selvagem em uma selva. Do cheiro de folhas com orvalho sobre elas em uma floresta tropical. Havia algo indomado e selvagem sobre ele, e sua escuridão o desejava.

Ansiava por ele.

Incapaz de parar a si mesma, levantou a mão e tocou tentativamente seu enorme peito. O homem era duro. Sua bela aparência cinzelada e uma energia alfa clara se precipitaram sobre ela, fazendo com que o creme inundasse o ápice de suas coxas.



Sentindo o ar entre eles, o olhar do homem se estreitou nela uma fração de segundo antes que sua mão abaixasse completamente até o pescoço. Ele não caiu morto ou se transformou em cinza. Ele se aproximou ainda mais, seu corpo pressionando o dela.

Não havia dúvida de quem seria responsável pelas coisas se eles avançassem, e ela desejava isso. Louca com a ideia de que ele seria dominante no quarto e, pelo jeito, fora do quarto também. Sua escuridão queria o desafiava de tentar domesticá-la.

Galiena simplesmente queria o homem.

Ela nunca se sentiu tão atraída por ninguém em toda a vida. Ela sempre simplesmente aceitava o que seu lado súcubo precisava para viver e ela aprendeu a desfrutar do sexo sem vergonha. Mas ela nunca sentiu esse tipo de atração por ninguém antes. Ela queria se render a ele, submeter-se e permitir que ele fizesse o que quisesse com ela desde agora e até a eternidade.

Ele se curvou, mas ainda não era o nível dos olhos com ela, pois ele era facilmente uns trinta centímetros mais alto do que ela. Sem mencionar que a ultrapassava por pelo menos uns quarenta quilos. Provavelmente mais.

— Você fala inglês? — Perguntou ele, antes de repetir a pergunta em várias outras línguas.

Ela reconheceu algumas de seu tempo trabalhando no clube de Jinx. O clube havia servido para sobrenaturais de todo o mundo. O pedaço sexy continuou indo em várias línguas e ela tinha que se perguntar o quanto ele sabia.



Piscando, Galiena chegou a seus sentidos o suficiente para responder: — Sim. Inglês.

Sua voz parecia tão fraca quanto sentia.

— Mal, aparentemente, — ele murmurou.

Ela teria dado uma resposta inteligente, mas ainda estava muito atordoada com sua proximidade e pelo fato de ele não ter virado uma pilha de cinzas

para se incomodar sobre entrar em uma batalha de inteligência. Além disso, ele obviamente conhecia várias outras línguas, e atualmente, ela estava lutando para formar uma frase em sua língua nativa. Ela apenas grunhiu e assentiu com a cabeça, como se isso fizesse com que ela parecesse uma tola.

Seu corpo acendeu novamente com desejo e seus hormônios entraram aumentando com sua proximidade. Não. Ela não estaria ganhando qualquer batalha de inteligência com qualquer pessoa em breve se ela ficasse perto desse grande pedaço. Ele tinha a capacidade de reduzi-la a uma pilha de hormônios inúteis.

Aproximando-se, o homem agarrou uma cadeira e a puxou para perto. Ele a deixou na cadeira antes de abaixar em um joelho diante dela. Ainda assim, ele a eclipsou com o seu tamanho, mesmo dobrado em um joelho. Sua grande mão se moveu para a coxa dela, e ela não conseguiu arrancar seu olhar.

Por que ele não se transformou uma pilha de cinzas?

Ninguém tinha sido capaz de entrar em contato com ela em semanas.

O que era diferente sobre ele?

Chegando com a outra mão, ele enganchou um dedo abaixo do queixo, levantando o olhar para encontrar o dele. Ele era ainda mais bonito do que tinha sido do outro lado do bar. — Escute senhorita, não tenho certeza de qual é o seu problema, mas é bem claro que você não pertence a um lugar de renome como este. Existe alguém que eu possa chamar por você? Algum lugar que posso te levar? E, nos conhecemos? Você me parece muito familiar.



O riso borbulhou dela. Ele não pensou que ela pertencesse a um clube sexual? Ele estava brincando? Os clubes de sexo eram onde se sentia mais confortável. Onde ela estava saciando suas necessidades de energia sexual há anos.

A expressão em seu rosto dizia que não estava brincando. Ela tinha pensou em dizer-lhe que praticamente vivia em uma casa de pecado nos últimos anos, mas se manteve calada. Se Thor estivesse certo e Helmuth tivesse homens no clube, não podia ter certeza de quem poderia ouvir. Não demoraria muito para eles juntarem que uma mulher que costumava trabalhar e quase viver em um clube de sexo pode ser a súcubo que Helmuth estava procurando.

O homem tocou seu lábio inferior, pulando seu dedo sobre ele com ternura. — Senhorita, você é... você é... bonita. E quando você sorri, é bem... muito bonita. Realmente bonita. Porcaria. Eu não sou ótimo com situações como esta. Só queria te dizer que você é impressionante.

Os homens não eram como ele. Eles não tinham uma mistura tão perfeita de deslumbrante e áspero. No entanto, aqui estava ele, uma mistura de ambos. E ainda estava vazando o poder masculino alfa por toda parte. Ela se perguntou se ele percebeu que estava fazendo isso. Se soubesse, não podia ver que ela estava balançando no limite da sanidade e apenas se apegando ao controle de seu súcubo? Esse homem não tinha uma gota de autopreservação dentro dele?



A maioria dos alfas não tem.

Outra risada nervosa brotou e saiu dela. Ela sentiu vertigem e tontura.

Ele traçou o polegar sobre o lábio inferior desta vez, arrastando-o dolorosamente lento e fazendo um gemido soltar dela. Sem pensar, tocou sua bochecha, as emoções saindo nela com uma taxa que sabia que seria incapaz de controlar. Ela pensou com certeza que estouraria em lágrimas, mas, em vez disso, fez algo que até surpreendeu-a.

Ela agarrou os lados de seu rosto e apertou seus lábios contra os dele, beijando-o.

À medida que a razão se ajustava, seu medo retornou dez vezes. Ela estava prestes a quebrar o beijo casto quando o estranho sexy a tirou da cadeira, sua língua deslizando entre seus lábios e dentro de sua boca, reclamando. Ele se sentou, posicionando-a no colo, os lábios nunca se separando. O ato fez com seu corpo já desejoso entrar em ebulição, querendo muito mais do que estava sendo dado.

Sua língua dançava em torno dele, a luxúria entre eles alimentando seu lado súcubo sem fazê-la sentir como se estivesse prestes a drená-lo em uma casca seca. Se alguma coisa, a energia entrando parecia como se estivesse realmente começando a preencher suas necessidades. Ela comia na sua boca, desesperada pelo que ele estava fornecendo. Sempre pensou em si mesma como especialista na arte de quase tudo a ver com o sexo, especialmente as preliminares, mas ele a beijou como se fosse o mestre e ela fosse a jovem estudante.



Ensine-me, pensou, incapaz de parar de beijá-lo o suficiente para implorar. Tudo o que ela podia fazer era choramingar e beber de seus beijos.

Ajustando, ela ergueu uma perna, facilitando sua aproximação ao seu corpo quando empurrou sua cintura. O vestido que ela usava subia alto e o ar fresco movia-se sobre sua pele exposta. As mãos do

homem encontraram sua bunda e ele parou o beijo, rosnando, puxando seu vestido para cobri-la da visão dos outros. A ação foi tão doce que as lágrimas que ela tinha assumido que tinha derramado completamente durante suas semanas com Helmuth veio como torneira aberta. Ela chorou enquanto beijava seus lábios cheios.

Ele quebrou o beijo de novo, preocupação em seu olhar escuro e apertado. — Estou machucando você? Eu levantei você com muita força? Sei que não devo baixar minha guarda quando estou com tesão. É só, bem, merda. Não queria dizer com tesão na sua frente. Eu realmente sei como foder as coisas com uma mulher que me interessa, não? Merda. Eu também disse isso em voz alta.

Ele estava preocupado com a palavra tesão? Ela tinha ouvido muito pior. Ela se sentia culpada por dizer coisas bem piores.

A preocupação no rosto era real. Ele pensou que a magoara. A ideia de que ela estava causando preocupação a tocou. A necessidade de definir sua mente à vontade era ótima.

— Não. Você não me machucou. — Balançando a cabeça, ela apertou um sorriso em seu rosto, movendo os lábios para a testa dele. O ato era íntimo, algo que ela não estava acostumada a fazer com os homens. Sempre houve uma linha em sua mente. Uma que ela não cruzou. A linha desapareceu com esse homem. Ela queria entregar não só no seu corpo, mas também seu coração. Ela segurou seu rosto, seus lábios contra sua testa. — Eu pensei que estava quebrada.



Ele a segurou. — É claro que você precisa de ajuda, e aqui estou eu aproveitando de você.

Ela bufou. — Eu te beijei. Você não iniciou. Eu sim.

— Oh, certo. — Ele se moveu auto conscientemente debaixo dela, e ela sentiu então sua longa e grossa ereção cavando contra o jeans.

Ela não era estranha aos homens, mas até ela ofegou no tamanho do que o homem estava ostentando. Sua escuridão se acendeu, querendo o que estava tão perto e claramente disposto. Ela ficou tensa. Embora ainda não o tivesse convertido em cinza, havia a possibilidade real de que ainda pudesse, especialmente se ela continuasse compartilhando energia sexual com ele. — Eu tenho que ir. Não quero machucá-lo.

— Não há o suficiente de você para machucar ninguém, muito menos eu, — disse ele, bloqueando seus poderosos braços ao redor dela, segurando-a no peito dele. — E não acho que posso deixá-la ir embora. Não posso explicar isso.

Ela sabia o que ele estava falando. Enquanto ela queria desesperadamente protegê-lo, a ideia de perder contato com ele quase a enviou para um pânico.

— Eu estou com você, — ele disse em um tom silencioso, segurando-a como se estivesse sentindo sua necessidade por ele.



Galiena colocou seus lábios perto dele mais uma vez, querendo prová-lo novamente. Ela não teve que esperar muito. Seus lábios colidiram com o mesmo fogo e intensidade que antes. Ela esfregou seu corpo contra o dele, montando-o enquanto ambos ainda estavam completamente vestidos. Nada disso importava. Tudo o que importava era o quão bom ele é, e o quão bom seu corpo se sentia contra o dela. O prazer construiu rapidamente e sabia que ele

também estava gostando de seus movimentos. Podia sentir seu pau respondendo debaixo dela, e podia sentir como ele estava à beira de explodir.

Ela adorou cada segundo.

Adorou saber que ele estava perto de gozar.

Passando as mãos nos cabelos, sorriu contra seus lábios, perguntando-se se o cabelo dele era mais longo que o dela. Ele mordeu o lábio inferior enquanto passava as mãos aos lados, parando sob seus seios. Ela queria que a roupa entre eles fosse embora e rápido.

Ele primeiro quebrou o beijo e suspirou alto. — Estou prestes a fazer algo ruim aqui.

Ela esperava que o algo ruim envolvesse fodê-la. Galiena tentou moer mais para nele, mas ele agarrou seus quadris, segurando seus movimentos. Ela choramingou.

Ele gemeu, necessidade irradiando dele. — Querida, confie em mim quando digo, quero que isso aconteça, mas estou lutando pelo controle aqui.

Pfft.



Ele não tinha ideia do que realmente se sentia quando se lutava pelo controle. Ela não disse mais nada. Em vez disso, permaneceu em seu colo, curtindo a sensação dele debaixo dela. Demorou um minuto para perceber que seu lado súcubo havia deixado de pressionar dentro ela, exigindo mais energia.

Ela realmente olhou para ele, comprometendo-se a lembrar-se de tudo sobre o rosto dele. Ele tinha linhas de risada ao redor de seus olhos que a faziam pensar sobre sua idade. Ele não parecia mais velho

do que trinta anos, mas algo dizia que era muito mais velho. Não importava. Ela não conseguiu parar a si mesma enquanto roubava outro beijo.

Ele sorriu contra seus lábios e expirou lentamente. — Baby, você está dificultando ser algo próximo a um cavalheiro aqui.

— Então pare de tentar, — disse ela, movendo-se junto com a batida da música. Ela trabalhou seu corpo em seu colo, dando-lhe um inferno de uma dança erótica bem fechada e pessoal.

Ele se endureceu debaixo dela e respirou fundo. Ela percebeu então que ele estava perto de gozar em seu jeans. Sorrindo, ela tentou se mover nele novamente, mas ele a segurou no lugar, balançando a cabeça.

— Baby. Não.

Baby?

Ela nunca tinha sido uma que gostasse de ouvir esse tipo de nome antes, mas gostou de ouvir a palavra sair de seus lábios. — Dance Comigo.

— Eu não danço, — ele disse, sua voz se aprofundando.

Ignorando seu protesto, ela colocou os lábios na sua orelha, arruinando seus cabelos no processo. — Dance Comigo.

Ele tremeu enquanto a mantinha firme. — Você está desafiando minha auto restrição, mas você já sabe disso, não, baby?

Ela lambeu seu lóbulo de uma forma sedutora, fazendo com que seu corpo se mexesse mais. — Eu adoro quando você me chama de baby.



— Sim, bem, eu amo tudo sobre você, — disse ele antes de limpar sua garganta, seu olhar se afastou. — Eu quero dizer que gosto de você. Sim, gosto.

Ela riu. — Uh-huh.

Ele manteve-a presa no lugar, sua força impressionando-a. — Precisamos ir devagar por esse caminho.

— Estamos em um clube de sexo. Devemos acelerar esse caminho, — disse ela, movendo a mão para a ereção vestida. Ela o segurou, seu olhar colidindo com o dele. — Você não concorda?

Ele fechou os olhos. — Normalmente, sim. Agora, algo no fundo está me dizendo para respirar, e para parar as coisas exatamente onde elas estão, para continuar mais tarde, em particular.

Ela grunhiu, seu lábio inferior formando um beicinho.

Ele olhou para ela e lambeu o lábio.

Galiena tentou segui-lo novamente, mas ele continuou a segurá-la no lugar. Ficou claro que ele estava no controle, por enquanto. A necessidade queimou seu caminho através dela e ela mordeu sua boca, querendo que ele se rendesse.



— Baby, — ele disse, a resolução em sua voz vacilando ligeiramente. Era suficiente para ela saber que estava fazendo progresso. — Aqui não. Assim não.

— Aqui é perfeito. Isso é perfeito, — protestou.

— Não, — ele disse, a palavra cortando o momento. — Eu quero você, baby. Mais do que você sabe, mas não posso levá-la aqui, onde tantos outros podem ver.

Ela olhou para ele. — Tímido? Não gosta de voyerismo?

O sorriso de garoto mau que ele deu para disse que ele estava muito mais do que nisso de assistir ou ser observado durante o sexo. — Oh, a qualquer outro momento com qualquer outra mulher isso poderia parecer legal, mas não agora. Não com você.

A menção de outras mulheres saindo de seus lábios colocou-a na borda. Ela não sabia por quê. Ela nunca tinha sido o tipo ciumenta antes. Na verdade, sempre gostou de ouvir seus clientes conversarem sobre suas outras conquistas. Mas não esse homem. Ela não queria pensar nele com outra mulher.

Ela estreitou seu olhar para ele, sua ira aumentando. — Quantas outras mulheres houve?

— Nunca me incomodei em contar, — disse ele, tentando beijá-la novamente.

Foi Galiena quem interrompeu desta vez. — Sério?

Ele congelou. — Baby?

— Não me venha com 'baby'.

Suas bochechas coraram. — Merda.

— Uh-huh. Ela estava prestes a ler-lhe um mal tempo, embora ela não estivesse exatamente certa por que, quando outra coisa ficou clara.

Fome real.



Para alimentos reais.

De repente, ela sentiu como se pudesse comer e comer até explodir. Ela olhou ao redor e viu o velho homem louco que estava com duas dançarinas no outro lado do palco. Ele estava parado agora, acenando para ela. Ele apontou para a sua mesa. Tinha um verdadeiro buffet de comida.

— Bane, traga-a para comer! — Ele gritou através do clube lotado. — Ela está com fome. Gus disse.

Bane? E quem era Gus?

O homem debaixo dela grunhiu. — Eu juro que vou matar esse pequeno merda.

— Você é Bane?

Ele assentiu.

O nome se adequava a ele. Era viril e poderoso, como ele. Além disso, ele tinha uma qualidade sobre si que dizia que poderia fazer alguém miserável se realmente quisesse. Ela riu suavemente.

— Bem, acho que ele é adorável, — disse ela, permanecendo em seu colo.



Ele endureceu. — Não tanto depois de conhecê-lo. Bill pode cansar seus nervos muito rápido.

Ela não conseguiu parar a si mesma enquanto plantava uma fileira de beijos castos na mandíbula de Bane.

Ele pegou seu rosto e segurou-o gentilmente. — Ele está certo? Está com fome?

A vergonha a encheu, mas ela assentiu. — Morrendo de fome.

Bane ficou de pé, levantando-a em seus braços de uma posição sentada, mostrando o quão forte ele era. Ele nem sequer pareceu fazer o mínimo de esforço. Ela esperava que ele a deixasse andar sozinha. Ele não fez. Levou-a como se ela fosse uma criança todo o caminho ao redor do palco, para a mesa que o velho estava.

Foi então que Galiena notou um homem com um capacete sentado à mesa atrás deles. Ele estava trabalhando no que parecia ser a sua quinta bebida, se as vazias fossem qualquer indicação. Ele ergueu a mão, dando-lhe um polegar enquanto olhava em sua direção, por trás de um par de óculos.

Bill puxou uma cadeira para Galiena e Bane a colocou suavemente, antes de ficar ao seu lado, como se estivesse de sentinela. — Coma.

Ela apertou a barriga comsua voz.

Bill acenou uma mão com desdém. — Ignore o menino-macaco. Ele é todo rosnar. Aqui. Gus disse que gosta de batatas fritas. Pedimos todos os tipos que eles têm. Ele também disse que você realmente gosta de galinha. Eles só tinham isso em uma forma sanduíche. Nós pedimos quatro deles. Você quer mais?

Confuso, Galiena olhou o homem pequeno. — Quem é Gus? E como ele sabia que eu gostava de tudo isso?



Bill apontou na direção do homem de capacete. — Esse é Gus. Você vai comer, Galiena?

Ela fez uma pausa. Como ele sabia o nome dela?

Bill empurrou um prato de batatas fritas para ela. — Gus diz para não tocar em você ainda. Que é seguro agora mesmo que somente Bane faça isso. Mas Gus também diz que você tem que comer. Diz que você não comeu comida real em semanas. Diz que seu corpo vai apagar em breve. E não podemos deixar isso acontecer. Ah, e eu gosto muito do seu cabelo longo. Além disso, você está mais quente agora que atingiu a maior de idade.

Ela não tinha certeza do que ele estava falando ou de como sabia tudo o que sabia sobre ela.

— Coma antes de você desmaiar ou algo assim, — ele disse com impaciência.

Embaraçada, Galiena olhou para cima, preocupada com a resposta que obteve de Bane sobre tudo. Ela descobriu que não estava prestando atenção. Seu foco estava em algo no bar, e ele parecia estar em alerta.

Bill cutucou o prato. — Ignore-o. Ele está no modo macho-alfa completo. Também é chamado de modo idiota. Gus diz que Bane não está nos ouvindo agora. Que ser um alfa faz com que sua capacidade de multitarefa seja quase inexistente. Também o torna teimoso. Coma. Beba um pouco de água. Você está a salvo conosco. Com ele com certeza. No caso de você não ter notado, ele poderia arrancar a cabeça de uma pessoa sem realmente tentar. Nós ouvimos sobre ele cortar um cara há poucas semanas atrás. Ele também pode acabar com dez idiotas ao mesmo tempo. Talvez mais.



Ela sorriu com a tentativa do homem de deixa-la vontade. — Shifter? — Perguntou, colocando uma frita na boca. Estava delicioso, mas ao seu estômago foi negado de comida real por muito tempo, não tinha certeza do que queria.

— Um macaco. — Bill assentiu com os olhos arregalados. — Mas, de verdade, as mudanças são as piores para lidar. Caminham com a cabeça na sua bunda o dia inteiro enquanto eles gritam e rosnam. Eu gosto muito mais de vampiros. Eles são menos cheios da necessidade de provar que são homens.

Soou muito certo.

Ela nunca conheceu um shifter macaco antes. Bane parecia muito grande para poder se mudar para um pequeno macaco. Mas uma vez ela conheceu um homem que poderia se transformar em um coelho, então realmente, tudo era possível.

Ela sorriu mais para Bill. — E você? O que você é?

— Eu sou um tipo de fornecedor, acho. Eu consegui um contato com drogas boas. Os homens me chamam de Wild Bill. — Ele se inclinou mais perto, mas não entrou em contato com ela. — Eu também tenho uma ótima linha em armas de alto impacto. Precisa de uma?

— Hum, não agora. Eu sou uma arma.

Ele assentiu. — Gus disse.

— Gus não disse nada, — ela virou tentando comer outra batata frita. — Ele fala?



Bill bateu na sua têmpora. — Claro. Eu o ouço aqui. Ele diz que não pode fazer isso com você. Diz que você tem algo que o bloqueia. Legal, porque às vezes não consigo dormir porque ele fala a noite toda.

Ela olhou para Gus para encontrá-lo ainda tomando sua bebida. Ela não pressionou para obter

mais informações. Em vez disso, comeu outra batata. Seu olhar voltou para Bill. — Seu amigo gostaria de comer? Aqui tem o suficiente para alimentar um exército.

— Não, Gus está descontando, — disse Bill, revirando novamente na direção de seu amigo. — É bom, ele vive um pouco. Melhor, não adicionamos muita comida agora. Não sei se ele vai devolvê-lo de volta para nós mais tarde. Se você sabe o que quero dizer.

Ela riu e as mãos de Bane encontraram seus ombros mais uma vez. Ele ficou atrás dela enquanto ela comia. Seu coração aqueceu de como Bane estava sendo protetor. E seu toque a fez sentir melhor. Tanto quanto ela queria comer tudo, seu estômago não estava exatamente cooperando. No entanto, quanto mais contato Bane fazia, mais fácil era comer sem um nó no estômago.



Capítulo Oito

Bane estava atrás da pequena mulher, incapaz de afastar a sensação de que ele estava pronto para lutar. Como se tivesse que estar preparado para enfrentar o mundo com um aviso prévio para ela. Também sentiu como se ele a conhecesse em algum nível. Como se sempre a tivesse conhecido. Ela era familiar, mas ele não podia saber de onde.

Como se você estivesse sempre negligenciando encontrá-la.

Ele estava despedaçado. Parte dele queria matar todos os homens do lugar por simplesmente estarem muito perto da mulher, enquanto a outra parte queria espalhá-la na mesa e fodê-la até que nenhum deles pudesse se mover de novo. Para o inferno com as testemunhas. Ele queria empurrar-se nela e jorrar sua semente profundamente.

Ela precisa de sua ajuda, não seu pau, pensou, apesar dos protestos de seu pau.

Sempre vigilante, ele continuou a olhar envolta do clube. Poderia ter jurado que a viu falar com Lance Toov, um ex Immortal Op, antes que ele se aproximasse dela. Ele havia sido informado sobre a situação de Lance e sabia que o homem havia caído nas mãos do inimigo. Ele tinha sua mente fodida e agora estava fazendo o trabalho sujo dos bandidos. A pequena mulher na sua frente trabalhava também para o lado do mau?



Ela não parecia má para ele.

Assustada e desnutrida? Sim. Mau? Não.

Mas muito familiar.

Sua mão foi para onde ele normalmente manteve sua carteira mais uma vez. O desejo de ter a foto da amiga de Paisley na mão era grande. Como Bill ainda não havia devolvido a carteira, Bane estava com as mãos vazias.

Ele olhou para baixo para encontrar a mulher pegando a comida diante dela como um pássaro. Curvando, ele moveu o longo cabelo castanho e apertou os lábios na sua orelha. — Coma ou vou forçá-la.

As palavras saíram ásperas, e ele nem sequer quis dizer isso. Esperava que ela fugisse dele. Eletinha que parecer intimidante para ela. Inferno, homens três vezes seu tamanho se encolheram em sua presença antes de molhar-se quando ele mandou que fizessem coisas.

Ela olhou para ele, colocou uma frita na boca e depois enrugou o nariz com desafio. O ato inteiro era atrevido e os lábios de Bane se contraíram antes de sorrir. Ela sorriu para ele e sua mente correu com o quão glorioso seria acordar ao lado desse sorriso para o resto de sua vida.

Minha.

Ele empurrou, seu gorila fazendo sua versão de bater em seu peito. Ele queria sair. Queria colocar sua marca na mulher pequena diante dele. A pior parte era, ele queria deixar isso acontecer.



— Ei. Sorrir é realmente tão difícil? — Ela perguntou, batendo seus grossos cílios para ele.

Bill bateu na mesa, rindo alto. — Para ele? Sim, sorrir é muito difícil. Quanto mais você conhecê-lo,

mais você percebe que ser um barril de risos não é realmente a dele.

Bane mordeu o lábio para não rir. Seu olhar deslizou sobre a mulher na cadeira, e ele congelou no momento em que percebeu que podia ver diretamente por seu vestido transparente. Seu pau já duro ameaçava livrar-se do jeans.

No começo, ele olhou para os seios como um idiota total, mas então parou, concentrando-se nas inúmeras contusões em seu corpo. O vestido e o suéter mal ajustados eram muito grandes e volumosos para ela, e haviam escondido o estado do corpo de sua visão para começar. Ao ver o quão inchado estavam os machucados e como estavam todos em diferentes estágios de cura, ele viu vermelho. Ela tinha sofrido, mais de uma vez, e durante um longo período de tempo.

Ele a virou para encará-lo com mais força do que pretendia. Seu animal queria matar quem a machucara. Ele queria rasgar a pessoa responsável por sua condição membro por membro. — Quem machucou você?

Engolindo, ela ficou tensa.

Ao ver sua reação a ele, sua besta parou de tentar empurrar para fora. Ele respirou profundamente, dando ao lado do gorila um segundo para se acalmar. — Desculpa. Eu apenas, bem, as contusões.



Ela puxou o final de seu suéter e evitou seu olhar.

— Escute, não quis te assustar.

— Eu sei.

Ele se inclinou novamente, esperando parecer menos ameaçador. Do jeito que Bill estava olhando para ele com nada mais que desapontamento em seu

rosto, Bane estava falhando miseravelmente. — Se você me disser quem te machucou, prometo tornar sua morte lenta e dolorosa.

Bill abaixou a cabeça em suas mãos, balançando a cabeça. — Você não sabe dirigir direito, bebe leite ruim, e é uma merda total com as senhoras. Diga-me o que é que você pode fazer.

Bane limpou a garganta. — Erm, ok, eu vou matá-los rápido?

A mulher tocou seu rosto e seu corpo inteiro iluminou com a necessidade dela. Desde o momento em que a viu do outro lado do bar, ele a queria. Queria mergulhar em suas profundidades de seda e perder-se nela. Era irônico que ele tivesse colocado interessado nela, quando não era o tipo de mulher que ele normalmente fazia pelo menos. Para não mencionar, em um clube cheio de mulheres de topless, ele não conseguiu arrancar o olhar de quem tinha quase todo pedaço de sua pele coberto de roupas.

Ela sorriu docemente, mas não alcançou seus olhos. — Obrigada pela oferta, mas só quero ir para casa. Eu não quero jamais estar ao redor dele novamente. Quero esquecer que ele está vivo. E que seus homens também estão.

— Seus homens? — Ele perguntou, seu temperamento esquentando. — Me dê nomes.



Suas sobrancelhas se encontraram. — Por quê? Esta não é a sua luta. E não estou enviando você para a sua morte. Você é a primeira pessoa que toquei em semanas. Eu não te quero morto. Quero você deitado em suas costas, debaixo de mim enquanto te monto até você explodir dentro de mim.

Bill sorriu e deu-lhe dois polegares. — Ei, talvez você não seja um merda total depois de tudo.

Bane simplesmente olhou para a mulher que estava vestida como se a ideia de sexo a mandasse correr para a confissão. Ela realmente tinha dito o que ele achava que disse? Ele jogou em sua cabeça e percebeu que ela realmente disse que queria montá-lo até ele explodir nela.

Eu estava tão errado. Ela precisa do meu pau.

Seu pênis latejava e doía, querendo dar o que ela pedia. Era tão fácil imaginar-se a levantando, tirando a roupa e depois se enraizando dentro dela. Ele sabia que seria divina na cama. E ele sabia que perderia o controle total com ela. Ela não podia estar falando sério sobre querer ele. — Hum, uh... senhora?

— Galiena, — ela disse com uma piscadela. — Podemos ignorar as longas apresentações e, possivelmente, ter relações sexuais?

— Eu realmente gosto dela! — Bill levantou um braço e moveu sua mão como se estivesse montando um cavalo. — Pegue essa e não deixe ir embora. Aposto que ela é uma pessoa selvagem.

Bane não conseguiu pensar, e muito menos responder. Seu pau estava completamente de acordo com a ideia. Sua besta queria isso também porque ele queria marcá-la. Reivindicá-la.

Minha.



A palavra quase caiu de seus lábios. Estava lá, dançando na borda, querendo ficar livre. Suas mãos queimaram com a necessidade de mudar de forma. Ele recuou rapidamente, preocupado que se perdesse e se transformasse em um gigante gorila no meio de um bar da cidade. Certo, ninguém dentro acharia estranho muito porque eram

sobrenaturais, mas no momento em que ele se libertasse do clube e atingisse as ruas, o pandemônio se seguiria.

Galiena o alcançou e ele se afastou do contato como se estivesse queimando. Uma expressão ferida caiu sobre seu rosto e ela aproximou sua mão para si mesma.

Instantaneamente, Bane quase a agarrou, querendo apertá-la. Ele queria varrê-la do chão e nunca deixar ir. Logo depois de se mudar e ter seu caminho com ela.

Não! Ele pensou, temendo uma repetição do passado. Ele não podia perder o controle novamente. A própria ideia de que a mulher diante dele pudesse acabar como uma vítima de sua fera era demais para ele.

—*Acalme-se*, — veio a voz de Gus na cabeça de Bane.

Isso foi mais fácil dizer do que fazer. Ele só entrou no lugar para buscar Bill e Gus antes que eles conseguissem entrar em mais problemas. Por que ele estava de repente lutando com tudo o que tinha, para evitar espalhar a pequena beleza antes de afundar os dentes em sua carne e seu pau em seu corpo? E por que sua besta estava tão nervosa?

— Cara, pegue sua oferta! — Bill chamou uma garçonete e fez um gesto para as duas mulheres de topless que não haviam saído de perto dele. Ele tirou dinheiro do bolso da jaqueta. — O que minhas bonecas querem?



A garçonete sorriu. — Wild Bill, seu dinheiro não é bom aqui. Você sabe disso. As bebidas são por conta da casa. Ah, e seu amigo está em sua quinta margarita gigante. Ele realmente tem uma coisa para aqueles pequenos guarda-chuvas, não é?

Galiena baixou o olhar de Bane. — Isso é um não para sexo, então, não é?

Espere? Ela acha que ele estava a dispensando?

— *Você não deu uma resposta para ela,* — disse Gus em sua mente antes que o som de um soluço.

Bane olhou para encontrar Gus sugando com loucura outra bebida. Várias taças vazias estavam ao lado dele. A última coisa que Bane precisava era lidar com um Gus bêbado. Não havia como dizer o que o homem poderia fazer. — Sem mais bebidas para você.

Gus fez contato visual direto com ele. — *Desmancha-prazeres.*

— Tudo o que é preciso para que você tenha algo próximo das interações sociais normais é beber todas?

Bill sorriu. — Sim, não é grande?

Galiena levantou-se e juntou as mãos de forma nervosa. — Eu devo ir. Eu estive aqui por muito tempo. Thor me avisou que aqui não é seguro.

Thor?



Bane ofegou, lembrando de uma vez que um agente da PSI lhe havia dito que Lance estava com o nome de Thor agora. Ele não estava enganado. Ele tinha visto Lance com Galiena. Algo estava errado. Realmente malditamente errado.

Quando Galiena fez um movimento para ir, Bane estendeu a mão e segurou seu braço. Ele teve que se esforçar para evitar usar muita pressão. Sua

mão passou por todo o seu braço. Ela era muito magra.

— Galiena, não. Fique. Por favor.

Olhando através de cílios semicerrados, ela balançou a cabeça, suspirando. — Eu não posso. Não é seguro para você estar perto de mim.

— Não é seguro para alguém tentar colocar um puta dedo em você novamente! Eu os cortarei ao meio. Vou rasgá-los em tantas peças que ninguém será capaz de descobrir o que é o que. Eu vou quebrá-los! — Ele gritou com tanta força que fez os copos sobre a mesa tremerem. Seus lábios comprimiram em uma linha fina e ele tinha que estar atento para não deixar seu temperamento livre mais do que já estava. Se o fizesse, ele provavelmente rasgaria o clube e deixaria em pedaços.

Bill recostou-se na cadeira, puxando uma de suas mulheres para o colo. — Realmente encantador.

— Idiota, — criticou Bane na direção de Bill.

— Macaco! Atirador de cocô! Bebedor de leite ruim! — Respondeu Bill, colocando os polegares nos ouvidos e depois acenando com os dedos para Bane de forma dramática. O homem de cabelos bagunçados parecia uma criança que fazia birra, e Bane estava tentado para enviá-lo para o seu quarto por bastante tempo.



Galiena puxou-se para tirar o braço do ombro de Bane. — Eu tenho que ir agora. Eu preciso me alimentar. Não posso aguardar mais. Se eu não lidar com isso, e em breve, outra pessoa ficará ferida por minha causa.

Confuso, Bane olhou para ela e para a comida quase intocada na mesa. Seu olhar voltou para

Galiena e o conhecimento que ela exigia mais do que a comida real acertou-o com força. Seja lá o que for, ela precisava de mais do que estava oferecendo atualmente, e isso era inaceitável para ele. Ela era sua responsabilidade. Sua para cuidar. E para proteger.

Dele.

Ele se inclinou tanto quanto conseguiu curvar-se confortavelmente e olhou-a nos olhos. — Você não está falando de comida, está?

— Não, — ela disse, olhando para longe.

— Sangue? — Ele perguntou, imaginando se talvez ela fosse uma vampira ou algo parecido. Ele não sentia cheiro de vampiro vindo dela, mas, novamente, ele não conseguia cheirar nada sobre o perfume de baunilha e jasmim que parecia irradiar dela. Isso o deixava louco e com necessidade.

Ela fez uma pausa, seus ombros escorregando. — Eu não sei. Talvez. É diferente do que costumava ser.

— O que é diferente? — Ele perguntou, desesperado por ajudá-la. Ele percebeu naquele momento que, mesmo que tenha acabado de conhece-la, daria tudo o que tinha, incluindo sua vida, para cuidar de suas necessidades.

— A fome, — ela sussurrou, suas mãos encontrando as dele. — Eu me alimento com sexo, mas a fome não para agora. Eu feri as pessoas. Eu mato as pessoas quando as toco.



Sua testa enrugou quando ele tentou entender suas palavras e suas emoções. Elas estavam em conflito, e se ele não juntasse sua merda logo, achava que algo ruim aconteceria. — Estamos nos tocando, e não estou morto.

Bill inclinou-se para a cadeira de Galiena e encarou Bane. Ele balançou a cabeça e depois tocou sua têmpora como se estivesse com uma dor de cabeça de tudo. — Eu acho que você não é o cérebro de muitas operações, é?

Bane rosnou e Bill, sabiamente, saiu de sua linha de visão, mas não antes de lhe dar o dedo mais uma vez.

Galiena soluçou suavemente, e cada lágrima que derramou quebrou algo profundo dentro de Bane. — Eu não sei por que não machuquei você. Estou aterrorizada. Posso sentir minha escuridão subir. Está com fome e precisa de sexo. Não tive uma relação sexual completa em semanas, se minha contagem for correta. Isso é muito tempo para o meu tipo. E com o que eles fizeram comigo... os testes, as injeções, eu simplesmente não sei o que vai acontecer.

Testes? Injeções?

Bane não ouviu nada além disso. Alguém a machucou. Esse alguém morreria. Ele os perseguiria até matar todos e iria garantir isso, o fim deles seria lento e doloroso. Eles pediriam piedade, o que ele nunca concederia. Ele os faria sofrer. Fazer com que se arrependam do dia em que tocaram na sua mulher.

Minha mulher

Ele balançou e pensou por uma fração de segundo para acalmar.

Bill colocou uma mão na boca e gritou: — Madeira!

Os olhos de Galiena se arregalaram. — Bane?



Ele piscou várias vezes, entrando em seus sentidos lentamente.

— Você está dizendo que precisa de sexo?

Ela assentiu com os olhos arregalados.

— Agora. Não posso esperar. Eu tenho que encontrar alguém para ter sexo. Alguém que não vou transformar em uma pilha de poeira.

A própria ideia de que ela procuraria outro homem para preencher suas necessidades o colocou na borda. O alfa nele não deixaria isso.

Ele a agarrou pela cintura, levantou-a e capturou sua boca com a dele.

Suas pernas enrolaram sua cintura e ela devolveu seu beijo, levando-o ao próximo nível.

Ele a levou para a parte de trás do bar, seus lábios nunca se separando. Ele continuou, levando-a para o banheiro dos homens. Virando, ele a colocou de costas contra a porta, prendendo-a e a porta no lugar enquanto continuava a beijá-la.



Capítulo Nove

— EU ACHEI A súcubo, — disse um dos guardas de Helmuth pela linha telefônica. — Ela está em um clube de sexo administrado por algumas ninfas. Está perto da borda da cidade, mas ainda está dentro do seu território. O lugar costumava ser um bar de motoqueiros, mas fechou alguns meses atrás. Parece que as ninfas aproveitaram o momento.

— Você tem certeza de que é Galiena? —Perguntou Helmuth em seu telefone celular, seu olhar prendido em um grupo de mulheres jovens caminhando perto de seu veículo estacionado. Seu lábio se curvou à vista deles, cada uma tentando desesperadamente parecer mais velha e mais sexy do que eram. Nunca se sentiu atraído por esse tipo de mulher. Enquanto Galiena era tecnicamente uma prostituta, ela só tinha tantos homens por que era uma súcubo. Ele entendeu isso. E ela estava acima de outras mulheres. Elegante, inteligente, sexy sem tentar abertamente.

Seu pau insinuou a vida simplesmente pensando nela. Sempre foi assim com ela. Ela era a única mulher que poderia excitá-lo sexualmente, sem usar seus poderes, para fazer seu pau responder, mesmo que fosse um pouco. Ele tinha tido centenas de súcubos em sua vida, e todos tinham servido bem, mas nenhuma o chamou em um nível que ele não conseguiu explicar.



Galiena fez e tinha sido a única a se recusar a ir para cama com ele.

Mesmo em suas horas mais sombrias, mantidas dentro do nível mais baixo de uma de suas mansões, ela não quebrou. Ela o recusou.

Ele apertou e depois abriu o punho e as unhas se alongaram ao mesmo tempo, parecendo punhais. Ele teve que se concentrar para impedir que ele próprio mudasse completamente, naquilo que ele nascera há muito tempo - algo mais dentro da comunidade sobrenatural que pensava que eram apenas lendas e mitos. Algo que, sem o soro que ele criou há décadas, o forçaria a voltar à pedra durante o dia.

Uma gárgula.

Ele sempre odiava o nome de seu tipo. E ele nunca permitiu que a palavra fosse pronunciada em sua presença. Muito poucos sabiam dos seus laços com as gárgulas. Que seu pai tinha sido um, e sua mãe tinha sido uma vítima pobre e desavisada. Tomada, usada e mantida até ela ter criado um filho. Como uma bruxa, ela tinha o poder de anular leis de acasalamento da natureza até certo ponto. Mas não totalmente. Pelo que lhe disseram, ela pagou o preço com a vida ao seu nascimento.

Chegou a este mundo um assassino. Matando sua própria mãe. E ele tinha sido criado por monstros. Quando ficou claro que ele não era como eles, nem totalmente de sua espécie, nem totalmente humano nem bruxa, eles o descartaram e o deixaram para morrer.



Mas ele sobreviveu.

Ele sempre fez.

Ele se fez um nome em Seattle e tinha feito isso sem deixar de ser que era. As pessoas o temiam por seu dinheiro, poder e crueldade. Eles não o temiam porque ele era um verdadeiro monstro.

Seus dedos se endureceram e ele tremeu, precisando respirar para que eles retornassem à forma humana. Se não encontrasse Galiena, e logo, temia que nenhuma quantidade de soro no mundo evitaria o que estava acontecendo com ele.

Seu corpo, depois de todo esse tempo, estava tentando se converter para o que seu pai era. Mas ele sabia o que tinha acontecido com seu pai por sua traição.

Por forçar uma bruxa a dar-lhe um filho, seu pai tinha sido amaldiçoado de forma totalmente gárgula, incapaz de retornar ao ser humano. Os rumores chegaram a ele que seu pai havia sido transformado em pedra e deixado no telhado de um edifício na França, mas Helmuth nunca mais havia investigado. Ele não se importava. Sua única preocupação era que ele estava mostrando os mesmos sinais de loucura que seu pai tinha com o insulto adicional de virar pedra. O rumor também disse que a doença mental corria profundamente na linhagem de seu pai.

Ele suspirou.

Seu pau havia parado de funcionar há muito tempo sem a ajuda de poderes e proezas de um súcubo. E Helmuth desenvolveu uma sensibilidade à luz solar. A maioria supôs que ele era parte vampírica, e isso estava bem para ele. Ao longo dos anos, ele usou seus clubes de luta subterrânea para colher amostras de DNA de vários sobrenaturais, sempre dos mais poderosos, na esperança de poder aperfeiçoar algo que deteria sua progressão em um monstro.



Malditos répteis com asas que andam e respiram. Foi assim que viu o clã de gárgulas de seu pai.

Trinta anos atrás, ele havia capturado um shifter tubarão e descobriu que um soro formulado a partir do DNA do shifter ajudara a evitar alguns dos problemas de Helmuth. Ele tinha sido capaz de fazer sexo com facilidade por alguns meses. O sexo sempre ajudou. Isso lhe deu mais controle sobre suas mudanças. Mais controle sobre a besta interior. Mas as injeções do shifter tubarão deixaram de funcionar.

Agora, ele estava desesperado pelo que Jinx lhe tinha dado, pequenos gostos de seu poder. Claro, ela só tinha feito isso porque ele a enganou para pensar que sentia algo por ela, e então ele a ameaçou e seus funcionários. Não importava. Ele conseguiu o que precisava. Mas ela tinha ido embora e conseguiu se casar, antes de limpar seu bordel e sair da área.

Ele pensou em caçá-la, mas agora estava acasalada com o homem que estava no comando da equipe Immortal Ops. Buscar Jinx seria um desafio direto para eles, e ele ainda não estava em posição de afrontá-los completamente.

Logo ele estaria.

Galiena eventualmente veria que ele era sua única esperança de sobrevivência. Que ele era o único que poderia amá-la pelo que ela era agora - mais do que simplesmente um súcubo.



Um sorriso frio e calculado deslizou sobre seu rosto quando pensou sobre o que ele tinha feito com Krauss para ela. Ele exigiu que o cientista desse injeções que possuíssem vários outros DNA súcubos, bem como vestígios de vampiros, shifter felino e uma pequena porção de seu DNA também. Ele esperava que com isso fizesse Galiena perfeita para ser companheira dele. Por mostrar sinais de gárgula e aceitá-lo de bom grado.

Talvez eles tenham até filhos por conta própria. Ele poderia fazer a coisa familiar. Ele poderia achar dentro de si mesmo algo para tolerar uma criança, especialmente se isso significasse que poderia ter Galiena.

Mas a cadela o deixou. Ela fugiu a noite, pensando que poderia simplesmente ir embora sem consequências.

Ela aprenderia.

Ele estava na borda desde o momento em que havia sido alertado de que sua propriedade preciosa havia escapado. Ele ainda não tinha certeza de como ela ganhara sua liberdade. Não houve testemunhas. Tudo o que restava daqueles que ele deixara para protegê-la eram pilhas de cinzas. Um efeito colateral dos experimentos de Krauss sobre ela.

Ele já tinha visto cinzas assim antes, quando era jovem. Uma mulher dentro do clã de gárgulas de seu pai tinha o dom de sedução e magik. Ela tinha sido a única a fazer cumprir as leis entre o clã. Outro a desafiou uma vez para o cargo e o resultado foi a mesma pilha de cinzas. A fêmea havia ficado em cima disso, olhando os homens do clã como se estivesse desafiando-os a tentar mudar sua posição novamente.

Nenhum tinha feito.



Ele ficou sabendo há quase um século que ela pereceu, juntamente com a maioria do clã, por causa de feudos entre as classes de gárgulas. Foi para o melhor. Eles não o aceitaram como um deles. Ele tinha sido forçado a viver como uma mentira, reinventando-se a cada poucas décadas para evitar que alguém descobrisse sua verdade. Mesmo seus próprios homens achavam que ele era jovem para um sobrenatural.

Ele não era.

Ele era velho.

Muito velho.

— Droga, é ela? — Perguntou, aumentando a agitação.

— Sim, é. Mas, chefe... ela está no banheiro com um cara. E ele não está se transformando em pó.

A raiva de Helmuth aumentou rapidamente. Ela correu dele diretamente para os braços de outro? E este homem era imune a seus novos dons?

— Não a deixe sair de sua vista. Fui claro?

— Sim. Você quer que eu mate o homem? — Perguntou o guarda. — Ele tem as mãos em sua mulher. Ele é um cara grande, mas você sabe o ditado, quanto maior for, maior a queda. E, chefe, há sussurros de que os agentes da PSI estão na área. Além disso, I-Ops tem olhos e ouvidos por toda a cidade agora. Eles estão buscando alguns Outcasts ou algo assim. Eu não sei todos os detalhes. Apenas dizendo o que estou ouvindo nas ruas.

O demônio em Helmuth sibilou, querendo ficar livre e mudar, voar e arrancar os olhos do homem que ousava tocar no que era dele. — Não! Deixe-o para mim. Fique atento a ela. Não se aproxime dela. Estamos a caminho. Eu verei isso do PSI e I-Ops.



— Claro, chefe.

Ele desligou a ligação e olhou para o motorista. — Ela está no outro lado da cidade. Num clube de sexo.

— Mas, chefe, você dirige todos os clubes sexuais agora. Você não tem um cruzando a cidade, — retornou seu motorista.

Helmuth exalou lentamente, sua paciência se esgotou. — Parece que as ninfas estão na área, e não entendem as regras da minha cidade, ou elas têm um desejo de morte. De qualquer forma, vamos ao clube e vamos recuperar minha propriedade.

O motorista assentiu.

Helmuth pressionou o botão de contato de Gisbert Krauss no telefone. — Eu a encontrei.

— Bom. Eu estava começando a pensar que seu animal de estimação era mais esperto do que você, — disse Krauss, sem se preocupar com a brincadeira, pois não havia amor entre os homens. Eles trabalhavam juntos por necessidade, não lealdade ou amizade. Helmuth tinha dinheiro, contratou músculos e uma rede subterrânea, e Krauss tinha a ciência necessária para fazer as coisas acontecerem. Eles também se juntaram com um mestre vampiro, e até agora, o relacionamento era pedregoso, mas funcionava. No entanto, Helmuth não tinha tanta certeza de que o vampiro com quem estavam trabalhando poderia ser confiável. Molyneux tinha sua própria agenda, e não parecia quer cooperar com Helmuth ou Krauss.



Várias mais pessoas importantes foram programadas para começar a trabalhar com eles também. Logo, eles monopolizariam o subterrâneo paranormal e acabariam com o PSI e o I-Ops de uma vez por todas.

— Eu acho que você deveria preparar alguns de seus animais de estimação. Podemos precisar deles, — disse Helmuth.

Krauss ficou calado um momento. — A última vez que você me pediu para deixá-los sair livres eles rasgaram suas docas em pedaços. Eles me dizem que ainda estão sendo encontradas partes de corpos durante todo esse tempo.

— Os berserkers são exatamente o que será necessário. PSI e Immortal Ops estão rastejando pela minha cidade por muito tempo. É hora de enviar uma mensagem clara e qual lugar melhor para fazer do que um clube que é a concorrência?

— Eu gosto do jeito que você pensa, Helmuth, — disse Krauss. — Eu tenho alguns novos animais de estimação que podem sair para uma caminhada. Talvez seja melhor se eu tirá-los de suas gaiolas para fazer algum exercício. Não faço promessas de que possam ser contidos.

— Naturalmente.

— Diga-me o local.

Helmuth desligou e sentou-se no SUV. Logo ele teria o seu súcubo de volta e ela lhe daria o que queria ou ele deixaria os animais de estimação de Krauss brincar com ela.



Quando o pensamento veio até ele, estremeceu. Seria um desperdício se Galiena morresse. Ela era muito bonita. Uma gema rara. Tinha se sentido atraído por ela desde o segundo em que a tinha visto no clube de Jinx.

Ele tomou atitudes erradas com ela. Quando ele pensou nisso, percebeu que deveria ter sido mais

genuíno em sua busca por ela, mas ele estava desesperado por uma companheira súcubo por décadas. Desde que seu pau parou de funcionar por conta própria. E ela era linda. Ela seria perfeita para ele, mesmo que fosse teimosa.



Capítulo Dez

Galiena comeu da boca de Bane, desesperada pelo que ele estava fornecendo. Suas mãos vagavam por seu corpo duro e musculoso e ela gemeu, querendo que sua camisa fosse embora. Ela queria uma pele nua contra a dela. Ela empurrou as mãos para cima e debaixo da camisa e ficou surpresa com a sensação dos pelos no peito. Ela nunca tinha gostado de cabelos no peito dos homens, mas nele a excitava. Não parece certo para ele ter um peito nu. Ele era simplesmente alfa demais para isso.

Seus dedos escorreram sobre a pele extra macia. Demorou um momento para que seu cérebro compreendesse o que estava sentindo - cicatrizes. Muitas delas. Seu coração quebrou por ele, como raiva construída profundamente dentro dela. Quem ousou machucá-lo?

— Bane, isso são cicatrizes? Quem machucou você? Eu quero nomes.

Rindo, ele a ignorou e depois a beijou de novo, despertando mais paixão nela. Ela queria seu pau nela agora, duro e áspero. Ela não queria que ele fosse gentil. Ela queria que ele fosse cada vez mais o alfa que suspeitava que ele era capaz de ser. Principalmente, ela queria arrancar a camisa do corpo dele e lamber ele todo.



Cada centímetro dele.

— Rápido, — ela insistiu.

Uma risada viril foi a sua única resposta verbal. Ele usou um braço para empurrá-la contra a porta do banheiro e o outro para alcançar entre eles. Sua mão grande empurrou seu vestido muito devagar. Ele demorava muito. As chamas a consumiriam se ele não aumentasse o ritmo, e rapidamente.

— Por favor, — ela implorou, o desespero cobrindo todas as suas palavras. — Eu preciso disso. Eu preciso de você agora.

Seus dedos tocaram o fino material da calcinha que ela usava. Tinha sido uma que Helmuth providenciou, e enquanto odiava antes agora estava feliz por ser fina e facilmente afastada por Bane.

Ele colocou um dedo no seu centro e quebrou o beijo. — Você tem certeza?

— Foda-me, Bane! — Ela empurrou para dentro de seu dedo e gritou enquanto o prazer começou a construir. Seu canal fechou-se sobre o dedo, agarrando-o firmemente. Seu lado súcubo saiu para a vida, empurrando o poder para ele. Ela esteve a meio segundo de se preocupar que o prejudicaria antes de atingi-lo completamente.

Ele inclinou a cabeça para trás, os músculos em seu pescoço esticando e estalando antes de olhar para ela com olhos que eram quase totalmente pretos. Ela lembrou que ele era um shifter e não entrou em pânico. Ela sabia que ele estava à beira de uma mudança. E enquanto ela entendeu que muitas vezes poderia ser mortal, não o temia. No fundo, ela sabia que ele não iria machucá-la.



Ele ofegou e tentou afastar-se dela. Seu poder não estava deixando. Enrolou-se ao redor dele, segurando-o perto, enviando luxúria através dele. Ela já sabia o que estava fazendo no corpo dele.

Estava fazendo seu pau tão duro quanto uma pedra. Também estava aumentando sua resistência, não que ela pensasse que ele tinha problemas nessa área. Ele fechou os olhos e ela alcançou entre eles, indo por cima de seu jeans.

— Não, — ele disse, pegando seu pulso. — Eu não quero te machucar.

— Se você não se calar e me foder em breve, eu juro que vou machucá-lo, — ela disse, apenas faltando pouco para gritar.

Seus lábios se curvaram quando ele deslizou seus dedos habilidosos de volta ao seu sexo. Ele empurrou-os para dentro e para fora dela, seu polegar esfregando seu clitóris, provocando pequenas ondas de prazer dela. Sua escuridão alimentava a energia entre eles como se fosse uma lunática depravada. Em muitos aspectos, era.

Parecia tão bom.

Galiena cavalgou seus dedos, os lábios indo para os dele. Ele a beijou e continuou a lhe dar o que precisava com nada além da sua mão. Se o homem fosse tão talentosamente com apenas seus dedos, o que poderia fazer com seu pau?

Ela se contorceu, aproximando-se do auge. Enquanto estava sentada à beira de seu auge, prendeu o olhar nele, percebendo que era o tipo de homem que ela queria ter toda vez que precisasse se alimentar, não só agora.



Outra coisa a atingiu, ela estava desenvolvendo sentimentos por esse homem.

Um homem que ela mal conhecia.

Não fazia sentido, mas nada mais fazia. Tudo o que sabia era que não só queria Bane completamente, precisava dele. Todo ele.

— Por favor, mais. — Ela implorou contra seus lábios.

Seus beijos foram cada vez mais rápidos, assim como as estocadas de seus dedos. Ela se quebrou pelo que parecia um milhão de pedaços quando seu orgasmo atingiu, enchendo a escuridão até a borda. Galiena estremeceu, chorando, sua buceta convulsionando em torno de seus dedos, seus lábios ainda juntos.

Ele se esticou contra ela e separou o beijo, sua testa indo para a dela. Ele fechou os olhos. — Querida. Isso tirou a sua fome?

— Sim.

— Bom. — Ele tirou os dedos dela, e ela imediatamente lamentou a perda. Ele a deixou de pé, seus movimentos rígidos. — Vamos levá-la a algum lugar seguro e colocar mais alguma comida no estômago. Você mal comeu.

Era isso? Ele não teria sexo real com ela?

— Bane?

Ele parecia dolorido quando olhou para ela. — Eu não vou levá-la assim, em um banheiro público, como um animal. Não quando sua fome de sexo está controlando sua decisão para me pedir que foda você.



— Não está me controlando agora, — disse com toda a honestidade. — Eu quero você. Eu quero isso.

Ele trouxe os dedos que tinha nela e levantou ao rosto e inalou profundamente. Um grunhido libertou-se e ele olhou diretamente para ela, sua expressão selvagem. Ele lambeu os dedos, limpando o creme deles, seu olhar perverso e prometendo mais prazer muito em breve. — Você tem gosto de baunilha.

Ela corou, e isso a surpreendeu. Ela não era tímida quando se tratava de sexo.

Ele baixou o olhar dela. — Eu quero lamber cada parte sua, baby.

Excitada, e sabendo que ele queria mais com ela, mas era um cavalheiro, Galiena tomou as coisas em suas próprias mãos. Ela o agarrou e girou-o, empurrando-o contra a porta.

Chocada por sua força, ela parou um segundo antes de descer na frente dele, desfazendo o seu jeans. Ela o abriu para descobriu que ele não estava usando roupas íntimas.

Seu pau longo, grosso e duro saiu de seus jeans e ela ignorou seus protestos enquanto enfiava a cabeça na boa, levando-o profundamente. Ele bateu as palmas de suas mãos na porta que sacudiu com tamanha força, ela ficou surpresa que a porta não caiu. Olhando através de seus cílios para ele, Galiena observou enquanto ele olhava para ela com nada além de arrebatamento em seu rosto.



A visão estimulou mais ainda seu lado súcubo.

Gostava de saber que estava agradando. Sabendo que ele era dela para fazer o que desejasse, e agora não desejava nada além de sugá-lo até que ele explodisse em sua boca. Ela ansiava a energia que sabia que isso criaria. E queria ver o seu rosto e se

guardar na memória. Afinal, ele tinha visto o dela. Parecia justo que ela tivesse um vislumbre dele.

Galiena usou as mãos para adicionar mais estimulação ao seu pau. Ela envolveu seus dedos em torno de sua circunferência o melhor que pôde e continuou engolir todo em sua boa, balançando a cabeça enquanto o acariciava. Bane tremia ligeiramente com cada chupada, cada lambida que ela oferecia. Ele era tão receptivo a ela que não podia deixar de sorrir. Parecia certo. Como se ela fosse feita para fazer isso, feita para complementá-lo, e ele fez o mesmo por ela.

Prendeu seu olhar com o dele, ela usou os dentes para raspar levemente sua pele sensível. Seu maxilar tensionou e ele estendeu a mão, batendo na parede do banheiro, fazendo com que o local marcasse sob a pressão de sua mão. Seus quadris se contraíram e ela acenou com a cabeça, querendo encorajá-lo a foder sua boca.

Ele fez.

Ela relaxou, deixando-o controlar o ritmo. Logo ele estava batendo na parte de trás da sua garganta e ela adorava cada segundo. Cada momento de dar ao homem diante de si seu prazer. Nunca sentira algo tão certo em toda a sua vida. Sua escuridão devorou sua paixão, alimentando-a e realmente se enchendo quando ela se sentiu tão vazia por semanas.



Ele a fez sentir completa. Fez-lhe sentir como uma pessoa novamente.

— Galiena, — ele falou, seu nome saiu em um sussurro áspero. — Não aguento mais, amor.

Ele empurrou o máximo que pode, fazendo-a levá-lo profundamente e segurou-a lá. Seu pênis se

empurrou em sua boca quando a semente quente entrou jorrou, cobrindo a parte de trás da sua garganta. Imergindo, ela encontrou seu olhar mais uma vez. Sua boca estava aberta e suor cobria sua testa. Suas pernas começaram a tremer e seus olhos se arregalaram.

O grito de advertência de Bill de 'madeira' soou em sua cabeça e ela puxou o pau de Bane apenas a tempo para ele bater no chão.

Galiena ofegou quando Bane desceu com força. Ela olhou para ele, observando seu poder no ar entre eles. Ela sabia então que tinha feito isso com ele. Ela o havia drenado até certo ponto. Mesmo que ele não estivesse cinza, nem uma casca, seu poder havia extraído sua energia.

E o preço era esse.

Bane piscou para ela e tocou suavemente a cabeça. — Ouch.

Ela se moveu sobre ele rápido, preocupação por ele. — Eu te machuquei!

Um sorriso bobo e desigual veio sobre o rosto dele. — Baby, você pode me machucar tanto quanto quiser. Isso foi... whoa.

— Você está ferido? — Perguntou Galiena, acariciando sua cabeça enquanto ela permanecia de joelhos.



Ele sorriu ainda mais, e se não soubesse melhor, teria dito que estava bêbado. — Ferido? Tudo em mim parece que está mergulhado em felicidade. Puro êxtase. Fez minhas pernas vibrarem até o ponto que elas não me aguentaram. Não muito viril, eu sei, mas valeu a pena. Valeu muito a pena. Devemos nos mudar para uma cama e, em breve, principalmente para que eu possa fingir que você não me abateu e eu não apenas cair.

Vendo que ele estava realmente bem, ela exalou, e depois sorriu quando lágrimas se libertaram.

Bane tocou sua bochecha. — Baby, não chore. Estou bem.

— Estou chorando porque você está bem, — disse ela, limpando suas bochechas.

Ele colocou o pau em seu jeans e fechou, ainda deitado de costas no chão de banheiro não tão limpo. — Merda. Eu estava preocupado que você se arrependesse disso. É por isso que tentei detê-la antes de começar completamente.

Galiena sacudiu a cabeça. — Não. Não me arrependo. Estou tão feliz por não ter te transformado em uma pilha de cinzas que estou chorando lágrimas de alegria. Eu realmente gosto de você, Bane. Eu não poderia viver comigo mesmo se machucasse você. Só me senti rapidamente confortável assim somente em torno de outra pessoa na minha vida. É diferente com Paisley e eu. Nós não nos masturbamos ou temos sexo oral. Eu acho que os caras iriam adorar isso, mas não para nós. Nós somos melhores amigas, não amantes.

Ele endureceu, seus olhos escuros enormes. Ao aproximar-se, ele afastou o cabelo longo de seu rosto e segurou-o lá. Então, conseguiu parecer ainda mais chocado. — Sua necessidade de sexo... é porque você é um súcubo?



— Sim.

Ele inalou profundamente. — Galiena abreviada é Gale, certo?

Ela assentiu. — Minha melhor amiga desde a infância me chama de Gale. Ela diz que meus pais

adotivos eram cruéis para me dar o nome de Galiena. Eu não acho que seus pais estavam ganhando prêmios com o nome que eles escolheram para ela também. Quero dizer, Paisley? Não é exatamente comum.

— Tudo faz sentido agora, — disse ele, soltando seus cabelos.

— Hã?

Seus lábios se ergueram em um pequeno sorriso que puxava as cordas do coração. — Nada, baby. Só sei que as coisas estão se ajustando, como acho que elas deveriam ser. E saiba, você está a salva comigo.

— Eu sei que estou segura com você, — ela disse rápido.

Ele tentou sentar-se, mas não chegou longe. Sua cabeça bateu no chão. — Queridos deuses, mulher, você fez meu corpo se sentir tão bem que não está funcionando no momento. Você é incrível.

Ela tocou sua cabeça levemente. — Desculpa.

Ele agarrou sua mão. — Não se desculpe por isso. Nunca.

Ela olhou ao redor. — Devo chamar Bill para ajudar a te levantar? Para um shifter macaco, você é realmente grande.



Ele grunhiu, seu nariz curvando-se. — Bill não sabe merda nenhuma, e não sou um shifter macaco. Eu sou um shifter gorila.

Ela olhou para ele. Isso fez muito mais sentido, considerando seu tamanho. Outra coisa a atingiu então. — Por que você perguntou se Gale era a versão abreviada do meu nome?

Ele fechou os olhos um segundo. — Desculpe, Galiena. Eu parei de te procurar. Eu pensei que

estava inventando coisas, que eu estava alimentando o desejo de Paisley por você ainda estar viva. Eu deveria ter procurado mais por você. Deveria ter virado todas as rochas para encontrá-la.

Desconcertada, ela simplesmente se sentou lá. — Você conhece Paisley?

Ele empurrou o suéter para cima um pouco, expondo suas contusões. — Helmuth. Ele fez isso com você, não é? Onde você esteve nos últimos dois meses? Jinx não conseguiu sequer ter uma pista da localização. Quanto tempo você esteve com Helmuth e por que você não chegou a Paisley para que ela soubesse que você está viva?

Ela ofegou com a menção de Helmuth e ficou dura querendo correr.

Bane pegou o tornozelo e tentou, mas falhou novamente em se sentar. — Galiena, baby, não. Pare! Eu prometo que não sou um dos bandidos. Sim. Conheço Paisley. Ela está acasalada com um dos meus melhores amigos agora. E ela nunca abandonou a esperança de que você estivesse viva.

Paisley estava viva, segura e acasalada? Os homens de Helmuth também não a tinham sequestrado?

As lágrimas voltaram dez vezes mais. Ela se curvou rápido e tocou as bochechas de Bane, incapaz de formar palavras. Ela fez o único que pôde pensar, ela o beijou.



Ele riu em sua boca e tocou sua bochecha, limpando algumas de suas lágrimas. — Chega de chorar. Bill vai dizer a todos que eu machuquei você. E meus amigos já estarão irritados comigo o suficiente para deixar dois idiotas pularem em mim. Se eles descobrirem que eu continuo fazendo você chorar, eles realmente tentarão entregar minha bunda.

Ela sorriu.

— Eu deveria ter reconhecido você. Tenho uma foto sua que Paisley me deu. É de vocês duas em um estande fotográfico.

Galiena bufou, sabendo de qual foto ele estava falando. Era realmente a única que ela e Paisley tinham. — Foi uma de quando tínhamos dezoito anos e passamos por uma etapa de querer cortes de cabelo com estilo de duende. E se eu tiver razão, estamos horrivelmente fora de foco na foto.

— Merda. Dezoito? Mesmo? Porra. Agora eu me sinto como um pervertido total.

— Por que você se sentiria como um pervertido?

Ele corou. — Hum, sem razão. Havia apenas algo sobre a foto, bem, isso me atraia. Você me atrai.

Ela baixou o olhar, entendendo o que ele estava tentando dizer. Ela também sentiu isso. — Você faz o mesmo comigo.

Ele resmungou. — Droga, esse pequeno merda e seu melhor amigo não falante disseram que eu tinha que vir aqui para conhecer minha companheira. Disseram que eu precisava fazer sexo. Eles sabiam muito sobre isso.



— Companheira? Você está se encontrando com sua companheira aqui? — Perguntou, doeu saber que ele tinha outra pessoa e a deixou confusa, já que nunca conheceu um homem sobrenatural que estava acasalado e que ainda poderia fazer sexo com outra mulher. — Eu não sou uma destruidora de lares.

Bane tocou seus lábios. — Shh, não, baby. Pense mais sobre tudo isso. Isso vai bater em você. Acabei de saber quando estava firme nas minhas costas no banheiro do clube.

Ela pensou mais em tudo. Sobre como ele parecia imune à habilidade de sua escuridão para transformar uma pessoa em cinzas, sobre como ela não conseguiu se afastar dele quando o viu pela primeira vez, sobre como ele tinha sido o único homem capaz de ajudar com sua fome. Ele era alguém importante para ela. E ela não era ingênua para acasalar no mundo sobrenatural. Ela entendeu o que eram e o que significava ter um. — Você acha que somos companheiros?

— Sim, baby. Eu acho. — Ele sentou-se parcialmente, apoiando-se em um cotovelo enquanto a olhava. — O que seu instinto lhe diz? Porque eu tenho que dizer, normalmente não me apego a fotos de mulheres que nunca conheci, bato uma olhando elas e lutando contra o desejo de me afundar nelas quando as encontro pessoalmente. Você é a primeira para mim.

Ela mergulhou em tudo o que ele havia dito e depois inclinou a cabeça. — Você usou minha foto para se masturbar?

Seu rosto corou. — Oh, não?

— Agora eu entendo por que você se sentiu como um pervertido.



Ele gemeu.

Ela não conseguiu parar a risada que entrou em erupção. — Se você realmente conhece Paisley e Jinx, então sabe o que faço para ganhar a vida. Não sou tímida quando se trata de sexo. Atendi uma grande quantidade de clientes por isso não é algo com o qual eu ficaria consternada.

Seu rosto endureceu com raiva. — Nunca mais, Galiena.

Ela se acalmou. — O que?

— Você nunca mais irá servir a outro, fui claro? Você. É. Minha.

Sua teimosia natural quase fez discutir, mas algo no fundo a deteve. Ela queria que este homem a reivindicasse, marcá-la como dele, e marcá-la de uma maneira que significava que nenhum outro a tocaria.

Só ele.

Para sempre.

Quando a realidade de tudo passou por ela, ela recuou para trás dele, com medo de ter algo arrebatador. — Puta merda, acho que você está certo.

— Oh, eu sei que estou certo. Você nunca mais pisará em um clube de sexo novamente. Você é minha mulher. Ninguém mais a tocará dessa maneira, nunca mais.

Ela acenou com uma mão para ele. — Não sobre isso. Sobre a coisa de companheiros.

Ele acalmou. — Você acabou de me dispensar depois que eu estabeleci as regras com você?



— Sim.

— A maioria das pessoas tem medo de mim.

Ela encolheu os ombros. — Certo. OK. Tanto faz.

— Mulher.

Ela olhou para ele. — Você ficaria tão assustador se não estivesse deitado no chão depois de ter seu pau chupado. Você realmente fez o gênero beta. Não é muito assustador. Se eu quiser torná-lo inútil, tudo o que tenho a fazer é chupá-lo. Nenhuma ameaça aí.

Seu rosto corou de novo enquanto resmungava em voz baixa, algo sobre ela sendo uma total dor na bunda, mas valia a pena.

— Ei, por que você está aqui? Quero dizer, se você está todo contra eu trabalhando em um clube, sabendo que preciso de sexo para viver, por que está aqui em um clube que claramente atende a sobrenaturais e ao sexo? Os shifters gorilas também precisam de sexo para a sobrevivência? É por isso que você nunca se preocupou em contar todas as outras mulheres?

Ele olhou para longe. — Ei, eu só estou neste clube porque Bill e Gus roubaram minha carteira e meu SUV. Eles trouxeram meu veículo até aqui. Segui-os para pegar minha carteira e as chaves. Bem, e eles.

Ela riu. — Oh meu Deus, esses dois conseguiram roubar seu carro e sua carteira? Espere. Eles são os que pularam em você? Ha!

Ele gemeu. — Não esfregue isso na cara.

— Então, esta foi sua primeira vez em um clube de sexo?

Ele desviou o olhar e assobiou. Se essa fosse sua tentativa de parecer inocente, ele falhou horrivelmente.



Capítulo Onze

Galiena resmungou. — Hipócrita.

Bane abriu a boca para dizer algo quando a porta do banheiro empurrou e bateu de lado, fazendo com que Galiena se mexesse. Ela temia que Helmuth os tivesse encontrado.

Bill puxou a cabeça e ela exalou de alívio. — Uh, pessoal. Gus diz que precisamos pensar em ir agora. Ele diz que não pode ver com certeza o que acontece depois porque algo mudou, e que Galiena é realmente difícil para ele ler. Seja lá o que for, não é bom. As ninfas também estão agindo estranhas, e já são estranhas para começar. Elas continuam falando sobre regras que serão quebradas em breve. Eu não sei o que isso significa, mas soa ruim. Precisamos arrastar nossa bunda daqui.

Galiena olhou para o homem.

Ele olhou para Bane. — Por que você está no chão?

— Meu boquete teve esse efeito sobre ele, — disse Galiena, sem vergonha a menor vergonha. Ela estava bastante orgulhosa de fazê-lo perder o equilíbrio dessa maneira. — Eu terminei e bam, ele caiu. Agora estou questionando suas capacidades alfa.



Bill sorriu amplamente. — Eu realmente gosto da sua companheira, menino-macaco. Você ainda não a reivindicou?

Bane levantou do chão com cautela. — Você sabia todo o tempo o que ela era para mim?

— Certo. Gus me contou sobre ela. Disse que ela é a melhor amiga da garota que tem o nome de projetos de tecido. Aquela que acasalou com Zé Colmeia.

Levou um momento para Galiena entender. Quando ela fez, riu. — Paisley?

— Claro, essa, — disse Bill, estalando os dedos antes de apontar para ela. — Ela deveria ter uma irmã gêmea chamada Plaid. Isso seria fantástico. Não posso acreditar que ela acasalou com Zé Colmeia, um shifter urso. Weston é todo certo. Um mal humorado, mas tudo bem. Gus e eu gostamos de sua casa no Tennessee. É legal. Quieto.

Bane se endireitou e estendeu a mão, usando uma para se estabilizar na borda de uma pia. Um segundo, a pia estava onde deveria estar, e no próximo foi arrancada parcialmente da parede, pendurada num ângulo estranho, quando a água começou a jorrar de um cano quebrado.

Bill balançou a cabeça e fez um sinal indicando que ele estava cansado. — Controle sua força, Kong.

— Kong? — Perguntou Bane enquanto tentava arrumar a pia. Isso não ajudou em nada. Ele recuou e colocou a mão em Galiena, desistindo claramente de tentar reparar o dano que ele havia feito.



Ela sorriu para ele, pegando sua mão. — Eu acho que ele está se divertindo com seu tipo de shifter. Você sabe, King Kong?

Bill riu. — Sim. King Kong. Sua garota é inteligente. Sinto-me mal por ela estar com você.

— Ah, eu estou conseguindo agora. — Bane sorriu. — Vamos menino-macaco.

Ele balançou e ela empurrou contra ele, na esperança de estabilizá-lo. Tinha a sensação de que provavelmente a teria destruído acidentalmente se ele caísse.

Bill riu da porta. — Vou trazer o SUV aqui. Você controle o seu equilíbrio. Isso foi um golpe, hein?

— Sim, — disse Bane antes de grunhir. — Cale a boca e vá buscar o SUV.

Bill apressou-se e Bane virou-se para encará-la. Ele se curvou e apertou seus lábios contra os dela. Seu beijo não deixou espaço para duvida que ele a queria. Ele ficou perto dela depois de terminar o beijo.

— Vamos para um lugar seguro e podemos conversar mais lá, ok? — Ele perguntou, preocupação em sua voz.

Ela se apertou mais forte contra ele. — Tenho certeza de que vai precisar de um pé-de-cabra para me afastar de você.



— Bom. — Ele a abraçou e depois parou. — Galiena, você precisa entender que nem sempre pode confiar no meu lado shifter. Isso fez coisas no passado – eu fiz coisas.

Ela suspirou. — Bane, antes de entrar neste clube esta noite, eu transformei um homem em uma pilha de cinzas. Ele não era um bom homem. Ele era um assassino. Aquele que teria me machucado no

final, se tivesse a chance, mas você deve saber que tem uma concorrência rígida meio a meio no departamento não-confiança-no-meu-sobrenatural.

Suas narinas se acenderam. — Leve-me a esta pilha de cinzas. Agora.

— Para que? Você tem o dom da ressurreição? Porque todos os homens King Kong não poderiam transformar de volta em um corpo essa pilha de cinzas novamente.

Ele grunhiu. — Droga. Eu deveria ter estado lá para protegê-la.

— Você está aqui agora.

Ele sorriu e se inclinou para beijá-la novamente. — Eu estou.

Ela não conseguia parar a euforia que se espalhava. Ela não estava feliz assim em semanas. Na verdade, ela não conseguiu se lembrar de um momento em sua vida que já se sentiu tão leve e livre.

Isso é ser completa.

Ela estava prestes a dizer isso quando a porta do banheiro explodiu, fragmentos voaram em todas as direções.

Em um segundo Bane estava de pé na frente dela, de costas para a porta, e no próximo seu corpo estava sobre ela, forçando-a no chão, protegendo-a dos fragmentos da porta. Estalos altos eram ouvidos, pareciam fogos de artifício. A fumaça encheu o lugar, e o cheiro de algo que ela não reconheceu seguiu. Levou um momento para perceber os sons e os cheiros eram de tiroteio.



Muito disso.

Gritando, ela agarrou Bane quando percebeu que não estava se movendo. Ele era muito grande

para que ela se afastasse ou se movesse quando inconsciente. Mas o peso dele de repente foi arrancado dela - e ela olhou para encontrar Helmuth lá, olhando para a forma sem vida de Bane.

Galiena moveu-se rapidamente, empurrando o corpo para Bane enquanto Helmuth apontava uma arma para ele. — Não!

— Mova-se, — disse Helmuth, sua voz ansiosamente calma.

— Não. Pare! Não o machuque! Eu irei com você, não o machuque.

— Por quê? Este é o shifter que meus homens me disseram que você esteve por toda a noite? Ele é o único que é imune ao que você pode fazer agora? — Helmuth chutou o lado de Bane com força.

O sangue se acumulou em torno do corpo macio de Bane, e Galiena tentou, mas não conseguiu descobrir de onde todo o sangue estava vindo, para que ela pudesse exercer pressão sobre as feridas e parar o sangramento. Um grande pedaço de madeira da porta quebrada estava alojado no braço de Bane, indo até o fim. Chorando, ela tentou tirar, mas estava muito liso de sangue para se mover.

— Vocês têm os trajes? — Perguntou Helmuth.

Vários homens responderam, e abriram caminho enquanto dois homens no que parecia uma mistura de trajes de proteção para produtos tóxicos e trajes de mergulho, entraram. Eles vieram direto para ela. Quando eles a arrancaram do chão e não entraram em uma pilha de cinzas, ela percebeu o que quer que eles estavam vestindo estava protegendo-os do seu toque.



— Chefe, matamos esse? — Perguntou outro homem, também chutando Bane. — Ainda posso ouvir seu coração batendo.

— Não. Traga-o. Ele pode ser de uso depois de tudo. Krauss pode colher amostras dele e, possivelmente, trazer a engenharia para mim. — Helmuth zombou do homem. — Galiena, na verdade. Você escolheu um animal a mim? Acima de tudo o que eu tentei te dar?

Ela chorou com mais força. — Não o machuque. Por favor.

— Ei, cadela súcubo, — disse Thor, entrando no banheiro através da porta aberta. Ele olhou ao redor, mas não pareceu surpreso ao ver Helmuth e seus homens. — Eu perdi toda a diversão?

Ele que a denunciou?

Galiena olhou para ele; incapaz de acreditar que ela o julgara tão horrivelmente.

Thor olhou para ela, piscou, então virou e perfurou a garganta do homem mais próximo dele. Em um piscar de olhos, ele tinha a arma do homem e estava usando, disparando para os homens nos trajes.

Galiena caiu no chão e rastejou na direção de Bane. Um segundo antes dela ter feito contato, se viu arrancada do chão por algo que parecia uma parede de tijolos.



— Atire e você a atingirá, — disse Helmuth, segurando-a como um escudo diante dele.

Galiena olhou para Thor, que tinha sua arma apontada sobre ela. Ela engoliu. O homem também atiraria nela?

Ele levantou a arma mais alto e inclinou-se lentamente, colocando a arma no chão. — Deixe-a ir.

— Molyneux vai ouvir sobre isso, — advertiu Helmuth. — Eu vi o que ele faz para aqueles que o traem. Não é bonito ou rápido.

Dando um encolher de ombros, Thor permaneceu no lugar, observando Helmuth de perto. — Diga-lhe o que você quiser.

— Tão corajoso para uma das marionetes do vampiro. Um de seus brinquedos, — disse Helmuth. — Se o seu amor por você é tão grande, por que ele te emprestou para mim?

— Não sei. Não me importa, — disse Thor, mas o flash de medo em seu olhar não foi perdido para ela. Ela tinha ouvido o nome de Molyneux ser mencionado mais de uma vez durante o tempo em que estava presa por Helmuth. Ele e Krauss haviam discutido sobre as lealdades do mestre vampiro para a sua causa, seja lá qual fosse.

Galiena pegou o olhar de Thor e piscou, causando uma expressão de surpresa apertando em seu rosto. Ela olhou por cima do ombro para Helmuth. — Você está assumindo que o vampiro ao qual ele responde não sabe o que está fazendo agora mesmo. Você não disse a Krauss que não confia em Molyneux? Que seus objetivos não eram os mesmo que os seus?



As bordas dos lábios de Thor se contraíram e ele inclinou sua cabeça ligeiramente. — Só há uma maneira de descobrir. Ligue e pergunte a ele. Então, de qualquer forma, seria entregar que você não confia nele. Vamos ver como isso acontece, não é?

Helmuth ficou rígido. — Saia de uma vez e perdoarei essa transgressão.

— Não vou permitir que você leve a garota.

Helmuth revirou os ombros, parecendo ficar mais alto diante de seus próprios olhos. Foi então que ela notou seus dedos. Eles aumentaram e tinham garras longas brotando das pontas. Sua pele começou a mudar de branco cremoso para um azul claro.

Ela fechou os olhos, com certeza sua mente estava brincando com ela.

Quando os abriu novamente, toda a pele exposta de Helmuth nos braços e nas mãos era azul.

Thor deve ter percebido isso também. Ele recuou um pouco. — O que diabos você é?

Helmuth sibilou e se moveu na frente dela, bloqueando parcialmente sua visão de Thor. Ele arrancou sua jaqueta de marca e soltou-a antes de fazer o mesmo com a camisa que usava.

Galiena observou em um silêncio atordoado enquanto suas costas se contorciam e enormes asas de morcego surgiram. Ele era de um azul marinho profundo, quase preto. Ele inclinou a cabeça para trás, as orelhas se alongando também. Ele parecia um humano preso entre um shifter réptil e um morcego.



Ele era qualquer coisa menos humano.

Ela nunca tinha visto nada como ele, e já tinha sido uma testemunha de primeira mão de vários híbridos que Krauss experimentara. Eles eram misturas de muitos sobrenaturais, mas nenhum parecia Helmuth.

Sua escuridão entrou em alta velocidade, assumindo seus sentidos e respostas, fazendo com

que tudo ao redor dela parecesse como se estivesse se movendo muito devagar.

Thor mergulhou pela arma descartada no chão e levantou-a, mostrando uma experiência que a fez pensar em um militar treinado. Quando ele disparou, Helmuth virou-se rapidamente, sua pele passou de azul para cinza instantaneamente. As balas ricochetaram como se ele fosse feito de material à prova de balas.

Galiena observou, o que parecia um grande filme em câmera lenta, quando uma bala ricocheteou em Helmuth e foi direto para Bane. Ele já estava ferido e deitado em uma piscina de seu próprio sangue. Ela não queria que ele se machucasse mais.

Sem pensar em sua segurança, ela se atirou sobre ele, sua escuridão ardendo rapidamente.

Algo a atingiu forte no lado, a força disso roubou sua respiração.

Houve um som estridente quando algo a segurou e a levantou do chão, para longe de Bane, cada vez mais alto. A dor de ser atingida tornou difícil se concentrar, e quando ela finalmente conseguiu, percebeu que, o que quer que a pegou estava voando até o teto, arrastando-a dali. E não estava virando cinzas, apesar do fato de sua escuridão estar no máximo.



Helmuth me pegou, pensou, a respiração superficial por causa da dor. Isso a atingiu então, ele não estava se transformando em cinza porque se transformou em pedra para se proteger das balas.

Seja o que for, ele era imune ao que ela podia fazer.

Capítulo Doze

Bane acordou e tentou escutar acima do barulho nos seus ouvidos. Tudo sobre ele doía. Tonto, virou a cabeça, tentando descobrir onde estava e o que tinha acontecido. Quando o banheiro do clube entrou em foco, ele lembrou o que aconteceu. Tossindo, ele se sentou rápido.

— Galiena!

— Calma, — veio uma voz masculina familiar. — Eu tenho mais balas para tirar fora de você antes que possa começar a curar as feridas. Diga-me que você é o tipo de shifter que cura rápido. Caso contrário, teremos que ajudá-lo, rápido.

— O que... onde está Galiena? Galiena!

O cabelo loiro foi tudo o que Bane viu por um segundo enquanto sua visão estava turva. Isso o pegou, e ele ofegou enquanto olhava para o rosto de um homem que muitos haviam assumido estar morto por um há anos atrás. Immortal Operative Lance Toov.



— Lance? Onde ela está? Onde está Galiena? O que aconteceu?

— Lance? — O homem perguntou. — Quem é Lance?

Bane gemeu. Ele realmente não tinha tempo para essa besteira. — Thor, onde está a garota que estava comigo?

Lance empurrou um dedo para dentro de uma das feridas de Bane, tirando um grunhido de Bane no processo. Ele cavou por um momento antes de retirar uma bala. Ele jogou isso de lado e fez um som estranho atingindo o chão de cerâmica. — Helmuth está com ela. Tentei detê-lo, mas ele desenvolveu fodidas asas, transformou-se em pedra por um segundo para desviar de minhas balas e fugiu.

— Ele o que? — Bane perguntou com um rugido quando levantou do chão com tanta velocidade que quase caiu. Ele agarrou algo para se estabilizar e acabou afundando na estúpida parede desta vez. Água pulverizou tudo.

Lance recuou do caminho da água e deu uma olhada séria. — Sério, você não percebe o quanto é forte? Este é um novo desenvolvimento?

Bane olhou para cima e, claro, havia um enorme buraco no teto, deixando passar o céu noturno. O que causou tinha sido de tamanho e poder substanciais.

Lance tossiu suavemente. — Uh, há mais.

— O que?



— Aquelas balas que saltaram de Helmuth... elas foram em sua direção, — disse Lance, deslocando desconfortavelmente de pé ante pé.

Bane esfregou o peito. — Tudo bem, não é realmente uma notícia destruidora. Eu estarei tirando chumbo de lugares que eu nem sabia que tinha em semanas. Tenho certeza disso. Não estou

preocupado comigo. Preciso descobrir para onde ele levou minha mulher.

— Ela é sua companheira? — Perguntou Lance.

Bane assentiu. — Ela é.

— Então você deve saber que ela se atirou sobre seu corpo para protegê-lo de mais balas.

Quando Bane processou o que Lance estava dizendo, sentiu o sangue escorrer de seu rosto. — Ela foi atingida, não é?

— Duas vezes, se minha contagem estiver correta. Mas pelo cheiro aqui agora, esse sangue no chão é todo seu. Mas eu estou lhe dizendo que vi balas acertarem nela.

Bane apertou seu peito, não pela dor de ser baleado tantas vezes, mas a dor de saber que sua companheira estava ferida e ele não a protegeu.

Retrocedendo, ele escorregou na mistura de água e sangue cobrindo o chão. Um segundo estava de pé, e no próximo estava de costas mais uma vez no chão de banheiro.

Bill entrou no banheiro. — Santa Hannah! Você ainda está no chão? Aquele foi um grande golpe! Ei, onde está sua companheira? E quem é você, louro?



Houve um choque alto da parte externa do clube e Bill recostou-se para olhar. Seus olhos se arregalaram. — Ei, King Kong, acho que você precisará sair daí. Godzilla acabou de invadir o bar. Traga o loiro com você. Ou o use como um escudo. Seja lá o que decidir.

Lance chutou o que restava da porta, depois passou por ela, empurrando Bill para fora do caminho. Bane seguiu logo atrás e quando chegaram à parte externa do clube, ambos homens pararam.

Ele tinha visto muitas coisas na sua longa vida. O que estava diante deles agora era a primeira vez.

O que diabos fosse o que ele estava olhando, tinha rasgado um buraco no lado do edifício que um pequeno-caminhão poderia ser conduzido através. Não havia nenhum sinal de clientes, sobrenaturais ou de outra forma. Bane cheirou e pegou o cheiro de sangue. Seja o que for, havia machucado os outros. Ele também entendeu plenamente que não poderia ser permitido vagar solto e possivelmente acontecer o mesmo com seres humanos. Nenhuma quantidade de histórias para cobrir o vazamento de gás faria desaparecer esse assunto. Com a sorte dele, já tinha sido apanhado na câmera e os vídeos viralizando por toda a rede.

A coisa se virou lentamente, de frente para ele.

— Que merda é essa? — Perguntou Bane, olhando para uma criatura que era o dobro de sua altura o que era realmente difícil achar.

Lance amaldiçoou suavemente em voz baixa. — Helmuth os chama de berserkers. Eles costumavam ser sobrenaturais normais, mas um amigo de Helmuth os criou para ser outra coisa. Imbatíveis. Na maioria das vezes, os homens de Helmuth morrem tentando parar suas loucuras.



— Este amigo chama-se Krauss? Pequeno fodido assustador com um gênio do mal escrito por todo ele?

— Sim. Esse mesmo, — disse Lance. — Me dá arrepios.

Bane envolveu sua mente em torno do que ele estava olhando - um dos experimentos de Krauss. Ele leu os relatórios do incidente da doca que aconteceu várias semanas atrás. Seja o que for, tinha rasgado a área e quando os agentes I-Ops e PSI-Op chegaram não tinha nada além de carnificina em seu rastro.

Quando a coisa se virou, colocando um dos seus múltiplos olhos sobre ele, ele respirou profundamente. Ele derrubou muitos homens em seu tempo, os melhores de todos. Isso, ele não estava tão seguro de poder sair como vencedor.

Sua besta interior levantou-se rapidamente para aceitar o desafio. Ele queria chegar a sua companheira e faria tudo o que fosse necessário. — Eu não tenho tempo para besteira hoje à noite. Minha mulher precisa de mim. Vamos fazer isso, imbecil!

Lance fez uma dupla checagem. — Provocar ele. Inteligente. Você ainda tem balas em seu corpo, para não mencionar que ainda não curou nenhum dos outros buracos. Sim, mas vá em frente e provoque o gigante que invadiu o clube. No caso de você se perguntar, minha aposta está naquela coisa com cinquenta olhos. Não em você.



— Sabe, seu arquivo nunca mencionou que você era engraçado, — criticou Bane, seu olhar nunca deixando a criatura.

— Que arquivo? — Perguntou Lance, abrindo caminho para o outro lado da criatura. Se ele pensasse que seria capaz de se esgueirar, ele tinha outra coisa a pensar. A criatura tinha olhos por toda

sua cabeça. De jeito nenhum, nada conseguiria saltar por trás.

— Não tenho certeza de que você estará aberto para ouvir sobre isso, — disse Bane, permitindo que seu lado gorila se movesse mais para a superfície. Seus ombros se alargaram, assim como o resto dele. Ele não fez uma mudança completa por medo de ficar preso em um estado de sedução de sangue. Ele tinha ouvido falar disso acontecendo com outros machos alfas, e Galiena precisava dele demais agora para que deixasse sua testosterona começar a tomar conta.

Bane estava prestes a atacar quando algo ainda maior e mais rápido passou assobiando além dele, passando o braço à medida que o fazia, fazendo-o girar com sua força.

Ele virou dificilmente a tempo de ver o que quer que fosse golpear a criatura, levantando e jogando-a. Esmagou a parede atrás dela. Houve uma explosão gigante e Bane teve menos de um segundo para abaixar e se cobrir quando pedaços da criatura, seguidos de perto por uma grande bola de fogo, dispararam sobre ele.

Quando acabou ele levantou devagar, tonto, confuso e com muita certeza de que uma bomba acabara de sair.

— Merda, nós conseguimos nuked[3]? — Ele perguntou, abrindo e fechando a boca de forma dramática para tentar despressurizar seus ouvidos.



Virando, ele levou um momento para se concentrar- e o que viu o fez congelar no lugar.

Bill estava na parte de trás do bar, perto do corredor que levava aos banheiros, vestindo os

[3] Não sei se é uma arma ou algum explosivo, mais se refere a: atacar ou destruir com armas nucleares.

óculos de aviação que estava com Gus anteriormente, bem como o capacete de futebol e segurando uma arma antitanque sobre um ombro.

Ele abaixou e sorriu, seus dentes tortos brilhantes para todos verem. — E assim que se acaba com eles, meninos! — Ele gritou, fazendo Bane perceber que o idiota louco tinha atirado o objeto sem a proteção apropriada para ouvidos. Inferno, ele não tomou nenhuma medida de segurança antes de disparar, como evidenciado pelo cabelo de Bane que tinha quase certeza de Bill tinha raspado o seu braço quando a ogiva fez seu caminho para a criatura.

— Um aviso teria sido bom! — Lance gritou, sua audição mais do que sofrendo, também, da explosão em um espaço tão confinado. — Eu estou usando pedaços de berserker. Não pense que o serviço de limpeza a seco possa conseguir tirar isso.

— O quê? — Gritou Bill, abaixando a arma momentaneamente enquanto empurrava seu dedo mindinho para dentro de sua orelha. Ele puxou o dedo para fora e colocou a cera na parede ao lado dele. Com o pé, ele cutucou uma grande bolsa preta no chão nas proximidades. Bane reconheceu da bagagem que Bill havia trazido com ele. Havia pouca dúvida na mente de Bane de que a bolsa não tinha nenhuma roupa nela. Ele possuía armas.



Droga. Tão feliz como ele estava em ter mais reforço, Bill era o último homem que queria armado.

— Não consigo ouvir merda nenhuma! — Gritou Bill.

Bane esfregou os ouvidos também. — Onde você conseguiu essa coisa?

— O quê? — Repetiu Bill, dando-lhe um olhar que dizia que estava bem com o seu mau comportamento. — Você tem cabelo de menina e uma voz de garota agora mesmo, menino-macaco.

Afastando-o, Bane olhou para Lance. Sua besta bateu loucamente contra ele, querendo que fugisse em busca de Galiena. Ele não se importava se isso significava que corresse em círculos, enquanto ele estava fazendo uma tentativa de encontrá-la, não em pé ao redor em um clube cheio de entranhas da criatura. — Eu preciso ir atrás da minha mulher.

Bill alcançou o bolso interno do peito da jaqueta e retirou um charuto. Sorrindo, ele apoiou o lançador no chão e começou a cavar em seus outros bolsos de jaqueta.

— Alguém tem um isqueiro? — Ele gritou, sua audição ainda prejudicada.

Bane revirou os olhos. Ele não podia deixar Bill sem vigilância e armado. Não havia como dizer o que o homem faria. Seria o mesmo que deixar a criatura navegar livremente sobre a população humana. Inferno, Bill pode ser pior. — Nós precisamos ir! Onde está o silencioso Gus?

Bill abriu os bolsos mais e depois puxou um pedaço de dinamite. Bane nem sequer podia começar a imaginar onde o homem tinha conseguido isso. Lance correu para o homem pequeno e desarmou-o no momento em que Bill encontrou seu isqueiro e começou a tentar acender.



Com um olhar preocupado, Lance manteve o explosivo longe de Bill. Ele então se virou para Bane. — Seu humano precisa de uma coleira.

— O quê? — Gritou Bill. — Ei, alguém quer um desses charutos? Eles não têm apenas tabaco neles, se você sabe o que quero dizer. Se não, você é um desse que a gente precisa soletrar toda a merda para você, estou falando sobre o LSD.

Esfregando a ponte do nariz, Bane teve que lutar para controlar o gorila o suficiente para pensar com clareza. Ele queria que se movesse, para fazer algo, qualquer coisa, menos ficar quieto. Tudo que entendeu era que sua companheira estava em perigo. Bane também queria chegar a Galiena, mas sabia que precisava pensar claramente.

— Ei, você está bem? — Perguntou Lance.

— Você tem alguma ideia de onde Helmuth levaria Galiena?

— Ontem, eu teria adivinhado, mas depois de vê-lo mudar para essa coisa com asas, não sei nada sobre ele. — Lance fungou o ar e deu um passo atrás, ainda segurando a banana de dinamite. — Os híbridos estão se fechando nesta localização. Eles cheiram como carne apodrecendo.

— Você está com eles ou contra eles? — Perguntou Bane, sem saber se Lance sabia até onde sua lealdade ficava por mais tempo.

Lance colocou o explosivo na cintura de seu jeans, girou ao redor, colocou os braços para os lados e deixou as mãos mudar de forma. Pelos pretos cobriram suas mãos e os antebraços. Ele rosnou, muito parecido com um shifter gato, mas quando ele encontrou o olhar de Bane mais uma vez, seus olhos tinham manchas de vermelho e preto neles, e seus dentes não eram dentes de shifter ele era uma mistura entre shifter e vampiro. — Vá encontrar sua companheira. Vou manter esses caras ocupados.



Bill soprou seu charuto, um sorriso de merda no rosto quando ele pegou a jaqueta e retirou outra banana de dinamite. — Eu ajudo. Gus está dirigindo nosso veículo de fuga.

— Oh, pelo amor de Deus, — gritou Bane, preocupado que o pequeno louco se soltasse no reino antes que Bane tivesse a chance de levá-lo de volta para Casey. — Você não pode fazer outra coisa estúpida?

— Não consigo ouvir uma palavra que você está dizendo, menino-macaco. Bill piscou e virou-se para virar as costas do clube. — Hora de festejar. Vá encontrar sua mulher. Temos essa merda.

Com isso, ele acendeu o final da banana de dinamite e jogou-a pelo corredor.



Capítulo Treze

Galiena chutou helmuth, seu pé batendo com seu maxilar enquanto ele a segurava na parte de trás de um SUV. Ele recuou um pouco, mas não o suficiente para ganhar qualquer coisa perto de vantagem. Em vez disso, ele se posicionou de uma maneira que a deixou praticamente sem espaço para mexer-se, muito menos espaço suficiente para chutá-lo novamente. Isso não a impediu que fizesse outra tentativa.

Desde o momento em que ele a pegou e deixou o clube, ela tentou tudo o que podia pensar para se afastar dele, mas ele era forte.

Muito forte.

Revoltada, seus olhos brilhavam de raiva quando a dor explodiu pelo rosto. Ela agarrou sua bochecha, com certeza estava sangrando, embora as pontas dos dedos saíssem sem sangue.

Dez semanas atrás, ela teria chorado se alguém a atingisse, encolerizada de medo, e esperaria por um dos seguranças que Jinx contratou para lidar com quem ousava prejudicá-la. Embora tenha sido raro no passado, aconteceu. Isso foi diferente. Não havia nenhum segurança para intervir. Nenhum cliente para ser removido do um clube. Isso era para sempre, e ela estava sozinha.



E estava chateada.

Furiosa, querendo um pedaço da carne de Helmuth por ter ousado colocar uma mão sobre ela, sua escuridão a espancava por dentro, exigindo

independência. Ela temia sua escuridão, mas era inteligente o suficiente para saber que precisava de sua ajuda.

Ao fechar os olhos, Galiena permitiu liberdade a escuridão que tão desesperadamente procurava. Isso aconteceu e atravessou-a, fazendo com que todos os seus dedos se curvassem e zumbissem com força. A energia estática ergueu os cabelos e crepitou no ar ao redor dela. Todos os seus sentidos se intensificaram, tão bem e prontos. Sentia-se como uma cascavel, pronta para atacar para se proteger. E atacar ela iria.

Ela não era mais um capacho.

Ela sentiu a mão de Helmuth voltando a aparecer. Ela não gritou nem se encolheu.

Levantando a mão, pegou seu pulso, parando o ataque no meio do movimento, logo antes de atingir seu rosto.

Quando ela abriu os olhos, viu tudo em cores mais vibrantes, conseguiu distinguir o rápido batimento de seu coração por meio de seu sangue correndo pelas veias em seu pescoço. Ela sentiu cada pedaço do predador que seu cientista tinha feito dela, e agora isso era sua marca. Seu brinquedo para fazer o que quiser.



O desejo de ir para o pescoço com os dentes era ótimo, tanto que quase o fez.

Ele olhou para ela e seus olhos se arregalaram. Ele tentou puxar a mão para trás, mas ela se manteve firme, aplicando pressão, sentindo sua pele se endurecer sob seu toque. Ela não desistiu. Não parou de espremer. Parecia que estava agarrando mármore, mas não se importava. Algo no fundo

disse que isso não significava nada para ela que ainda poderia machucá-lo.

Que ela poderia fazer dano.

Ela aplicou ainda mais pressão, e ele estremeceu antes de chorar e arrancar sua mão agora cinza, como pedra dura e pesada dela.

Enquanto sua mente entendeu que sua mão era de pedra, ela olhou para ele.

— O que você é? — Ela exigiu, sua escuridão ainda estava alta.

— O mesmo que você é agora, — disse ele, enfiando a mão no peito dele. Um sorriso maligno se espalhou pelo rosto. — Os outros vão descobrir o que você é. Você acha que seu shifter irá querer você quando souber que tem meu DNA em você? Que você é parte gárgula?

Gárgula?

Jinx costumava contar histórias sobre eles, falando como se fossem fábulas, mitos, as histórias diziam a outros para que se comportassem. Nas histórias de Jinx, ela mencionou como eles eram conhecidos em toda a comunidade sobrenatural como observadores. Como um equilíbrio entre o bem e o mal. E, como tal, eles tiveram a capacidade de sentir instantaneamente a verdadeira natureza de um homem. Se fossem bons ou ruins.



Arquejando, Galiena pensou sobre o poder que ela havia desenvolvido desde o início dos testes. Sobre como sua escuridão agora parece dizer se alguém era mau ou não. Ela inclinou a cabeça, emoções cruas cortando-a. — Você me fez um monstro!

Helmuth agarrou-a pelo cabelo e puxou a cabeça para trás, forçando-a a olhar para ele. — Eu fiz você perfeita para ser minha companheira.

Sua boca tomou a dela e ela manteve os lábios fechados. Ela não queria seu beijo. Ela não queria nada com ele. Empurrando-o, ela tentou e não conseguiu mexer.

— Chefe! — O motorista gritou, um segundo antes que o SUV se desviasse severamente e balançasse, parecendo como se fosse inclinar. Ele bateu em um hidrante, enviando água para todo lado. Galiena saltou no assento, assim como Helmuth, e ele caiu sobre ela mais uma vez, agarrando-a, tentando despi-la, as mãos em todos os lugares ao mesmo tempo.

Gritando, ela bateu nele, fazendo o melhor para infligir tanto dano quanto podia. Em todas as partes, suas mãos atingiram pedra momentaneamente, antes de voltar rapidamente para pele. Seu olhar enlouquecido estava preso no dela.

— Você vai se submeter, prostituta!

A porta do SUV foi arrancada e jogada longe, desaparecendo completamente.

Inesperadamente, Bane estava lá, sua forma preenchendo a abertura. — Não chame minha companheira de prostituta!



Ele estava vivo!

— Bane!

Ele agarrou Helmuth e tirou-o de Galiena. Ele arrastou o homem para fora do veículo e jogou-o antes de virar e colocando as costas contra a

abertura, como se para manter-se entre ela e Helmuth.

Ele não poderia entender com o que estava lidando. Helmuth era o elemento das lendas. Ele era algo que os sobrenaturais temiam. Ela se sentou e tentou endireitar seu vestido emaranhado para poder se mover. Levou mais tempo do que queria, Bane e Helmuth colidiram, presos na batalha num estacionamento abandonado perto do SUV.

Galiena praticamente caiu do veículo. Ela levantou devagar, ficou de pé e correu na direção de Bane e Helmuth. Ela abriu a boca para gritar e os faróis a invadiram. Virando, viu um SUV preto vindo direto para ela.

Sem hesitação, sua escuridão assumiu com um poder de choque através dela. Ela se agachou e logo se levantou no ar. Quando ela desceu, estava no topo do veículo. — Whoa, — ela disse, balançando as pernas em seus pés, sem saber o que diabos acabara de acontecer.

As portas do SUV se abriram e Bill foi a primeira pessoa que viu quando saiu do lado do motorista. Ele olhou para ela e sorriu. — Bonitos movimentos. Você dá boquetes que derrubam e salta por edifícios altos. Você é como minha versão de uma garota super-heroína erótica.

Thor estava próximo do SUV. Ele invadiu o lado do motorista com passos decididos, abriu a porta e depois saiu com um conjunto de chaves nas mãos. Ele apontou para Bill, seu rosto avermelhado, sua respiração rápida. — Você acabou com cem anos de minha vida!



— Cale a boca, — Bill balbuciou, balançando a cabeça. — Eu sou um motorista melhor do que Bane, que porra aconteceu aqui. Alfas sempre tem algo a provar. Totalmente sombrio.

Thor passou por Bill e no banco traseiro do veículo. Seu olhar estava preso em algo ou alguém que ela não podia ver. — Não. Eu não vou me acalmar! Pare de gritar comigo e pare de me chamar de Lance!

Ninguém tinha dito uma palavra, não que ela tivesse ouvido.

Todo mundo está louco.

Galiena olhou a tempo de ver Helmuth lançar Bane no alto. Sua respiração ficou horrorizada quando viu Bane indo cada vez mais alto. Shifters tendiam a ser muito resistentes, mas muito poucos deles podiam se afastar ilesos de quedas altas. Ela queria correr e tentar amortecer a queda de Bane, mas nunca chegaria a tempo. Sem mencionar que, com sua diferença de tamanho, ela faria pouco para amortecê-lo com segurança.

Helmuth brotou as asas de novo, parecendo algo de um filme de terror. Alcançando o corpo caindo de Bane, Helmuth bateu nele e o dois colidiram em um edifício antigo, atravessando a parede, tijolos caindo em todos os lugares.

Medo a lançou e ela tocou o peito, como se tivesse realmente sentido o impacto de Bane atravessando a parede exterior do edifício. Chorando, ela perdeu a calma, caindo do topo do SUV. Braços fortes se envolveram em torno dela e ela sugou uma grande respiração, com certeza ela estava prestes a transformar alguém em cinza sem significado.



— Ei, calma, — disse Thor, segurando-a firmemente contra seu corpo. Ele colocou-a de pé com muito cuidado, e então deu um pequeno passo para trás dela. — Você está bem?

Ela olhou para ele, chocada por ele ainda estar de pé depois de entrar em contato direto com ela. — Eu não o transformei em uma múmia.

Ele parou, como se tivesse esquecido o que ela era capaz, e então seus olhos se arregalaram. — Não. Você não fez.

Ela agarrou-o, pegando pelo colarinho da camisa. — Bane! Você deve ajudá-lo. Ele não pode suportar Helmuth sozinho. Ele é uma gárgula!

— O que? Eles não são reais, — disse Thor, balançando a cabeça.

— Aquela coisa voadora meio lagarto-morcego é muito real, — disse Bill com uma calma que surpreendeu Galiena quando ele abriu o porta malas do SUV. Ele retirou uma bolsa preta e então procedeu retirar algo que se parecia muito com um lançador de foguete.

Quando percebeu que a arma era um lançador de foguetes, ela correu para ficar em seu caminho, na esperança de bloquear sua habilidade de atirar. — Não! Você poderia acertar Bane.

— Talvez. — Ele ofereceu um indiferente encolher de ombros. — Mas talvez eu acerte o cara louco voador em vez disso.

Ela torceu, suplicando com o olhar para Thor.

— Merda, — disse Thor, movendo-se para Bill. — Me dê isto. Vou lançar o tiro.

— Ei, você está roubando minha glória aqui, Deus Nórdico. É o todo-poderoso Pai que ouço chamar? Deve ser sua hora de dormir. Tchau, tchau.

Thor alongou suas presas. — Eles nunca encontrarão todo o seu corpo, humano.



Bill grunhiu. — Vocês sempre ameaça me comer. Nenhum de vocês realmente vai.

— Não ainda, — acrescentou Thor, passando a língua sobre uma de suas presas.

Bill cedeu o controle sobre a arma. — Tudo bem. Aqui.

Thor encontrou seu olhar. — Quão ruim são suas feridas?

Confusa, ela balançou a cabeça. — Eu não tenho feridas.

— Eu vi você foi baleada. Pelo menos duas vezes.

Ela esfregou o lado dela. Não havia sangue ou sinais de lesões através do vestido. — Estou sensível, mas bem.

Bill inclinou a cabeça. — Gus disse o que o cara chamado Krauss fez com ela, mudou sua constituição genética. Diz que a fez à prova de balas.

Galiena finalmente notou Gus no banco traseiro do SUV, olhando para a outra direção. Ele não abriu a boca, e ela estava achando cada vez menos desconcertante o tempo que passava ao seu redor.

Thor se afastou dela e levantou a arma em seu ombro. Ele se alinhou e depois abaixou, amaldiçoando suavemente. — Não consigo ter uma boa mira. Eu vou fazer mesmo assim.



Ela se virou quando Bane foi jogado pela abertura do prédio. Ele caiu no chão com um baque e depois pôs-se de pé com um rugido, parecendo ferido, mas chateado. Ele balançou, agarrando seu lado sangrando.

Ele não podia ficar sozinho contra Helmuth. Bater de frente com o sobrenatural que era um mito, o deixaria morto.

Ajude-o, gritou sua escuridão interna, batendo nela para se libertar.

Galiena desligou, ignorando os apelos de Thor para que ela parasse enquanto corria em direção a Bane.

Helmuth saiu do prédio e foi direto para seu companheiro. Galiena deixou sua escuridão apressar-se e empurrar-se na frente de Bane. O formigamento começou em todo seu corpo mais uma vez e, e depois, sabia, Helmuth estava batendo contra ela - mas ela não estava se movendo. Era como se ela fosse feita de pedra desta vez.

Ele caiu para trás, parecendo atordoado.

Sua escuridão desapareceu e Bane a puxou para fora do caminho, colocando-a atrás dele. Rosnando, ele segurou Helmuth pelo pescoço e ergueu-o no ar. Galiena assistiu com uma admiração espantosa, enquanto todo o corpo de Bane aumentava em altura e massa. A camisa rasgou, mostrando suas costas e as cicatrizes sobre ela, antes que o cabelo escuro cobrisse a parte superior de seu corpo. Uma pele colorida mais clara cobria o resto de suas costas. Parecia prateada.



Ele segurou Helmuth mais alto do chão e agarrou uma das asas do homem, arrancando-a e deixando-a de lado. O sangue brotou livremente da ferida nas costas de Helmuth enquanto seus gritos preenchiam o ar.

— Nunca mais toque na minha mulher novamente! — Gritou Bane, sua voz tão profunda que já não soava humana.

Helmuth sibilou e então seus olhos viraram um roxo profundo, lembrando Galiena de seus próprios olhos agora que Krauss fez testou sobre ela. Helmuth estava dizendo a verdade? Ela era parte gárgula agora?

Garras longas apareceram na mão de Helmuth que atualmente estava pendurada ao lado dele como se estivesse ferida. Sua escuridão acendeu, lendo o homem e suas intenções. Ele iria rasgar o coração de Bane no segundo que a oportunidade se apresentasse.

Ela desligou. Tudo ao seu redor pareceu desaparecer quando ela gritou e colocou-se entre os homens exatamente no momento que Helmuth empurrou a mão com a garra.

Ele bateu no peito superior de Galiena em vez disso.

Ignorando os gritos de Bane, ela agarrou o rosto de Helmuth, puxando, empurrando-o para baixo, seu poder ainda estava alto. Ela sentiu a diferença na energia então sabia que tudo o que estava acontecendo estava relacionado com o lado súcubo dela. Estava trabalhando com a escuridão, não contra ela. E a merda estava prestes a ficar real.

Ela não queria lutar contra o que estava prestes a acontecer. O medo de prejudicar os outros filtrou-se nela, deixando espaço para a aceitação total e completa de quanto um monstro poderia ser. Agora começou a entender o que Krauss tinha feito com ela, enquanto continuava tocando no núcleo de seus dons naturais.



Olhando para Helmuth, ela abriu a boca, respirou sua essência, a força de sua vida, alimentando-se da luxúria profunda dele.

Ela não parou, recusou-se a se mexer, mesmo quando sentiu que Bane tentava movê-la. Ela

continuou, continuou drenando a energia de Helmuth. Seu rosto se afundou e seus olhos secando. Ela ainda não parou. Ela sabia que estava perto de matá-lo e acabar com seu reino de terror.

Algo que precisava acontecer.

De repente, ela foi arrancada dele, e levou um segundo para perceber que Bane a tinha segurado. Ele a afastou de Helmuth, colocando-se entre eles.

O corpo de Helmuth caiu no chão, parecendo como se ele tivesse sido parcialmente transformado em uma múmia. Seus olhos vidrados se fixaram nela, e embora ele não fosse completamente uma casca, seus braços e pernas estavam soltos dentro da roupa, seu pescoço magro e sua pele pálida. Ele estava na porta da morte, e ela tinha sido a pessoa a levá-lo lá.

Ela deveria sentir remorso.

Ela não sentiu.

Bane virou-a mais, bloqueando sua visão do homem. Ele segurou seu rosto. — Baby, você pode me ouvir? Você precisa engaiolar o que está acontecendo com você. Sua pele está começando a ficar azul e eu sinto seu batimento cardíaco fraco. Galiena, tudo o que você está fazendo com ele está tomando muito do seu poder. Vai matá-la.



Seu lábio inferior tremia enquanto recordava vividamente ler as intenções de Helmuth antes de atacá-lo. — Ele ia arrancar o seu coração.

— Então você vai fazer o quê? Sacrificar-se por mim? — Bane exigiu, balançando a cabeça, seus olhos úmidos. — Não. Absolutamente não, mulher!

Sua escuridão bateu nela, exigindo mais do que ela tinha dado. Isso queria a morte de Helmuth.

De repente, ela ficou consciente de cada som em um raio de várias quadras, pois seu lado sobrenatural entrou na sua capacidade máxima. Dando um pequeno passo para trás, ela colocou as mãos sobre as orelhas, tentando parar a onda de sons inundando-a.

Bane a agarrou, parecendo frenético. Então, em um piscar de olhos, sua boca estava sobre a dela, sua língua abriu seus lábios.

Ela empurrou seu peito, preocupada que o que estava acontecendo com ela o machucasse, mas teria tido mais sorte tentando mover uma montanha do que o homem diante dela. Ele a beijou mais forte e ela cedeu, sua língua em torno da dele. Quanto mais eles se beijavam, mais ela sentia sua escuridão escorrer e mais seu lado súcubo entrando em um estado de paz.

— Ela está segura de tocar novamente? — Perguntou Bill, tão perto que isso a fez sacudir. — Ela não está mais azul, embora isso fosse meio sexy.

Bane quebrou o beijo, mas a segurou. — Sim. Ela está bem agora.

Ela olhou em volta, um pouco fora de si e tudo o que tinha acontecido. — Onde está Thor?



Bill grunhiu. — Foi atrás do cara gárgula.

Bane rosnou. — Helmuth se foi? Trinta segundos atrás, ele era uma coisa enrugada, meio múmia. Como é que ele se afastou assim?

— Gus disse que ele pode curar rápido e não era para segui-lo. — Bill assentiu. — Diz que Thor não vai encontrá-lo, mas diz que a hora do cara está chegando em breve.

Bane rugiu e girou. Ele começou a se mover na outra direção e Galiena deu um passo, seu lado doendo de repente. Ela estremeceu e então curvou-se, com a respiração apavorada.

Bane parou e virou. — Baby?

— Não vá. Ouch.

Bill inclinou-se perto dela e a tocou com ternura. — Gus diz que mesmo que você seja à prova de balas, as balas ainda deixam contusões e dão uma pancada violenta. Ele diz que você precisa descansar e de alguns fluidos. Todos nós vamos levar você para algum lugar seguro, ok?

Bane ergueu-a gentilmente. — Sim. Ela vem conosco, gostando ou não.

— Ela é boa com isso? — Perguntou Bill com um sorriso malicioso. — Eu a vi pular dois metros no ar e pousar como um ninja em cima do carro. Então a vi desviar do cara demoníaco. Não estou obrigando ela a fazer nada que não queira.

Sorrindo, Galiena se inclinou contra Bane. — Eu quero ir com vocês.

— Boa resposta, — disse Bane severamente.



Capítulo Quatorze

Segurando uma toalha ao redor de seu corpo molhado, Galiena ficou no centro do quarto de uma casa que Bane assegurou que estava segura. Ele também disse a ela que não era sua casa principal - apenas uma das muitas que estava pronta. Ela não tinha certeza do que o homem fazia para viver, mas, seja lá o que for, ele aparentemente tinha casas em todo mundo, estavam assim - prontas para uso de emergência, com todas as comodidades que alguém poderia precisar enquanto fugia.

O meu homem é provavelmente um criminoso.

Meu homem.

Ela gostou do som disso.

Ele era dela e ela gostava de como isso soava.

Enquanto olhava para o quarto, ela não conseguia parar de sorrir. Era muito diferente do quarto que Helmuth a manteve cativa. Helmuth tinha tudo em vermelho, como se o que ela era e o que fazia para viver significava que seria atraída pela cor.



Ela não era.

O vermelho era a sua cor menos favorita.

Galiena sempre amou o amarelo. E o quarto em que estava era decorado em diferentes tons, misturado com acentos brancos. O todo parecia

bem feminino, bonito, arejado e livre. Não se sentia como um calabouço sexual. Parecia casa.

— O que você faz para ganhar a vida? — Perguntou, pensando em quão inflexível ele tinha sido que essa não fosse sua casa principal. Ele agiu como se isso fosse pequeno demais para ser onde ele pendurava seu chapéu diariamente. O lugar era enorme. Se achasse que isso era pequeno demais, o homem nunca iria sobreviver uma hora no apartamento que ela compartilhava com Paisley.

Quando pensou em sua amiga, ela sorriu mais. Ela estaria com Paisley em breve.

Por enquanto, ela simplesmente caminhou ao redor do quarto, tocando vários móveis, adorando a simplicidade deles. Era certo estar lá. Era certo estar com Bane.

Bane os conduziu diretamente para a casa segura após o incidente com Helmuth e tentou, sem sucesso, fazê-la descansar. Ela queria um banho quente e trocar de roupa. Depois de um tempo, murmurando sobre suas teimosias, enquanto parecia orgulhoso ele aceitou.

Ela não precisava que ele dissesse que gostava de sua raia independente; seu lado súcubo havia percebido o quão excitado ele ficava quando ela batia o pé assim., Mas de qualquer forma, tudo o que ela fazia parecia fazer com que o homem brotasse energia de luxúria. Galiena doía para ser completamente tocada por ele. Para saber como era se entregar completamente para ele.



Logo, pensou. Muito em breve.

O material da toalha, embora macio, sentia-se abrasivo contra sua pele sensível. Ela ansiava que os

dedos de Bane vagassem sobre ela e que os dela aprendesse tudo sobre ele. Tinha uma ideia de soltar a toalha e lidar com suas próprias necessidades. Ela não era a versa à masturbação.

Não era um súcubo auto reprimido.

No centro da cama que tinha uma colcha artesanal sobre algo que ela realmente não associava a Bane, estava uma camisola branca muito bonita. Isso a fez pensar em algo que uma virgem poderia vestir na noite do casamento. Estava muito longe dos espartilhos e meias que ela costumava vestir enquanto trabalhava no clube. No entanto, ela achou que gostava da camisola.

Ela também sabia que isso tinha sido obra de Bill e Gus.

Foi Bill quem se ofereceu para ir à loja e comprar algo para vestir, apesar da hora tardia. Bane hesitou, mas quando Bill apontou o que ela vestia, ele permitiu que fosse, ou iria ele mesmo e deixaria Galiena desprotegida, Bane jogou as chaves para o homem pequeno. E sua carteira, assim que ele acabava de pegar voltar quando chegaram a casa segura. Todo o evento a fez sorrir.

Enquanto estava claro que Bill e Gus podiam acabar com os nervos de Bane com quase nenhum esforço, também era evidente que ele se importava e se preocupava com eles. Ele repassou um rol de itens de segurança com eles antes de permitir que os homens deixassem a casa segura. Ele também caminhou perto da janela por uma hora.



Galiena o deixou no andar de baixo, preocupado, verificando as persianas e tentando entrar em contato com Bill nos aparelhos

descartáveis que ele parecia ter em abundância. Ao ver a camisola, imaginou que tudo acabou bem.

Ela sorriu, sentindo-se mais feliz do que nunca sentiu.

Ela deslizou isso sobre o cabelo úmido, deixando a toalha em volta dela cair no chão.

Um suspiro profundo soou da entrada, fazendo-a virar-se, seu corpo respondendo a quem estava perto. Ela encontrou Bane lá, quase completamente nu, somente vestido por uma toalha cobrindo sua metade inferior, seu corpo lustroso frisado com água, o cabelo comprido úmido e solto. Ele tinha uma mão no porta e a outra estava segurando a toalha em volta da cintura. A toalha de algodão estava pendurada tão baixa que podia ver claramente o V de seus quadris, e sua boca abriu com à vista.

Queridos deuses. O homem tinha um corpo de matar.

Era a primeira vez que o olhava bem, e, ao fazê-lo, seu coração torceu no peito com as cicatrizes cobrindo os braços, o tronco e as pernas. Ela já sabia que se estendiam às suas costas.

— Quem te machucou? — Ela exigiu, seus olhos ardendo com a mudança quando sua escuridão cavalgava no ar entre eles. Ela queria encontrar a pessoa responsável por tentar cortar seu homem em dois e arrancar os olhos de sua cabeça.



Bane não respondeu, simplesmente ficou parado, boquiaberto, sua toalha escorregando cada vez mais. Ele não viu sua raiva? Ele não sentiu a ira que queria libertar-se?

Seu lado súcubo tomou nota da energia que veio dele. Não era preocupação ou ansiedade. Era pura

luxúria. Ele queria foder tudo através dela, e maldição se ela também não queria isso.

— Você é a mulher mais linda que já coloquei meus olhos, — disse ele, sua voz mais profunda do que o normal. Então ele a surpreendeu, permitindo que a toalha caísse, sua mão indo para sua ereção longa e grossa. Ele o espalmou, acariciando com preguiça, o olhar nunca a deixando.

Com uma contração de seu maxilar, ele recuou um pouco, sua mão ainda estava em seu pênis. — Foda, baby. Vá. Corra! Eu sinto minha fera subir.

Ela atravessou o quarto, indo direto para ele.

Bane bateu o corpo contra a parede do corredor, uma mão ainda enrolada em torno de seu pênis, a outra mão levantada, como se fosse para mantê-la à distância. O pensamento a fez rir. Não havia como deixá-lo se livrar dela. Ela o queria muito mesmo. Precisava demais dele.

Com um escovar suave do seu braço, ela moveu o braço dele para longe, o corpo dela indo para o dele. — Oh, estamos fazendo isso, brutamontes.

Seus olhos se arregalaram. — Você é tão pequena. Eu poderia quebrá-la em dois.

Sua língua pulou sobre o lábio inferior. — Espero que sim.



Bane olhou horrorizado pela a ideia.

Ela colocou as mãos no pau dele, assumindo o bombeamento. Seu eixo de aço se contraiu sob o peso de seu toque. Ela sabia que o tinha. Que ele era dela para fazer o que quisesse, e isso animou seu lado súcubo e sua recém-descoberta escuridão.

— Foda-me, Bane.

— E se eu machucar você? — Ele perguntou, sua voz calma.

— Eu usarei uma palavra segura, — ela voltou, tentando não mexer com ele. Não podia sentir o quanto ela precisava disso? Quanto precisava dele?

— P-palavra segura? — Ele perguntou, como se nunca tivesse ouvido falar de tal coisa. Ela achou difícil acreditar.

Com um sorriso perverso, ela disse: — Kong. Essa é a minha palavra segura. Se eu disser Kong, você tem que parar.

Suas sobrancelhas se encontraram, mas suas mãos se moveram sobre as dela, ajudando a bombear seu pau. Ele estava cedendo, mesmo que ainda não percebesse. — Você é tão pequena.

— Eu sou mais forte do que você pensa.

— Mas com tudo o que você passou, — ele disse, aumentando a velocidade com que ela o acariciava.

— Eu curo com energia sexual. Dê-me sexo e vou curar muito mais rápido do que sem isso.



Por um momento, ele não pareceu acreditar nela. Então agarrou a parte de trás de seu pescoço, girou-a contra a parede e capturou sua boca com a dele. O ato inteiro gritou primitivo e fora de controle, mas nenhum dano veio para ela. Só prazer. Apenas a promessa do que ele ia fazer com ela.

Ele finalmente a foderia.

Ela não tinha certeza de que qualquer coisa sobre o encontro poderia ser referida mais tarde

como fazer amor e, honestamente, ela não se importou. Seu corpo estava morto de fome por ele. Sua língua invadiu sua boca docemente, atraindo gemidos de desejo dela. Ela praticamente escalou seu poderoso corpo, não gostando do fato de ser muito mais alto do que ela. Também queria devolver o beijo feroz.

Rindo em sua boca, ele a levantou, seu corpo duro pressionando-a na parede. — A besta considera sua necessidade reconfortante.

Com os olhos baixos, ela observou seu rosto. — Deixe-me entender isso, você não tem mais medo de perder o controle porque eu quero muito ser fodida?

Ele parecia com fome enquanto assentia. — Mas, não hesite em usar a palavra segura se eu for longe demais. E, Galiena, use seu poder contra mim se precisar. Mate-me para se proteger se a fera ficar livre.

— Ou, — ela disse, com os braços em volta do pescoço dele. — Você poderia fazer isso realmente duro e tirá-lo do seu sistema.

Uma risada tremenda veio dele. — Eu nunca vou tirar você do meu sistema, súcubo.

A declaração encheu-a com tanta alegria que ela caiu contra ele, suas pernas envolvendo sua cintura. Não havia nada entre eles agora enquanto sua camisola estava enrolada na cintura. Ela não estava usando calcinha e estava nua.



Como sempre deve ser entre nós, pensou.

Bane alinhou o seu pau com o núcleo molhado, o olhar escuro que os segurava enquanto ele fazia isso. Ela sabia que estava procurando por qualquer

sinal de que ele deveria parar. Para um homem que temia perder o controle, ele tomava grandes dores para ter certeza de que estava segura e cuidada durante o que queria que fosse um frenesi.

Um sorriso de menino mau tomou seu rosto enquanto ele pressionava contra ela, invadindo sua buceta com o que parecia um aríete[4]. Seu sorriso desapareceu rapidamente, dando lugar ao espanto. — Cristo, mulher, você é apertada como uma virgem.

Galiena riu maliciosamente em seu ouvido, recarregando-o cada vez mais. — Efeito secundário do que sou. Sempre será assim.

— Sempre? — Ele perguntou, descrença na sua voz.

— Sempre, — ela repetiu, enquanto ele entrava ainda mais, enchendo-a completamente. Chorando, ela empurrou as unhas nos ombros dele, cavalgando seu pau, amando cada impulso que dava.

Ele não apenas aceitou sua paixão sem sentido. Ele moveu seus quadris perfeitamente, fazendo com que seu pênis atingisse seu ponto G. Em segundos, ela estava derretendo em seus braços, seu corpo recebendo tudo o que ele tinha para oferecer. Ela se alimentou da energia sexual entre eles, sentindo-se rejuvenescida.

Ele mergulhou profundamente, parando lá. Ele levou a testa para a dela e sentiu tremores se movendo através de seu corpo. — Eu quero marcar você como minha. Reivindicar você. Morder você.



---

4  (Comentário da Tradutora: PQP, que porra de tamanho de pau tem esse homem!?!?!?! kkkk)
Aríete é uma antiga máquina de guerra que foi largamente utilizado nas Idades Antiga e Média, para romper muralhas ou portões de castelos, fortalezas e povoações fortificadas.

Perplexa, ela teve que lutar através de sua própria neblina de prazer para entender o que ele estava dizendo, e por que parecia tão preocupado com isso. Ele queria reivindicá-la como companheira. Ela entendia o que isso significaria. Eles se casariam aos olhos da comunidade sobrenatural. Não havia divórcio, sem separação, sem ficar livre dela uma vez que estivesse feito.

E ela não queria ser livre.

Quanto mais ela pensava sobre o que ele queria fazer, mais ela queria que isso acontecesse. Inclinando a cabeça, ela segurou seu rosto. — Morde-me. Faça isso. Reivindique-me.

— Foda! — Ele berrou, mergulhando profundamente nela repetidamente. A maneira agressiva que ele a penetrou era o que seu lado súcubo desejava. Isso queria que ele a dominasse completamente, estar no controle total, e ele estava. Não havia como negar.

Ele ergueu as mãos acima de sua cabeça, pressionando seu corpo na parede com o dele, seu pênis entrando e saindo conforme ele fez. Com uma grande mão, ele conseguiu segurar os dois pulsos acima de sua cabeça, protegendo-os no lugar. Ele moveu a outra mão para sua bunda e segurou-a. Ele a beijou enquanto a fodia como um homem faminto. Era nirvana para ela.



Ela se curvou contra ele, empurrando de volta ainda mais contra seu pênis, atraindo um prazer adicional quando seu clitóris esfregou contra seu abdômen duro. Sua mandíbula cerrou e ele apertou a mão na bochecha da sua bunda desta vez foi doloroso. A mordida de leve da dor a estimulou, excitando-a. Ela seria condenada se dissesse a palavra segura, não quando era tão bom.

Ele afastou a boca dela, todo o seu corpo coberto com um leve brilho de suor. Ela sabia que era de extrema moderação. Ele estava com medo de machucá-la se a fodesse como um animal. Como o seu lado shifter exigia.

Deixando seu poder subir mais, ela empurrou para fora e sobre ele, sabendo que afrouxaria suas inibições, iria torná-lo ainda mais selvagem.



Capítulo Quinze

Bane sentiu a energia de Galiena empurrá-lo, chamando seu lado animal. Ele era impotente para impedir que isso respondesse quando ele subiu para a superfície, fazendo com que sua parte superior do corpo começasse a mudar. O cabelo preto cobriu os braços e ele esperou com a respiração rasa que sua mulher fosse usasse a palavra segura.

Ela não fez.

Ela enviou o olhar sobre a parte superior do corpo e maldição se a pequena bruxa não sorriu com a evidência de sua perda de controle. Ele soltou suas nádegas o tempo suficiente para dar uma palmada nela, esfregando a área imediatamente.

A emoção piscou em seu olhar e ela mordeu o lábio inferior, extraindo sangue, tornando-o ainda mais louco ao ver o fluido escorrer do corte. Ele puxou-a novamente, e então se aproximou, prendendo-a em seu lugar enquanto lambeu o sangue do lábio inferior.



Galiena tentou pegar sua boca com a dela e beijá-lo, mas ele negou-lhe o prazer, querendo que ela soubesse que dois podiam jogar o jogo que estava jogando. Choramingando, ela empurrou mais poder através dele e por uma fração de segundo, ele percebeu o quão fora de si ele estava.

Ela vai me quebrar, ele pensou.

— *Não,*— sua voz soou em sua cabeça, surpreendendo-o. —*Eu vou te amar.*

Ela se comunicou com ele mentalmente, como uma companheira deveria.

Sua buceta convulsionou em seu pau enquanto seu orgasmo a atingia, e toda a excitação que ele tinha em sua conexão mental foi afastada quando ele lutou para não explodir nela. O gorila nele pulou para cima, empurrando mais para fora, fazendo com que seus dentes mudassem de forma. O olhar fixo no pescoço pálido da mulher.

— Minha, — ele conseguiu apenas dizer enquanto sua boca se moveu. Ele sabia que parecia mais animal do que humano, e não se importava. Parcialmente mudado, sua voz era uma mistura pesada de ambas as formas, assim como seu corpo. Sua companheira não estava gritando nem lhe deu uma bofetada para se libertar. Não. Ela estava se pressionando contra ele, com fome de mais, com fome dele - o homem e a besta.

Todas as reservas que ele tinha sobre machucá-la durante o sexo o deixaram. Ele sabia, sem sombra de dúvida, que nunca prejudicaria sua companheira. Ele morreria para protegê-la. Morreria para evitar sua dor.

E mataria qualquer um que tentasse causar sua dor. Uma vez que ele tivesse certeza de que ela estava seguramente escondida, ele iria em busca de Helmuth e acabaria com o homem de uma vez por todas. Ele nunca arriscaria permitir que o homem vivesse. Não com o quanto ele queria Galiena.



Sua besta bateu mais nele.

Reivindique-a! Ele gritou de dentro. Agora!

Com força e velocidade desumanas, Bane bateu mais forte em sua companheira, perdendo o rumo de onde ele terminava e ela começava. Tudo o que sabia era que estar dentro dela era o paraíso, e ele

nunca queria deixar seu corpo. Ele soltou suas mãos e ela agarrou seus ombros. Satisfação como nunca tinha experimentado antes entrou nele como um caminhão. Em um instante, Bane atingiu, mordendo a carne macia do pescoço da mulher, marcando sua carne, marcando-a e não deixando espaço para a interpretação.

Ela era dele.

Agora e sempre.

Seu sangue delicioso instantaneamente se juntou em sua boca. Ele nunca teve fome de sangue, mas podia ver a si mesmo misturando com o dela o mais rápido possível. Para o inferno com o fato de que ele sempre achou a prática entre a gangue das "presas" ser repulsiva. Ele não se importava. Agora, era glorioso, seu gosto impossivelmente perfeito.

Assim como ela.

— Meu! — Ela gritou em troca.

Ele engoliu em seco enquanto sentia sua cabeça se mover para o ombro dele, onde ela tinha mordido a pele. No segundo que sua pequena língua atravessou seu sangue, sentiu como se estivessem sendo presos por um fio invisível. Que fios do destino estavam tecendo entre eles, indo dele para ela e de volta. Eles estavam para sempre ligados, sempre amarrados um ao outro, como deveria ser.



Ele não conseguiu se segurar mais. Explodindo profundamente nela, ele permaneceu no lugar, seu pau se empurrou enquanto jorrava sementes quentes em sua companheira, enchendo-a completamente com tudo o que tinha para dar. As visões dela inchada com um bebê o assaltaram, fazendo sua

respiração mais pesada. Ele queria o sonho americano com ela. Queria uma família, uma vida plena, tudo.

Ela gozou mais uma vez e isso lhe deu um grande prazer. Gostava de saber que ela estava satisfeita. Que ele estava lhe dando o que ela exigia e o que queria. Ele bebeu o sangue dela e então tirou a boca, lambendo a mordida, observando-a curar-se rapidamente pelos agentes curativos em sua saliva. Era uma coisa que ele tinha de agradecer aos cientistas. Eles se certificaram de que quase todos os homens que converteram em shifters poderiam fazer tal coisa.

Ela também lambeu o ombro dele, a mais pequena das risadas veio dela com o processo. — Mmm.

Bane beijou sua bochecha. Ele não se retirou dela, mas sim, ficou aninhado em seu corpo, seu pênis endureceu novamente de uma só vez. Ele algum dia teria o suficiente dela?

Não. Ele não faria.

— Está pronto? — Ela perguntou, com as pálpebras pesadas, a voz com sono.

Ela parecia intoxicada e ele percebeu de certa forma, ela provavelmente estava. Ela era súcubo, e eles se alimentavam do sexo. Ela havia dito que precisava do ato completo e ele tinha dado isso a ela.



Com uma surpresa atordoada, ele observou enquanto seus cabelos se alongavam ainda mais diante de seus olhos, com um brilho profundo. Seus olhos brilharam com um violeta brilhante e suas bochechas coraram antes de preencherem mais, dando-lhe uma aparência saudável que ela não tinha

quando a encontrou pela primeira. Não que ela não estivesse tão deslumbrante antes. Agora, era simplesmente mais, se isso fosse possível. Sua companheira era a mulher mais bonita do mundo.

Galiena ofegou e uma onda de poder disparou através dele, fazendo-o gozar de novo. Ela veio ao redor dele, as paredes de sua buceta apertando ao redor de seu pênis, tirando sua semente dele. Ele não conseguia lembrar se respirava, seus pulmões estavam em chamas quando empurrou novamente, segurando sua bunda, seu corpo tremendo. As bordas de sua visão começaram a escurecer e seus joelhos se sentiram fracos, como quando no banheiro do clube quando ela o levou ao clímax.

Bane bateu as mãos contra a parede aos lados de sua cabeça e ofegou por ar, desesperado por não perder o equilíbrio. Ele não seria o tipo de homem que, cada vez que fodesse com sua mulher, cairia no chão. Como um macho alfa, isso era vergonhoso.

Ele balançou, sua visão ainda estava desfocada.

O riso suave de Galiena deu-lhe algo para se concentrar. — Este é um momento de 'madeira'? Se sim, você pode me soltar? Se você cair ainda dentro de mim, vai me separar em duas.

A ameaça de desmaiar passou e ele engoliu em seco, as pernas ainda trêmulas, mas um pouco mais firmes. — O que diabos foi isso?



Ela mordeu o lábio inferior, com suas bochechas coradas. — Outro efeito colateral de meus poderes. Às vezes, existem repetições. Nunca foi tão intenso antes.

— Como com um terremoto? — Ele perguntou, seus olhos arregalados.

Ela assentiu. — Mas com orgasmos.

— Minha mulher me dá duplas gozadas. — Ele olhou para cima, sentindo-se como o homem mais afortunado em todo o mundo. Ele conhecia seu histórico. Sabia que ele não era digno de tal companheira, mas ele estava muito agradecido por ela. Ela era sua rainha e ele sempre a adoraria em seu altar. Para sempre dedicaria sua vida a protegê-la e agradá-la.

Um pensamento lhe ocorreu, e ele enrijeceu. Ela tinha estado com outros homens, mais do que gostava de saber. Foi assim com todos eles? Ele era apenas um de muitos para ela? — Diga-me que foi bom para você também. Eu não acho que poderia suportar ouvir que isso foi blasé[5].

Galiena olhou para ele pensativamente. — Foi o melhor, Bane. O choque final foi diferente de tudo o que eu tive antes.

Sua besta interior queria dar um jeito à sugestão de outros homens, mas sabiamente se afastou da conversa. Provavelmente esperava ter outra vez. Ele sabia que seria o único pelo resto de sua vida.

— Bom, — ele disse, orgulho viril, inchando nele.

— Parece que foi muito bom para vocês dois, — veio a voz de Bill no final do corredor.



Bane rosnou e virou a cabeça para encontrar Bill de pé, usando um short boxer com trevos de quatro folhas por toda parte, segurando um sanduíche em uma mão e debaixo do outro braço, ele tinha um manequim como se tivesse achado em uma loja de mulheres. Estava usando uma camisola.

[5] Esta palavra é a forma verbal no particípio passado do verbo em francês *blaser*, que indica o ato de tornar insensível ou indiferente.

— O que diabos? — Perguntou Bane, tentando ter certeza de que Galiena estava coberta dos olhos curiosos de Bill, enquanto tentava descobrir o que Bill estava fazendo com um manequim.

Bill sorriu. — Esta é Mona. Ela não fala.

Galiena riu. — Uh, Bill, você sabe que ela não é real, né?

— Estou alto, não louco, — declarou Bill de forma uniforme. Ele deu uma mordida em seu sanduíche e mastigou com a boca aberta. — Eu a peguei quando comprei suas roupas. Eu olho para isso dessa maneira, quaisquer que tenham sido os testes que fizeram em você, você conseguiu se transformar em pedra. E se eu pudesse encontrá-los, fazê-los realizar os testes com Mona, ela se transformaria em uma mulher real? Isso seria perfeito para Gus. Ele realmente brilhou por ela na loja. Eu a peguei para ele. Acabei de dar-lhe um banho. Não se preocupe. Eu não olhei para nada que não deveria fazer.

Bane gemeu. — Você precisa ser medicado.

— Eu fiz brownies especiais, se você sabe o que quero dizer. Eles estão lá embaixo. Todos podemos ser medicados então, — respondeu o pequeno homem. — Nós todos vamos descansar como bebês. Como Gus.

— Ele ainda está com uma cara de merda? — Perguntou Bane, ignorando o manequim.

— Sim. Levará muito tempo para ficar sóbrio. Ele não tem nossa tolerância, menino-macaco. Para não mencionar, eu dei-lhe alguns dos meus brownies especiais.



Galiena esfregou os braços de Bane como se pudesse sentir o seu temperamento começando a subir.

— Você pode levar Mona e ir para a cama? — Perguntou ele.

Um sorriso torto estava no rosto de Bill enquanto olhava para Galiena. — Eu preciso encontrar uma súcubo. De preferência, um que não transforma as pessoas em poeira. Isso poderia ser ruim, mas oi, vale a pena virar poeira por uma chance daquelas repetições. Mona pode ficar com inveja, mas na verdade, ela é mais para Gus do que eu. Ela não acha que ele é estranho e não se importa que ele não seja tão conversador.

— Eu só posso lidar com um tanto de sua loucura. — Um murmúrio baixo começou na parte de trás da garganta de Bane. Era ameaçador, e um claro aviso para o pequeno homem.

Encolhendo os ombros, Bill virou-se e foi na direção do quarto que Bane o colocou no início, batendo a cabeça de Mona contra a parede no processo. Sua cabeça caiu e Bill parou, olhou para a cabeça no chão, e então olhou para cima, olhando para Bane. — Você acha que Gus notará?

— Não, — estalou Bane, sua raiva segurada por um fio. — O homem não fará o contato visual direto tempo suficiente para perceber que não tem cabeça.



Galiena suspirou. — Bill, vou ajudá-lo a colocar a cabeça mais tarde. OK?

— Legal. — Bill saiu da área e a cabeça de Mona ficou no chão.

Bane olhou para baixo e depois se moveu ligeiramente. O que lhe deu desconforto. — Por

todos os lugares em que me movo, seus olhos parecem me seguir.

Galiena riu. — Você tem medo disso?

— Não. Não seja ridícula. — Ele olhou para a cabeça e um pequeno estremecimento passou por ele.

Sua companheira resmungou.

— Bill viu o que fizemos, — ele disse com um suspiro. — Eu deveria ter te coberto melhor. Eu deveria ter me segurado até chegarmos a uma cama. Eu levei você como um animal contra a parede.

Ela pressionou um dedo em seu lábio, silenciando-o. — Então, leve-me naquele quarto, me coloque na cama e foda-me novamente, amante.

Ele parou. — Somos mais do que apenas amantes, Galiena.

— Eu sei. Mas não tenho a certeza de que estou pronta para dizer isso em voz alta. Você está?

Com uma sacudida da cabeça, ele se afastou dela, notando a ausência de seu corpo ao mesmo tempo. Colocando-a suavemente em seus pés, Bane estava diante dela, ainda a agarrando contra a parede. Não conseguiu parar-se, inclinou a cabeça e a beijou de novo.



Ele estava prestes a ficar frustrado novamente quando parou, seu olhar voltando para a cabeça decapitada no chão. — Ok, ainda está me olhando.

Galiena riu e então empurrou para ele. — Leve-me à cama, menino-macaco.

Ele não perdeu tempo levando-a para o quarto, fechando a porta e cruzando para a cama. Ele a

colocou suavemente, e olhou para ela, com fome de seu corpo novamente.

Ele subiu a camisola para cima, expondo-lhe o sexo antes de descer sobre ela, enterrando o rosto entre as pernas. Ele adorava saboreá-la, amava seu creme cobrindo sua língua, adorou a maneira como ela se contorceu sob cada cintilação de sua língua.

Eu a amo, ele pensou, parando um momento.

— Bane, — ela disse, suas mãos encontrando seu cabelo. Ela o segurou, e isso fez com que ele risse contra sua buceta. Ele lambeu, passando a língua pelo clitóris antes de adicionar um dedo à mistura. Ela quebrou facilmente sob o toque de seu dedo e ele se moveu rapidamente, empurrando seu eixo profundamente em sua buceta apertada e úmida.

Ela segurou seus ombros enquanto empurrava dentro e fora dela, grunhindo como a fera que ele era. Ele não conseguiu se controlar. Ela se sentiu tão perfeita, muito certa. E, do jeito que ela olhou para ele sem nada além de arrebatamento em seu rosto, estava gostando do que estava acontecendo entre eles.

Ele sabia quem ele era.

Ele também sabia que nunca ficaria saciado. Ele nunca conseguiria se encher dela.



Prendeu o olhar com o dela, Bane abaixou a cabeça, seus lábios achando os dela no mesmo momento em que ela enviou seu poder súcubo que explodiu dentro ele mais uma vez. Suas bolas se precipitaram rapidamente e ele explodiu sem aviso, empurrou seu pênis nela, seu corpo apertando o dele ao mesmo tempo.

Bane estremeceu, feliz que estava na cama, porque ele estava certo que teria agora caído com certeza.



Capítulo Dezesseis

Galiena escondeu a risada quando envolveu uma fita adesiva ao redor do pescoço de Mona enquanto Bill apoiava a cabeça do manequim. Ele encontrou uma lanterna de cabeça enquanto atravessava o porão, antes de ser expulso da sala por Bane. A luz era brilhante e manteve-se temporariamente cegando a Galiena enquanto tentava colar a cabeça da mulher de plástico.

Ela entrecerrou os olhos. — Bill, isso seria mais fácil sem a luz nos meus olhos.

Levantando uma mão, ele desligou a luz. — Desculpa. Só quero torná-la perfeita. Gus está bravo comigo.

Galiena teve que lutar novamente com a risada. Gus não havia dito uma palavra que ela tenha ouvido, e atualmente estava comendo uma tigela de cereais, embora suspeitasse que queria voltar a dormir. Ele acordou apenas quando Bane entrou no quarto e inclinou-se sobre o homem, checando sua respiração. Por mais que seu companheiro vociferasse, ficou claro que ele havia desenvolvido um ponto fraco para os dois homens.



Então, ela. Eles eram adoráveis.

Ela encontrou o olhar de Bill. — Bane disse algo sobre você dizer que ele tinha que ir ao clube. Isso está certo?

Bill virou-se para Gus. — Ele me disse. Eu simplesmente passei a informação.

— Enquanto você estava roubando seu SUV ou depois? — Perguntou Galiena, curtindo seu tempo com os homens. Havia algo sobre eles que sentia como se fossem família instantaneamente. Algo que ela realmente nunca teve além de Paisley.

Corando, Bill baixou a cabeça. — Eu tentei dizer a ele antes, mas ele é alfa e tem uma linha teimosa de quilômetros de largura.

Ela bufou. Isso soou como Bane. — Você tem alguma ideia do que ele está fazendo naquele porão?

— Tudo é isolado para o controle e operação. Eu acho que ele está entrando em contato com o resto de seus amigos Outcast e provavelmente com o PSI.

Ela ficou tensa. — Ele está com PSI?

Bill balançou a cabeça. — Não. Não oficialmente. Pelo menos não agora. Gus diz que todos mudarão mais tarde. Diz que os Outcasts nem sempre terão que correr, mas, por enquanto, eles precisam.

— O que é um Outcast? — Perguntou Galiena, colocando mais fita adesiva.

Bill olhou na direção da porta do porão, como se quisesse verificar se Bane estava perto antes de falar. — Eles foram os rejeitados depois das experiências do governo sobre soldados.



Ela ficou tensa. Ela tinha ouvido boatos de testes do governo com homens, mas ela nunca tinha sabido com certeza que tinha ocorrido. Rumores em torno dos Immortal Ops corria como incêndio na comunidade sobrenatural, mas nunca tinha

ouvido falar dos Outcasts. — Bane dificilmente parece ser alguém para rejeitar. Eu o vi lutando com Helmuth. Ele é um tipo de fodão.

Suspirando, Bill sentou-se no fundo, segurando Mona com uma mão enquanto continuavam trabalhando no chão, tentando colocar de volta a cabeça. — Ele ficará chateado que estou te dizendo isso.

— É algo que ele vai me contar sozinho? — Perguntou ela.

Bill olhou para Gus e ficou em silêncio por vários longos minutos. Finalmente, ele a encarou. — Não. Ele nunca lhe contará. Ele está embaraçado e envergonhado de tudo. De si mesmo.

— Por quê? — Ela perguntou, seu peito apertando.

— Porque ele se ofereceu para ser testado.

Ela lembrou de quando Krauss a sujeitara diariamente durante semanas. Alguém se inscreveu para isso? — O-o quê?

— Ele era um militar ativo e muito orgulhoso de ajudar a defender seu país. Quando eles vieram batendo, querendo voluntários, ele pulou na chance. Mas eles não foram honestos com os homens. Eles os confundiram. Disseram-lhes uma coisa, tudo isso enquanto estavam fazendo algo mais com eles. Uma vez que eles assinaram concordando com os testes. Não havia como voltar atrás. Não tinha como parar. Não tinha como mudar a mente do governo.



Galiena colocou Mona para baixo e agarrou sua boca, seu corpo tremendo. — O-o que exatamente ele passou?

Gus tocou a colher na mesa, mas não disse nada enquanto Bill dirigia sua atenção para o homem por alguns instantes.

— Eu gostaria que Gus pudesse te contar isso ele mesmo, mas algo sobre seu cérebro estar conectado de maneira diferente, então ele não consegue alcançá-la mentalmente, — disse Bill, tocando o ombro de Mona levemente. — Ele é melhor com palavras do que eu.

Ela colocou a mão sobre a dele. — Eu acho você perfeito com as palavras, Bill.

Ele ofereceu um meio sorriso. — O governo fez testes em mim e Gus também. Não foi divertido, e não foi fácil. Mas acho que os Outcasts conseguiram o pior. Eu acho que eles fizeram coisas para aqueles homens que só podemos imaginar em nossos pesadelos, e quando os homens não ficaram do jeito perfeito que eles queriam, tentaram exterminar a todos.

Arquejando, Galiena tentou, mas não conseguiu impedir que as lágrimas chegassem. Seu homem se ofereceu para ajudar seu país e, em troca, seu próprio governo havia se voltado contra ele?

Bill apertou a mão suavemente. — Ele e seus irmãos, os outros como ele, tiveram que se camuflar. Eles tiveram que se esconder e viver fora da rede há muito tempo. Mais de um século, porque os testes estão acontecendo antes do que a maioria pensa. Bane conseguiu encontrar uma maneira de controlar seu animal até certo ponto. Gus diz que ele luta com isso o tempo todo, e que ele vive com medo de ferir alguém inocente, mas que você o ajuda. Esse acasalamento com você lhe deu outra camada de controle. E que Bane também ajudou a sua escuridão. É por isso que estamos conseguindo te tocar agora e não viramos uma pilha de poeira.



Ela pensou mais e percebeu que não tinha lutado contra a escuridão mais, já que Bane a reclamou. Ela olhou para Gus, sabendo que ele não iria responder, que ele falaria através de Bill. — Acabou agora? Eu não tenho que me preocupar em matar acidentalmente outros?

Bill inclinou a cabeça e depois deu um tapinha na mão com a mão livre. — Gus diz se você matar alguém assim, é porque você quer ele morto e ele merece isso. Ele diz que você vai ser uma mãe feroz.

— Mãe? — Ela perguntou, sentando também.

Bill acenou com a cabeça para sua barriga. — Gus diz que ele tem certeza de que você já está grávida. Diz que James nos contará tudo com certeza.

— James? — Ela perguntou.

— Ele é nosso amigo. Boa pessoa esse James. — Bill sorriu largo. — Posso brincar com o bebê quando ele nascer?

— Bill, eu não acho que estou grávida. É muito difícil para meu tipo conceber, e com o que Krauss fez comigo, provavelmente nunca poderei ter filhos. — Ela fechou os olhos. — Eu deveria conversar com Bane. Se ele quer uma família...

Gus tocou sua colher com mais força, chamando sua atenção para ele. Ele olhou diretamente para ela, e então assentiu lentamente. Esse pequeno ato falou muito.



Um conhecimento interno veio sobre ela que realmente era capaz de ter uma criança com Bane, e que eles já poderiam ter uma a caminho.

Incapaz de se segurar, Galiena se levantou e correu para o lado de Gus. Ela se curvou e abraçou-o com força, dando-lhe um abraço apertado.

Para sua surpresa, ele devolveu o abraço. Ela beijou o topo de sua cabeça. — Obrigada.

Bill levantou-se e puxou Mona com ele. Ele sorriu para Gus. — Ela está bem, não é?

A porta do porão abriu e Bane atravessou, com uma bolsa preta pendurada sobre um ombro, várias armas em coldres e um punhado de telefones pretos. Ele fez uma pausa e levantou uma sobrancelha enquanto olhava para Galiena, que ainda estava abraçando Gus.

— Ele permite que você o toque? — Ele perguntou, surpresa em sua voz.

Galiena beijou o topo da cabeça de Gus novamente, e então apontou para a tigela de cereais. — Termine de comer. Você bebeu muito e precisava de alguma comida na barriga.

Ele obedeceu.

Bane grunhiu. — É claro que ele te escuta.

Ele deu um telefone preto a Bill e depois entregou um para Galiena. — Eles são descartáveis. O número está gravado no contato um, se nos separarmos por qualquer motivo. Isso vai me alcançar. Entre em contato com dois para Casey. Galiena, você pode confiar plenamente em Casey.



Bill resmungou. — Quantos desses você tem?

— Várias centenas, por quê? — Perguntou Bane, sua atenção em outra coisa antes de parar e olhar para ela, seu olhar escuro aquecendo-a. — Acabei de sair do telefone com Casey. Eles estarão aqui esta noite.

Bill sorriu e depois recuou, tropeçando em Mona. O manequim caiu e sua cabeça pulou fora, rolando no chão da cozinha. Gus parou de empurrar os cereais e ficou ainda mais quieto.

Bill grunhiu e acertou o homem com dificuldade. — Eu já lhe disse que não quebrei sua namorada de propósito. Pare de dizer isso. Eu tentei concertar.

Gus não se moveu ou disse uma palavra.

Bane estendeu a mão para ela. — Baby, vamos lá. Vamos deixar os dois resolverem isso.

Ela foi até ele, colocando a mão na dele, o corpo esquentando sob seu toque. Ela usou a outra mão para endireitar o vestido amarelo pálido que encontrou no pé da cama quando acordou. Era exatamente do tamanho dela. Bill pode ser louco, mas ele era incrível em escolher roupas para mulheres.

Bane levou-a pelo corredor e depois para a varanda dos fundos. A casa tinha vista para um lago e tinha belas vistas sobre as montanhas. Quando eles dirigiram para a casa segura, ela se perguntou o quão longe iriam, mas quanto mais eles se distanciavam da cidade e mais profundamente entravam na região selvagem, ela parou de se preocupar. Agora ela nunca queria sair.



Ele tomou um momento e começou a tirar várias armas, colocando-as ao lado de uma espreguiçadeira grande na varanda antes de se sentar e puxando-a para seu colo, fazendo-a rir quando ele fez. — Assim é melhor.

— Você tem um arsenal, — disse ela.

Ele sorriu. — Sim. Isso é muito bom, não é?

Ela bufou. — Certo. Meninos e seus brinquedos.

— Eu quero ter certeza de que posso mantê-la segura em todos os momentos. — Ele piscou e beijou-a.

Ela o beijou de volta e se acomodou contra o peito, olhando para o lago. Era de tirar o fôlego. Em todos esses anos, ela chamou Seattle de casa, e ela nunca percebeu que tudo isso estava a duas horas da cidade. — Eu amo isso aqui. É uma linda casa.

Bane esfregou os braços, afugentando o arrepio do frio matinal no ar. — Galiena, se é aqui que você quer que nossa casa seja, então será.

— Nossa casa? — Perguntou, endurecendo em seu colo.

Ele suspirou, segurando-a mais perto. — Isso tudo tem sido demais para você, não é? Você não está pronta para me dar o 'para sempre', está? Quero dizer, você é jovem. Você provavelmente quer sua liberdade, não ser amarrada a mim, de todas as pessoas.

Ele continuou e finalmente ela apertou o dedo indicador em seus lábios, silenciando-o. Ela prendeu o olhar com o dele. — Eu adoro a ideia de 'para sempre' com você, mas é muito para entrar. É muito para processar na minha mente, e são muitas mudanças. Eu acho que só preciso me acostumar com a ideia de tudo, mas isso não significa que não quero me acostumar com isso. Eu quero me acostumar com você, Bane.



Ele não moveu um músculo. — Você tem certeza?

— Cem por cento.

Ele a abraçou até o ponto que ela pensou que estouraria. Ela grunhiu, e ele afrouxou seu controle. — Desculpa. Eu fiquei excitado.

— Percebi. Ouch. Tente não se excitar enquanto me abraçar de novo.

Ele sorriu. — Você me faz feliz. Realmente feliz.

Ela riu de sua escolha de palavras. — Você também me faz feliz, Bane.

Ele segurou-a apertada contra seu peito enquanto ambos olhavam para o lago. Eles se sentaram assim pelo que pareciam ser horas, simplesmente curtindo estar perto um do outro.

Seu estômago rosnou, e o som pareceu ecoar em torno dela. Ela corou e depois cobriu os olhos.

Bane beijou sua bochecha. — Vamos alimentá-la. O seu estômago está melhor esta manhã?

— Está. Obrigada.

— Galiena, — disse ele, virando-a para encará-la. — Eu quero que você se encontre com um amigo meu. Ele é um médico e um cientista. Você pode confiar nele. Ele trabalha para a PSI.

Ela ficou tensa, ela já estava completamente cheia de estar com cientistas para uma vida toda. Ela não queria estar perto de outro tão cedo.



— James Hagen é um bom cara. Eu prometo.

Ela se acalmou. — James? Bill o mencionou. Ele disse que James poderia nos dizer com certeza se estou grávida agora.

Bane ficou de pé, levando-a com ele, deixando-a balançando em seus braços. — O que? Você o quê? Oh, meu Deus, o quê? Nós só... ontem à noite... como poderia acontecer tão cedo?

— Cara, só precisa de uma vez, e pelos grunhidos e gemidos que vocês dois fizeram a noite toda, fizeram isso muito mais do que uma vez, — disse Bill da porta aberta. Ele sorriu, segurando a cabeça de Mona debaixo de um braço. A cabeça usava o capacete que Gus era tão afeiçoado. — Descobri uma solução agora que faz Gus feliz.

Bane engoliu em seco e depois colocou Galiena rapidamente no chão, tocando-a por toda parte. — Eu machuquei você? Eu fiz o bebê cair?

Galiena uivou com gargalhadas, dobrando, incapaz de recuperar o fôlego.

— Menino-macaco, não funciona assim, — disse Bill.

— O quê? Eu sei disso. Apenas saiu da minha boca. Coisas estúpidas surgem muito quando estou perto de Galiena.

— Eu notei, — disse Bill. — Gus e eu vamos arrumar nossas coisas agora. Vocês dois estão bem?

Ele não esperou por uma resposta. Ele deixou Galiena de pé no convés com Bane.



Bane olhou para ela e suas narinas se abrindo enquanto respirava fundo. — Seu cheiro está começando a mudar.

— Eu acho que eles estão certos sobre você estar grávida. Eu deveria ter notado no segundo que começou. Eu estava tão admirado com você e com tudo para te proteger que não parei para me

concentrar. Galiena, tenho que te tirar de Seattle antes desta noite. Não posso arriscar Helmuth rastreá-la até aqui ou machucar você. Não posso arriscar você nem o bebê.

A própria ideia de que ela poderia estar carregando uma criança e que Helmuth poderia ser uma ameaça a isso fez algo com ela. Em um instante, sua escuridão piscou, e ela abriu as mãos. Um revestimento duro do que só poderia ser descrito como mármore veio sobre seus braços quando as garras dispararam de seus dedos, endurecendo também. Seus olhos queimaram, e ela piscou para Bane. — Vou arrancar a garganta dele se tentar prejudicar nossa criança.

Bane deu um passo para trás e levantou as mãos. — Baby, seus olhos já não estão verdes. Eles estão violetas e você parece que pode arrancar minha garganta agora também.

Ela piscou, a dureza do mármore retrocedendo de uma só vez, a queimação em seus olhos parando também. — Eu te amo. Eu nunca machucaria você.

Ele tropeçou e endireitou-se rapidamente. — Você me ama?

Ela percebeu o que disse e ofegou. — Hum, bem. Podemos mudar de assunto agora?

Ele a alcançou, atraindo-a contra a extensão do peito. Ele passou a mão pelos cabelos dela e a forçou a olhar para ele. Quando o fez, ele a curvou e beijou-a tão completamente que sabia exatamente como ele se sentia por ela. Ele também a amava. Seu coração disparou quando ela devolveu beijo dez vezes.



Capítulo Dezessete

Bane manteve sua companheira mais perto dele enquanto esperavam no banco traseiro do SUV pelo avião com Casey a bordo parar. Bill estava no banco do motorista, e Gus estava ao lado dele, dormindo sob os efeitos de algo que Bill lhe havia dado. Bane não queria permitir que Bill dirigisse, mas ele queria segurar sua companheira. Isso significava deixar o controle. Antes de Galiena, não era algo que ele pensava que poderia fazer. Agora, ele faria tudo o que ela quisesse, estar lá para ela e protegê-la.

Sua mão livre foi para o lado de seu braço e ajudou a aliviar sua preocupação. Helmuth ainda estava por aí, ainda obcecado com Galiena. Claro, o homem foi ferido, mas isso provavelmente mais que o desacelerou por um tempo. Ele voltaria a aparecer, Bane estava certo disso. E ele estaria lá para acabar com o bastardo de uma vez por todas. Ele também se aceitaria seus amigos ajudarem a caçar e matar Helmuth. Era mais um exemplo para ele crescer como pessoa e aprender a abandonar algum controle.

Ele bufou suavemente.



Um olhar sobre o seu ombro mostrou-se como fora de controle as coisas tinham saído. Mona o manequim assustador estava no assento da terceira fila, curvando-se para o lado de Gus, o duto da cabeça agarrado, vestindo algumas roupas que Bill comprara para Galiena. A maldita coisa ainda estava olhando para ele com aqueles olhos mortos. Isso o enervou muito. Não tinha ajudado nada quando ele acordou de uma rápida soneca para achar que Galiena tomara

a cabeça de Mona e a colocou no travesseiro ao lado dele. Ele quase a esmagou, o que fez sua companheira cair na risada da entrada da sala.

Bill também achou toda a provocação hilária, voltando com outro sanduíche e um prato cheio de brownies especiais na mão. Os restos de brownies foram trazidos em uma bolsa para a viagem, contra os protestos de Bane.

Os pequenos amigos de Casey eram um punhado. E ele mal podia esperar para entrega-los a Casey e terminar com isso. Mas vale dizer, eles o ajudaram a encontrar sua companheira. Eles o fizeram fazer sexo como prometido, e ele tinha Galiena por causa deles.

Além disso, sua companheira parecia ter se apegado a eles, preocupava-se com Gus e o delírio em Bill, certificando-se de que o homem pequeno tivesse se barbeado e tomado um banho. Ela até ficou ao lado dele, observando enquanto ele escovava os dentes. Bill resmungou o tempo todo, mas ele tinha feito tudo o que Galiena pediu. Ela até lhe entregou roupa para vestir a Mona.

A vida de Bane se transformou em um circo, e ele adorou.

Ele a amava.



Galiena estava escondida com segurança contra o lado de Bane, depois de ter dormido no caminho para a pista de pouso. Bane beijou o topo da cabeça de sua companheira, sem saber se chegaria ao ponto em que ele poderia parar de entrar em contato com ela. Como estava, se ele não estava a tocando, e ela não estava em sua linha de visão, sua besta começava a se levantar, passeando, observando e desejando. Ele queria estar perto dela.

Assim o fez.

— Eu amo você, — ele sussurrou contra seus cabelos enquanto inalava seu aroma de jasmim e baunilha.

Bill sorriu do banco da frente. — Grande alfa ruim diz isso quando a menina está dormindo. Covarde.

— Tome conta da sua própria vida, — rebateu Bane, sua voz baixa para evitar despertar Galiena.

Bill deu língua e logo virou para frente.

Bane arrumou Galiena ainda mais contra ele, não querendo compartilhá-la com os outros. Ele sabia que Harmony teria uma série de perguntas para ela, e ele não duvidava que as duas mulheres se ligassem. Enquanto ele estava feliz por Galiena ter uma mulher ao redor, outra parte dele, uma parte egoísta, queria suas atenções somente para si mesmo.

Ele respirou fundo, percebendo que se ela estivesse grávida, teria que aprender a compartilhá-la agora e depois. Um sorriso tocou levemente os lábios. Ele poderia imaginar um pequeno com os grandes olhos verdes de Galiena e sua pele de cor clara. Quando ele pensou no que seu filho poderia herdar dele, ele engoliu seco.



Merda. Meu temperamento, sem dúvida.

Ele não estava de modo algum pronto para lidar com uma criança com sua raia de teimosa. No entanto, isso lhe serviria com certeza. Teve que rir suavemente com a ideia de tudo isso.

Bill olhou de volta para Bane, piscou e depois saiu do veículo, dando a Bane um tempo particular com Galiena. Mesmo que Gus ainda estivesse no

carro, ele não estava em condições de incomodar. No café da manhã, Bill tinha deslizado algo para o homem, jurando que era para o benefício do grupo. Bill mencionou algo sobre Gus precisar ser amarrado na última vez que voou, então era melhor ele estar inconsciente. Bill jurou que o homem estava bem. Que era necessário um sono profundo.

Bane não podia deixar de olhar para o homem estranho no banco do passageiro e pensar no agente quebrado do PSI. Gus estava relacionado a Christopher? O DNA de Christopher realmente foi usado na criação de Gus? Em caso afirmativo, os outros da PSI sabiam?

Mexendo, Galiena chamou sua atenção para ela. Ele olhou para a mulher e lutou contra o desejo de sorrir. Ele não era conhecido por ser excessivamente feliz, mas a sensação em seu peito era de pura euforia. Ele tinha uma esposa, uma companheira algo que ele nunca acreditou que poderia acontecer, e ele poderia até ter um pequeno a caminho.

Era pura felicidade.

Ele teve que lutar contra a vontade de apertá-la com força. Ela era tão pequena que não podia deixar de se preocupar que a quebraria acidentalmente. Embora, ela certamente poderia segurá-la quando necessário.



O orgulho brotou nele.

Casey abriu a porta do jato e uma mulher que Bane não esperava ver de novo tão logo, se adiantou na frente de Casey, correndo pelas escadas e pulando na pista. Um grande cara que parecia ter desistido de tentar controlar a mulher estava perto dela.

Bane riu suavemente quando Paisley conseguiu superar o companheiro, Weston. A pequena mulher

chegou ao SUV em tempo recorde, abrindo a porta, fazendo com que Galiena se encolhesse e gritasse contra Bane.

Ele beijou a têmpora da mulher e a abraçou forte. — Shh, baby, está tudo bem. Acho que alguém sentiu sua falta. Estou apostando que ela não deu a Casey a opção de não vir.

Bill abriu a porta do motorista e se inclinou enquanto Paisley e Galiena gritavam e se abraçavam. Bill sorriu largamente, parecendo bastante satisfeito consigo mesmo. — Gus pensou que era importante Casey e Harmony pararem e pegar Weston e sua mulher antes de virem. Ele achou que sua companheira poderia gostar muito disso.

— Obrigado. — Bane continuou a sorrir enquanto sua mulher deslizava para fora do SUV e continuava gritando e abraçando Paisley. Bane seguiu atrás deles e ficou de pé, esticando seus músculos doloridos. A luta com Helmuth tinha sido mais difícil do que deveria ter sido, e isso era preocupante. Felizmente, Bill estava certo e o dia de Helmuth estava chegando. A ideia de que ele ainda estava lá fora, ainda atrás de Galiena, horrorizava Bane.

Weston estendeu a mão para Bane e depois puxou-o para um abraço viril. Quando ele o soltou, assentiu. — Obrigado por encontrá-la.



— Ela me encontrou, irmão, — ele disse, observando sua mulher abraçando Weston. — Eu estava no lugar certo no momento certo. O destino fez o resto.

— Achei que você não acreditava no destino, — disse Weston com uma piscadela.

Harmony, a companheira de Casey, estava ao lado do avião. Ela apressou-se na direção de Bill, curvou e abraçou-o antes de olhar para o assento do passageiro. Ela ofegou e prendeu o olhar com Bane. — Você matou Gus!

— Não, ele está drogado, — disse Bane com um aceno desdenhoso de sua mão.

— Você o drogou? — Ela perguntou, parecendo alarmada.

Bane grunhiu. — Eu não fiz nada. Wild Bill que fez. Esses dois fazem o que querem.

Ela balançou a cabeça. — Eu juro, ninguém iria acreditar que vocês todos são soldados de elite, treinados. Vocês não conseguem cuidar de um velho e Gus.

Bill bateu seus cílios como se ele fosse totalmente inocente. Bane queria torcer o pescoço do pequeno homem.

Harmony passou por Bill antes de passar e verificar Gus por si mesma. O marido se aproximou de Bane e o abraçou também.

— Irmão, — disse Casey. Ele olhou para Galiena e a preocupação piscou nos olhos dele. — Ela é tão fina.



— Eu sei, — retornou Bane, sabendo que sua companheira precisava ser cuidada. — Ela passou por muita coisa. Helmuth a teve todo esse tempo, e houve testes envolvidos. Krauss fez coisas com ela.

Bane tentou o seu melhor para preencher Casey com informações no início da manhã, enquanto ele estava escondido na base de operações da casa

segura no porão. Ainda havia muitos fatores desconhecidos.

— Então, as gárgulas são reais? — Perguntou Casey, soltando um longo suspiro.

— Sim, e eles são poderosos. — Bane girou seu pescoço. — Ainda estou furioso.

Os olhos de Casey arregalaram e ele olhou brevemente para Weston antes de voltar sua atenção para Bane. — Você teve muitos problemas com ele?

— Sim.

Weston ficou parado antes de comentar: — Bane, você é um dos mais fortes de nós.

— Eu sei.

— Isso não é bom, — disse Casey, afirmando o óbvio. — Você disse que acha que Krauss colocou o DNA de gárgula no sistema de Galiena também?

— Foi o que ela me disse. E pelo que a vi fazer, eu diria que sim. É uma coisa certa. Além disso, acho que ela pode estar levando meu filho agora. Quero levá-la a James imediatamente. Preciso que ele a verifique. Preciso saber se ela está segura.



Casey e Weston compartilharam um olhar que dizia entender o significado dessa afirmação. Foi Casey quem falou. — E quanto a Helmuth?

— Como eu disse ao telefone, ele se foi. Nenhum rastro dele ou de Lance.

— Eu notifiquei Lukian, — disse Casey de forma igual.

Bane olhou-os cuidadosamente. — Ele não sabe que é Lance. Ele realmente acha que é esse Thor. Mas algo estava fora. Ele não ajudou Helmuth ou seus homens. E ele não deixou que os inocentes se machucassem. Ele colocou sua vida na linha de frente por mim e minha companheira. Eu acho que algo do Lance que todos conhecemos está lá.

— Acha que ele está lutando com o que quer que tenham feito em sua mente? — Perguntou Casey, soando esperançoso.

— Sim.

— E os híbridos? Você mencionou que um deles era gigante e Bill explodindo-o com um foguete? — Perguntou Casey.

A mera menção de Bill e do foguete fez Bane imediatamente cansado. — Sim. Lance me disse que, fosse o que fosse, Krauss conseguiu.

Weston limpou a garganta. — Você acha que costumava ser um de nós? Um Outcast?

Bane não queria permitir que sua mente fosse lá, mas a maneira como as peças estavam juntas, as chances eram altas de que fosse o caso. Ele assentiu.



— Malditos filhos da puta, — gritou Weston.

Paisley soltou do abraço de Galiena e levantou uma sobrancelha na direção de seu companheiro. Weston baixou a cabeça e grunhiu. — Desculpa. Parei de usar essa linguagem.

Casey escondeu sua risada, mas Bane não se incomodou.

Weston apontou para ele. — Há, ria. Você está prestes a saber como parece ser ter suas bolas em uma jarra.

Os olhos de Bane se arregalaram. Harmony fez isso com Casey. E estava bem claro que Paisley tinha feito o mesmo com Weston. Era a vez dele?

Paisley e Harmony observavam atentamente Weston como se o desafiasse a dizer mais.

Ele franziu os lábios. — Eu disse bolas em uma jarra? Eu queria dizer que você está prestes a saber o que significa ter seu coração cheio de alegria.

Respirando, Paisley revirou os olhos. — Você estava certa na primeira vez.

— Totalmente certa na primeira vez, — acrescentou Harmony, fazendo com que Galiena risse suavemente. — Nós gostamos de manter vocês sob nossos dedos dos pés. Vocês também são todo alfa para seu próprio bem.

Os homens compartilharam um olhar e ninguém ousou negar que eles eram muito alfas.

Bane olhou para a mulher e o peito apertou mais. Tanto quanto ele sempre pensou em si mesmo como um solitário, independente e alfa para ser conduzido por uma mulher, ele percebeu que não havia lugar em que preferisse estar do que a mercê de sua companheira. — Ela é bem-vinda a me montar em cima da lareira. Ou seja lá o que quiser, vou dar.



As mulheres se fecharam ao redor de Galiena e lhe deram mais abraços. Os homens compartilharam olhares entre si que dizia que deveriam intensificar-se no departamento de romance, e rápido.

Bill balançou a mão no ar. — Então, quão grande seria o jarro para suas bolas?

Bane resmungou. — Pare de tentar ver meu pau.

— Queridos deuses, ele não está tentando ver o seu também, está? — Perguntou Weston.

Resmungando, Bill se ajustou. — Ei. Quero saber o que tenho que esperar quando voltar e fizer com que me deem o que vocês conseguiram.

Casey riu. — Não é algo que você quer, pequeno amigo. Confie em mim. Que tal nós pegarmos Gus e carregá-lo no avião enquanto ele está dormindo?

Weston gemeu e abriu caminho para o SUV. — Ainda bem. Ele odeia muito voar. Eu aprendi do jeito mais difícil.

Bane riu. — Certo, eu fui informado.

Casey chegou antes de Weston ao SUV e levantou Gus com cuidado. Ele caminhou em direção do avião e depois parou quando Weston alcançou a porta aberta do SUV rapidamente e tirou a bolsa de brownies que Bill havia feito.

Antes que Bane pudesse avisar o homem, Weston estava empurrando um pouco na boca. — Mmm, eu estava morrendo de fome. Estes são deliciosos. Quer um?



Casey continuou segurando Gus, mas sacudiu a cabeça. — Chocolate e lobos não se misturam.

— Oh, certo. Ruim para você.

Bane abriu a boca e depois a fechou, o olhar encontrando com Bill, que estava sorrindo como o gato que comeu o canário. Casey levou Gus para o avião e depois voltou, indo para a companheira, que ainda estava falando e abraçando com as outras mulheres. Bane bufou, feliz, seus amigos não eram tão sensíveis.

Casey verificou o relógio e depois olhou para Bane como se quisesse pedir-lhe para que as mulheres se movessem. Bane levantou as mãos e balançou a cabeça. De jeito nenhum ele ia se intrometer entre as senhoras.

Weston terminou o último dos brownies e apertou o saco vazio na mão. Ele congelou e olhou para o SUV com os olhos arregalados. — Bane, há uma vadia assustadora em seu carro olhando para mim com olhos que não piscam. Eles não parecem piscar...

Galiena se afastou de Paisley e levantou uma sobrancelha. — Querida, seu companheiro está alto?

— Ele comeu Brownies especiais de Bill e agora ele encontrou Mona.

— Mona? — Perguntou Casey.

Bane sorriu. — A vadia assustadora na parte de trás do SUV.

Weston movia-se para frente e para trás um pouco. — Seu olhar me segue. Está me deixando estranho.

— Conheço o sentimento, — disse Bane, no mesmo instante em que a cabeça de Mona caiu mais uma vez.

Weston gritou, soando como uma menina, em vez de um super soldado geneticamente modificado. Ele então passou a correndo e ficou atrás de Casey, fazendo Bane rir no processo.



Bill resmungou. — Que alfas vocês são.

Galiena chegou a Bane e colocou seus braços em volta de sua cintura. Ela o abraçou e ele devolveu o abraço. Ela beijou seu peito e olhou para ele. — Eu adoro o meu alfa e, além de ter medo de Mona, acho que ele é muito corajoso.

Seu corpo se aqueceu ao ouvir seus sentimentos por ele. — E seu alfa também ama você.

Bill sorriu. — Já estava na hora de tomar coragem e dizer isso cara-a-cara, menino-macaco.

— Casey, vou comer o seu amigo, — gritou Bane.

Bill deu língua e correu para o avião. — Tem que me pegar primeiro!

Fim

